

DÉBORA PRISCILA SIMIÃO

**ESTUDO COMPARATIVO DAS FORMAS UAI, UÊ E UÉ EM ITAÚNA/MG E
PIRANGA/MG**

Belo Horizonte
2016

DÉBORA PRISCILA SIMIÃO

**ESTUDO COMPARATIVO DAS FORMAS UAI, UÊ E UÉ EM ITAÚNA/MG E
PIRANGA/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria do Carmo Viegas

Belo Horizonte
2016

À Professora Doutora M^a do
Carmo Viegas, que tornou possível
a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha mãe, Marcelina Aparecida, por ser o meu porto seguro; por não medir esforços e sempre fazer tudo que lhe é possível para que eu alcance os meus objetivos; e, principalmente, por ter sido, durante a realização deste trabalho, a principal razão que me motivou a vencer mais esta árdua batalha.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre abençoar a minha vida e iluminar os meus caminhos, dando-me forças para lutar pelos meus objetivos.

À minha mãe, Marcelina, e à minha irmã, Daniele, por sempre estarem ao meu lado, com amor e carinho, me apoiando em todos os momentos.

Aos meus tios, Sebastião e Edineia, que prontamente me acolheram em sua casa, desde que me mudei para Belo Horizonte, contribuindo, desse modo, para mais esta conquista em minha vida.

Aos meus amigos, da UFV e da UFMG principalmente, por acreditarem no meu potencial e por me incentivarem, de diversas formas, a conquistar as minhas aspirações profissionais.

Aos meus familiares que se dispuseram a me apoiar em tudo que fosse necessário para que mais este sonho fosse realizado.

À Professora Doutora M^a do Carmo Viegas, pela dedicada e brilhante orientação. Sua paciência e dedicação para comigo durante a pesquisa foram fatores indispensáveis e determinantes para a conclusão deste trabalho.

Ao grupo Varfon-Minas, pela colaboração com o fornecimento dos dados que formaram o *corpus* analisado nesta pesquisa.

Aos mestres da UFV, da UC e da UFMG que desde o início da minha formação profissional vêm contribuindo para o meu sucesso.

Ao Professor Doutor Francis Arthuso Paiva, por ter sido um grande amigo e uma forte inspiração para mim durante mais esse processo de formação e por ter colaborado tanto quanto pôde para meu crescimento pessoal e profissional nestes últimos anos.

Aos meus queridos alunos do COLTEC/UFMG, pelo carinho, pela compreensão e pela paciência comigo durante este tempo em que estivemos juntos, fato que muito contribuiu para a realização desta pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho, docentes e servidores, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram durante esta batalha.

Às amigas Luísa e Nathalia, que me ajudaram tanto quanto puderam durante o período de realização desta pesquisa

Aos professores doutores Pâmela Pereira, Jânia Ramos e Márcia Rumeu, por aceitarem compor a banca examinadora desta dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo fazer uma análise comparativa, no âmbito da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), entre as formas UAI, UÉ, e UÊ em duas cidades de Minas Gerais, Itaúna e Piranga. Segundo divisão proposta por Nascentes (1953), a primeira dessas cidades se encontra na área de falar mineiro – no limite com a área de falar paulista ou sulista – enquanto o segundo desses municípios está localizado na área de falar fluminense. Assim, fazemos uma análise das formas mencionadas considerando-as variantes dentro de determinado contexto. Foram analisadas aqui duas variáveis diferentes: UAI1 – em posição inicial de sentença – e UAI2 – em posição final de sentença. Essa divisão foi feita com base nos diferentes contextos assumidos por cada variável objeto desta pesquisa. Os dados, coletados pelo grupo de pesquisa Varfon-Minas, foram submetidos a um processo de análise acústica. Para a medição do grau de significância das diferenças entre as variantes, utilizamos o teste do qui-quadrado. Nossa análise objetiva observar principalmente a influência dos fatores sociais gênero e faixa etária do falante, assumidos aqui como variáveis independentes, no uso que os falantes fazem dessas formas. Nossa hipótese inicial foi a de que o uso das variáveis em questão se dá de modo diferente nas duas comunidades de fala pesquisadas. É ainda objetivo deste trabalho apresentar indícios da possível origem da forma UAI, traçando uma rota para o desenvolvimento das variantes. Concluimos que houve um processo de lexicalização relacionado às duas variáveis estudadas.

ABSTRACT

This research has as main goal to make a comparative analysis, on the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972) field, between the forms UAI, UÉ and UÊ in two cities of Minas Gerais, Itaúna and Piranga. According to the division proposed by Nascentes (1953) the first of those two cities is situated in the mineiro speaking area – on the limits of the paulista or sulista speaking area – while the second one is located in the fluminense speaking area. Thus, we will make an analysis of the forms mentioned considering them variants on specific contexts. Two different variables were analyzed in this study: UAI1 and UAI2. This division was made based on the different contexts assumed by the variable, object of this research. The data, collected by the research group Varfon-Minas, were submitted to a process of acoustic analysis; we used also the chi-square test. Our analysis aims to observe mainly the influence of social factors of gender and age group, assumed here as independent variables, in the use that the speakers make of these forms. Our initial hypothesis was that the use of the analyzed variables occurs differently in the two speaking communities researched. It is also a goal of this dissertation to present a proposal to the possible source of the form UAI, drawing a route to the development of those variants. We conclude that there was a process of lexicalization related to the two studied variables.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO	15
1.1 O gênero/ sexo do falante	17
1.2 A faixa etária do falante	18
1.3 O grupo social do falante	19
1.4 O nível de escolaridade do falante	20
1.5 A comunidade de fala	20
1.6 As redes sociais	21
2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	24
2.1 Os falares de Minas Gerais	24
2.1.1 O falar baiano	26
2.1.2 O falar fluminense	26
2.1.3 O falar mineiro	27
2.1.4 O falar paulista ou sulista	27
2.2 As comunidades de fala pesquisadas	28
2.2.1 O município de Itaúna	28
2.2.2 O município de Piranga	31
2.3 As redes sociais e as comunidades de fala em estudo	36
2.4 A seleção dos informantes	37
2.5 A análise acústica	38
2.6 A análise estatística dos dados: o teste de qui-quadrado	39
3 UAI E SUAS VARIANTES	41
3.1 A origem popular de UAI	41
3.2 UAI de acordo com os estudos linguísticos	41
3.3 UAI nos dicionários de português	53
3.4 UAI no Corpus do Português	55
4 A ANÁLISE DE DADOS	59
4.1 A organização dos dados	59
4.2 Comparação das formas entre as cidades	64

4.2.1 Em posição inicial de sentença – UAI1	64
4.2.2 Em posição final de sentença – UAI2	65
4.3 Análise em Itaúna	67
4.3.1 Inicial – UAI1	67
4.3.1.1 Gênero do informante	67
4.3.1.2 Faixa etária do informante	68
4.3.1.3 Principais conclusões acerca de UAI1 em Itaúna.....	70
4.3.2 Final – UAI2.....	70
4.3.2.1 Gênero do informante	70
4.3.2.2 Faixa etária do informante	71
4.3.2.3 Principais conclusões acerca de UAI2 em Itaúna.....	72
4.3.3 Comparação entre UAI1 e UAI2 em Itaúna	73
4.4 Análise em Piranga	74
4.4.1 Inicial – UAI1	74
4.4.1.1 Gênero do informante	75
4.4.1.2 Faixa etária do informante	76
4.4.1.3 Principais conclusões acerca de UAI1 em Piranga.....	76
4.4.2 Final – UAI2.....	77
4.4.2.1 Gênero do informante	77
4.4.2.2 Faixa etária do informante	78
4.4.2.3 Principais conclusões acerca de UAI2 em Piranga.....	80
4.4.3 Comparação entre UAI1 e UAI2 em Piranga.....	80
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	83
5.1 Principais resultados obtidos para UAI1	82
5.2 Principais resultados obtidos para UAI2	82
5.3 Discussão dos resultados	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	92

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa dos falares brasileiros, segundo Nascentes (1953).....	25
Figura 2 – Mapa dos falares mineiros, segundo Zágari.....	26
Figura 3 – Localização de Itaúna em Minas Gerais.....	28
Figura 4 – Mapa de Itaúna/MG.....	29
Figura 5 – Localização de Piranga em Minas Gerais.....	32
Figura 6 – Mapa de Piranga/MG.....	32

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Os informantes selecionados nas duas comunidades de fala	38
Tabela 2 – Total das ocorrências, em início de sentença, nas cidades pesquisadas	65
Tabela 2.1 – Variação uai ~ ué nas duas cidades.....	65
Tabela 2.2 – Variação uai ~ uê nas duas cidades.....	65
Tabela 3: Total das ocorrências, em final de sentença, nas cidades pesquisadas	66
Tabela 3.1 – Variação uai ~ ué nas duas cidades.....	66
Tabela 3.2 – Variação uai ~ uê nas duas cidades.....	66
Tabela 3.3 – Variação ué ~ uê nas duas cidades.....	67
Tabela 4 – Distribuição dos dados pelo gênero do falante – UAI1.....	67
Tabela 4.1 – Variação uai ~ ué por gênero do falante.....	68
Tabela 4.2 – Variação uai ~ uê por gênero do falante.....	68
Tabela 4.3 – Variação ué ~ uê por gênero do falante.....	68
Tabela 5 – Distribuição dos dados pela faixa etária do falante – UAI1/Itaúna.....	69
Tabela 5.1 – Variação uai ~ ué por faixa etária do falante.....	69
Tabela 5.2 – Variação uai ~ uê por faixa etária do falante.....	69
Tabela 5.3 – Variação ué ~ uê por faixa etária do falante.....	69
Tabela 6 – Distribuição dos dados pelo gênero do falante – UAI2/Itaúna.....	70
Tabela 6.1 – Variação uai ~ ué por gênero do falante.....	71
Tabela 6.2 – Variação uai ~ uê por gênero do falante.....	71
Tabela 6.3 – Variação ué ~ uê por gênero do falante.....	71
Tabela 7 – Distribuição dos dados pela faixa etária do falante – UAI2/Itaúna.....	71
Tabela 7.1 – Variação uai ~ ué por faixa etária do falante.....	71
Tabela 7.2 – Variação uai ~ uê por faixa etária do falante.....	71
Tabela 7.3 – Variação ué ~ uê por faixa etária do falante.....	71
Tabela 8 – Total das ocorrências, nos dois contextos, em Itaúna.....	73
Tabela 8.1 – Variação UAI ~ UÉ, por posição na sentença, em Itaúna.....	73
Tabela 8.2 – Variação UAI ~ UÊ, por posição na sentença, em Itaúna.....	73
Tabela 8.3 – Variação UÉ ~ UÊ, por posição na sentença, em Itaúna.....	74

Tabela 9 – Distribuição dos dados por gênero do falante – UAI1/Piranga	75
Tabela 10 – Distribuição dos dados por faixa etária do falante – UAI1/Piranga.....	76
Tabela 11 – Distribuição dos dados por gênero do informante – UAI2/Piranga.....	77
Tabela 11.1 – Variação UAI ~ UÉ por gênero do falante.....	77
Tabela 11.2 – Variação UAI ~ UÊ por gênero do falante.....	78
Tabela 11.3 – Variação UÉ ~ UÊ por gênero do falante.....	78
Tabela 12 – Distribuição dos dados pela faixa etária do falante – UAI2/Piranga.....	79
Tabela 12.1 – Variação UAI ~ UÉ por faixa etária do falante.....	79
Tabela 12.2 – Variação UAI ~ UÊ por faixa etária do falante.....	79
Tabela 12.3 – Variação UÉ ~ UÊ por faixa etária do falante.....	79
Tabela 13 – Total das ocorrências, nos dois contextos, em Piranga.....	80
Tabela 13.1 – Variação UAI ~ UÉ, por posição na sentença.....	80
Tabela 13.2 – Variação UAI ~ UÊ, por posição na sentença.....	81

INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa desenvolvida no âmbito da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972) e tem por objetivo fazer um estudo comparativo entre uso das formas variantes UAI, UÉ e UÊ em duas cidades de Minas Gerais, a saber: Itaúna e Piranga. De acordo a teoria aqui utilizada, para se fazer um estudo sistemático e completo das línguas, é preciso que se desenvolva um trabalho que considere os aspectos linguísticos e os aspectos sociais que influem no funcionamento das línguas. Tratar tal fenômeno como variável significa analisar o uso de diferentes formas que podem ser utilizadas em um mesmo contexto sem que o significado do que foi dito se altere.

O *corpus* aqui analisado é constituído por falas espontâneas de informantes dos dois municípios anteriormente citados. Os dados foram coletados pelo grupo Varfon/Minas/CNPq¹, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pela Professora Doutora Maria do Carmo Viegas. O método de coleta de dados utilizado foi o de entrevista espontânea gravada. Os dados foram transcritos e analisados acusticamente para a realização desta pesquisa.

A escolha do estudo de dois municípios mineiros justifica-se pelo fato de Minas Gerais ser um dos estados brasileiros em que há maior número de falares definidos. Das sete subdivisões existentes no país, de acordo com a divisão proposta por Nascentes (1953), quatro incluem áreas de Minas Gerais, evidenciando, desse modo, a complexidade linguística desse estado e sua representatividade em relação ao Português Brasileiro. Como parte da proposta do estudo dos falares mineiros do grupo Varfon-Minas, a escolha desses municípios está relacionada ao fato dessas cidades representarem diferentes falares de Minas.

Nesta pesquisa será considerada ainda a noção de redes sociais, proposta por Milroy (1980, p. 178):

Note that the term *social networks* refers quite simply to the informal social relationships contracted by an individual. Since all speakers everywhere contract informal social relationships, the network concept is in principle capable of universal application and so is less ethnocentric than, for example, notions of *class* or *caste*.

Nessa passagem, a autora nos esclarece que, ao propor a noção de redes sociais, ela se refere às relações cotidianas de caráter mais informal, uma vez que são essas as relações mais naturais que mantemos uns com os outros.

¹ Variação fonético-fonológica, morfológica e lexical em Minas Gerais.

Aqui observaremos aspectos relacionados às redes mais frouxas ou mais densas, uma vez que isso influencia na implementação do processo de mudança linguística. Quanto mais frouxa uma rede, mais rapidamente um processo de mudança se propaga.

Este trabalho apresenta cinco capítulos que versam sobre a teoria e a metodologia utilizadas; a descrição e a análise de dados; a discussão dos resultados obtidos e a apresentação das constatações que puderam ser feitas após a realização da pesquisa.

O capítulo 1 apresenta as teorias utilizadas neste trabalho. Nessa seção, o foco principal é a apresentação dos aspectos da Teoria da Variação e Mudança Linguística que se aplicam a esta pesquisa, conceitos como a influência do fator gênero e do fator faixa etária, dentre outros.

O capítulo 2 versa essencialmente sobre os métodos e as técnicas de pesquisa utilizados e outros aspectos teóricos relevantes para a realização deste trabalho. Essa seção apresenta ainda um resumo da história das comunidades de fala com as quais trabalhamos.

O capítulo 3 apresenta as questões, consideradas relevantes, acerca de UAI e de suas variantes. Nessa seção apresentamos os principais estudos já feitos sobre essa forma.

O capítulo 4 apresenta a organização dos dados e sua análise. Nesse ponto, temos a explicação do processo de coleta e de análise dos dados, bem como a apresentação dessa análise, utilizando tabelas que têm a função de expor os dados e melhor descrever os resultados obtidos. Consideramos nessa análise duas variáveis principais – UAI1 e UAI2 – uma vez que as formas em estudo ocorreram em dois contextos diferentes, em início de sentença – UAI1 – e em final de sentença – UAI2.

O capítulo 5 faz uma reflexão acerca dos resultados obtidos e apresentados na seção anterior. Procura-se relacionar as teorias utilizadas durante o trabalho com os resultados conseguidos, tal como se procura confirmar ou refutar as hipóteses que nortearam o processo de análise dos dados.

Nas **Considerações Finais** objetiva-se apresentar as principais conclusões que puderam ser evidenciadas ao final do trabalho.

Esta pesquisa procura responder às seguintes perguntas:

- I. Há diferenças entre o falar fluminense e o falr mineiro em relação às variantes pesquisadas?
- II. Alguma das variantes se mostra em progresso em alguma das comunidades de fala?

- III. Pode-se identificar a variante inovadora em alguma das comunidades de fala?
- IV. Há indícios da atuação de algum processo fonético-fonológico, relacionando uma variante a outra, como sugere Batista, H. R. (2013b)?
- V. Diferenças nas redes sociais das comunidades podem estar relacionadas às diferenças de uso das formas nas comunidades de fala pesquisadas?
- VI. Há indício de estigma em relação a alguma das formas variantes nas comunidades de fala?
- VII. As variáveis UAI1 e UAI2 são realizadas da mesma forma nas comunidades de fala?

CAPÍTULO I

1 MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O modelo teórico-metodológico utilizado neste trabalho é o da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por William Labov na década de 60 e utilizada nas pesquisas realizadas no âmbito da Sociolinguística Variacionista.

Ao postular a Teoria da Variação e Mudança Linguística, Labov (1972) explica que o sistema das línguas é heterogêneo e dinâmico, não sendo, todavia, disfuncional. Segundo o autor, é possível se fazer um trabalho que dê conta de toda a dinamicidade das línguas, de modo a resolver o seu aparente “caos” linguístico. A solução está na realização de um estudo em que o linguista consiga conjugar os aspectos linguísticos e os aspectos sociais que influem no funcionamento das línguas, de modo a analisar e sistematizar a variação, ou heterogeneidade, existente na fala de uma comunidade linguística. É preciso ter em mente, como é lembrado em Mollica; Cipriano (2003, p. 27), que essas variáveis, internas ao sistema linguístico e sociais, agem conjuntamente:

As variáveis, linguísticas e não-linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

A variação linguística, segundo Labov (2008), acontece quando se têm duas ou mais formas que podem ser utilizadas em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade, ou seja, sem que se altere o significado do que foi dito. Cada uma dessas formas é chamada de *variante* e o conjunto delas é denominado *variável*. Labov (2008) chama à atenção o fato de que é preciso três passos principais para que se estude uma variável linguística:

- I. Definir o seu número exato de variantes;
- II. Estabelecer toda a multiplicidade de contexto em que ela ocorre;
- III. Elaborar um índice quantitativo que permita medir os seus valores.

Sobre a relação entre as variantes, Tarallo (2000, p. 11) explica:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão *vs.* não-padrão; conservadoras *vs.* inovadoras; de prestígio *vs.* estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio linguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

Embora apresente essa relação de correspondência entre as variantes, Tarallo (2000) esclarece que ela não ocorre em 100% dos casos e que tal fato pode ser explicado através da maneira como se organiza socialmente a comunidade para a qual se está olhando. É o caso, por exemplo, dos dados obtidos por Labov em estudo feito sobre a vogal-núcleo dos ditongos /au/ e /ay/. Observou-se, nesse estudo, que as variantes locais conservadoras são as não padrão e estigmatizadas, os segmentos [əu] e [əy]. São [au] e [ay], trazidas pelos “veranistas” – não pertencentes à comunidade em estudo – as formas inovadoras, porém, dotadas de prestígio e mais próximas do padrão da língua inglesa. Tarallo (2000, p. 14) entende que essa aparente contradição observada nesse estudo de Labov se explica porque:

Os habitantes da ilha começaram a ressentir a invasão dos veranistas e a exploração econômica decorrente: assim, atitudes lingüísticas são armas usadas pelos residentes para demarcar espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado. [...] A língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade.

Com isso, o autor procura deixar claro que, embora a Sociolinguística trabalhe com padrões e relações/correspondências mais ou menos definidas, há casos em que somente a inserção da variável lingüística na comunidade, de acordo com a organização social do local, poderá nos explicar determinadas situações, aparentemente contraditórias.

De acordo com as postulações da Teoria da Variação e Mudança Lingüística, o objeto de pesquisa do linguista desse campo é o vernáculo – ou seja, a língua utilizada pelos falantes de determinada comunidade de fala nas situações comunicativas e interacionais cotidianas, sem monitoramento/policiamento lingüístico. Para a coleta desses dados, faz-se o uso de entrevistas espontâneas gravadas. Nesse processo, o pesquisador procura deixar o informante o mais à vontade possível, de modo que os dados coletados se aproximem ao máximo do vernáculo dos falantes daquela comunidade.

Ao realizar um estudo sob essa teoria, o pesquisador deve preocupar-se, ainda, em estratificar os fatores que podem influenciar no uso que os falantes fazem de determinada variante lingüística. Esses fatores são denominados variáveis independentes e agem sobre uma variável dependente, que é o fenômeno em estudo – no nosso caso, o conjunto de variantes UAI ~ UÉ ~ UÊ. Caso o pesquisador não vá analisar determinada variável independente, ele deve controlá-la. Desse modo, garante-se a validação dos resultados finais obtidos.

De acordo com as postulações da Teoria da Variação e Mudança Lingüística, o estágio final do processo de variação das línguas pode ser a mudança lingüística. A mudança se torna

evidente quando o uso de uma das formas variantes conduz à extinção do uso de todas as outras formas que, até então, lhe eram concorrentes. A mudança se torna, assim, evidente. Nos estudos diacrônicos, os linguistas desenvolvem pesquisas que analisam a língua ao longo do tempo. Dessa forma, é possível observar a evolução linguística, já que se comparam os diferentes estágios das línguas, isto é, faz-se uma análise das línguas em tempo real.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística apresenta ao linguista a possibilidade de se estudar, em determinado tempo, a mudança ainda em curso. Trata-se de um estudo sincrônico feito em tempo aparente. Nesse modelo teórico-metodológico, observa-se principalmente a variação de uso existente comparando-se as diferentes faixas etárias dos falantes.

Os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são o conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes – gerações de características sociais comparáveis que representam estágios na evolução da mesma comunidade de fala. (LABOV, 2008, p. 194).

Chambers e Trudgill (1980, p. 165), também compartilham dessa ideia de que é possível uma análise da mudança fazendo-se um estudo sincrônico:

The validity of such a study hinges crucially upon the hypothesis that the speech of, say, 40 year olds today directly reflects the speech of 20 year olds twenty years ago and is thus comparable for diffusion research to the speech of 20 year olds today. Discrepancies in the speech of 40 year olds and 20 year olds are attributable to the progress of a linguistic innovation in the twenty years that separate the two groups.

Weinreich, Herzog e Labov (2006) explicam-nos que a homogeneidade linguística, caso existisse, faria do sistema algo disfuncional, uma vez que a língua, constantemente, está em processo de mudança. Desse modo, para esses autores, são a dinamicidade e a variação, ou heterogeneidade, que mantêm o funcionamento sistemático das línguas.

Nesta dissertação, analisaremos os fatores sociais gênero e faixa etária, que serão considerados variáveis independentes que, por hipótese, influenciam os diferentes usos que os falantes fazem das variantes em questão.

Analisaremos também, separadamente, as duas cidades. Controlaremos o grupo social e a escolaridade do falante, uma vez que não serão variáveis independentes analisadas nesta pesquisa.

1.1 O gênero/sexo do falante

Ao adentrar em uma comunidade de fala, a nova forma, inovadora, pode receber avaliação social positiva ou negativa. Segundo Labov (2001), se essa variante inovadora recebe uma avaliação negativa (estigma), as mulheres tendem a rechaçá-la, fazendo uso da

forma variante não estigmatizada. Se a forma, no entanto, for prestigiada, ou não houver estigma a ela atribuído, as mulheres tendem a alavancar o seu uso. Assim, podemos dizer que, segundo a teoria laboviana, no caso do uso de formas estigmatizadas, as mulheres estão atrás dos homens; enquanto no caso do uso de formas com avaliação de prestígio ou neutra, elas estão à frente deles. Esse fato levou o linguista à formulação do *Paradoxo do Gênero*: “women as a group conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not”.(LABOV, 2001, p. 293).

Desse modo, se comparamos, em uma comunidade de fala, duas ou mais variantes de uma variável, considerando o gênero do falante, conseguimos ter alguns indícios da possibilidade de haver, naquele espaço, avaliação social de prestígio ou estigma e perceber qual (is) variante (s) é (são) prestigiada (s) e qual (is) variante (s) é (são) estigmatizada (s) pelos falantes daquele local. Se, ao compararmos o uso de duas ou mais variantes percebermos que uma delas tem sido significativamente mais usada pelas mulheres do que pelos homens, pode-se levantar a hipótese de que a forma preferida pelas mulheres é a variante não estigmatizada. No entanto, somente aplicando-se um teste de avaliação nos informantes, é possível confirmar as hipóteses levantadas.

O teste de avaliação, segundo Tarallo (2000), consiste essencialmente em um mecanismo que permite ao pesquisador saber qual a avaliação sociolinguística que o falante faz de determinada forma linguística. O objetivo desse teste é verificar se o falante tem uma atitude positiva (aceita bem), negativa (no caso de rejeição) ou neutra diante de determinadas construções ou formas linguísticas.

1.2 A faixa etária do falante

A faixa etária do falante é o fator social que nos permite saber o *status* da variação, ou seja, estável ou em progressão. Em um processo de variação linguística, é comum observarmos comportamentos diferentes entre pessoas mais jovens e pessoas mais velhas. Ao desenvolvermos um estudo variacionista em que nos atentamos à faixa etária do falante, podemos observar se determinada forma se encontra em situação de variação estável ou em progressão.

Se nessa análise for constatado que uma das variantes é significativamente mais utilizada pelos falantes mais jovens, é possível se falar em indícios de processo de mudança em curso e observar qual dessas formas está em progressão e qual delas está em remissão. Caso o uso das variantes se equipare, i.e., se jovens e adultos estiverem utilizando as variantes

de modo semelhante, pode-se dizer que se trata de uma situação de variação estável. Sobre um estudo sociolinguístico em que se comparam as diferentes faixas etárias dos informantes, Labov (2008, p. 318) nos esclarece que se trata de uma

(...) distribuição no *tempo aparente* – ou seja, o comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias. Distinguimos esse comportamento (linguístico) da gradação etária regular e repetida pela obtenção de uma medida em algum ponto contrastante no tempo real.

O processo de mudança em curso não se dá de forma repentina, antes, é “lenta e gradual”, como observa Faraco (2006). Sobre esse fato, Bueno, E. S. (2003, p. 70) explica:

Essas mudanças lingüísticas não ocorrem da noite para o dia, elas se processam muito lentamente. No âmbito social, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar as formas mais antigas ou de prestígio, o que pode acontecer também com as pessoas escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do “sexo feminino de maneira geral” (Naro, 1994:81), ou, ainda, das pessoas que exercem atividades sócio-econômicas das quais se exige boa apresentação em público.

1.3 O grupo social do falante

O grupo social do falante, tal como o gênero e a faixa etária, é um fator que pode influenciar na escolha de determinada variante. Sobre essa relação, Labov (2008, p. 140) afirma:

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social.

Para o autor, as diferentes realizações linguísticas feitas pelos falantes não determinam drasticamente o grupo social a que eles pertencem, antes, são favorecidas por ele. De acordo com a Teoria da Variação e Mudança Linguística, o fato de um falante utilizar uma forma prestigiada não faz dele pertencente a um grupo socioeconomicamente mais favorecido; antes, o fato de ele pertencer a esse grupo favorece a escolha que ele faz da forma de prestígio.

Labov (2008, p. 142) esclarece que para definir o grupo social do falante é preciso considerar a “profissão (do chefe da família), a educação do informante e renda (da família)”. Em sua pesquisa, depois da separação dos informantes pelos dados supracitados, Labov (2008, p. 142) chega a quatro grupos diferentes: “classe baixa, classe operária, classe média baixa e classe média alta” e ressalta que as duas classes intermediárias podem ser vistas como “grupos limítrofes, que, às vezes, exibem o comportamento linguístico do grupo imediatamente inferior e, às vezes, do grupo imediatamente superior”. (LABOV, 2008, p. 142).

Sendo, portanto, o grupo social dos falantes um fator de influência no uso que eles fazem da língua, é necessário que, em um estudo variacionista, se estratifique ou se controle essa variável independente. Nesta pesquisa, como o grupo social não será uma variável independente analisada, ela foi controlada, garantindo, desse modo, uma validação mais precisa dos nossos resultados.

Assim, todos os informantes estudados são de um mesmo bairro, moram em casas semelhantes, têm rendas mensais aproximadas, profissões semelhantes e compartilham as mesmas atividades sociais, ou seja, pertencem a um mesmo grupo social.

1.4 O nível de escolaridade do falante

Como vimos na pesquisa feita por Labov, a estratificação ou o controle do fator grupo social depende também da escolaridade do falante.

Por hipótese, quanto maior o nível de escolaridade do falante, mais a sua linguagem se aproxima da norma de sua língua e mais ele se utiliza de formas prestigiadas no meio social.²

Labov (2008) esclarece ainda que o fator escolaridade deve ser combinado com a renda familiar do falante e com a sua profissão (ou a do chefe da família do informante) para que, desse modo, se possa chegar ao grupo social ao qual esse falante pertence. Labov (2008, p. 144) esclarece como se deu esse processo em pesquisa feita com os falantes nova-iorquinos:

As variáveis linguísticas foram correlacionadas com os indicadores individuais de *status* social, profissão, educação e renda e fica mais evidente que nenhum indicador sozinho está tão estreitamente correlacionado com o comportamento linguístico quanto o índice combinado.

Para o autor, somente fazendo-se uma análise conjunta dessas variáveis é possível se obter maior precisão quanto ao grupo social ao qual pertence o informante.

A escolaridade dos falantes aqui pesquisados foi controlada, todos eles têm ensino médio completo.

1.5 A comunidade de fala

De acordo com Dell Hymes (1972, p. 57), comunidade de fala é “a community sharing rules for the conduct and interpretation of speech, and rules for the interpretation of as least one linguistic variety. Both conditions are necessary”. Esse autor defende a ideia de que as

² Cf. Tarallo (2000), que nos explica que a variedade padrão das línguas é geralmente aquela dotada de prestígio social.

comunidades de fala são heterogêneas e acredita que um mesmo indivíduo tem a capacidade de pertencer a mais de uma dessas comunidades, fazendo a relação “indivíduo e comunidade de fala” bastante fluida.

A definição de Labov (2008) para comunidade de fala pauta-se na ideia que atribui à língua uma função comunicativa, uma vez que considera, nessa conceituação, o contexto social de determinado grupo de falantes. Para Labov (2008, p. 188), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”.

Desse modo, entende-se que, apesar de estarem expostos ao mesmo conjunto de normas linguísticas – o que revela uma organização linguística sistemática dentro da comunidade de fala –, os falantes de um local podem fazer diferentes usos dessas regras, influenciados pelos outros fatores que favorecem a variação linguística. Assim, na Teoria da Variação e Mudança Linguística, o objeto de estudo é a comunidade de fala.

Guy (2001 apud SEVERO, 2008), a partir da definição laboviana, postula que um espaço se define como comunidade de fala quando nele há falantes que frequentemente se comunicam entre si, através das mesmas normas e das mesmas atitudes linguísticas e compartilham de características linguísticas comuns que se diferem das de outras comunidades.

1.6 As redes sociais

Nesta pesquisa, nos pautaremos também no conceito de redes sociais proposto por Milroy (1980). De acordo com as postulações dessa autora, as redes sociais são constituídas pelos laços de interação que o falante estabelece em sociedade. Esses laços podem ser mais fortes ou mais fracos. Os primeiros dizem respeito à relação que o falante mantém com os parentes, os vizinhos e os amigos; já os últimos correspondem à relação estabelecida entre o falante e aquelas pessoas com as quais ele passa uma parte do tempo, sem, contudo, se relacionar com demasiada intimidade, sem confidenciar-lhes segredos ou dar-lhes conselhos, por exemplo, isto é, sem vínculos estreitos. Laços fracos se estabelecem, por exemplo, entre os colegas de trabalho. É possível, assim, se falar em redes de primeira ordem – formadas pelas pessoas que estabelecem entre si laços mais fortes; e redes de segunda ordem – constituída por aqueles mantêm, entre si, laços mais fracos.

Ainda de acordo com Milroy (1980), a tessitura da rede social se dá pela junção dos laços anteriormente citados e envolve dois fatores denominados “densidade” e

“multiplexidade”, relacionados, respectivamente, ao número de ligações e à sua capacidade de alcance.

Ao falar sobre a densidade de uma rede, Milroy (1980, p. 50) esclarece:

A network is said to be relatively dense if a large number of the persons to whom ego is linked are also linked to each other. The density of a network (or portion of a network) may be calculated by a simple formula, which express the ratio of the total *possible* links to the total *actual* links in the network under consideration.

Uma tessitura considerada bastante densa possui pontos que ligam as redes de primeira ordem às redes de segunda ordem. Uma rede de densidade baixa, pelo contrário, possui muitos pontos esparsos e sem conexão uns com os outros. Uma rede multiplexa, por sua vez, é construída quando uma mesma pessoa possui muitas relações com pessoas diferentes, em contextos diversificados.

Em se tratando da multiplexidade, a autora afirma:

Interactional or *content* characteristics of networks, though difficult to specify satisfactorily, are of clear importance in considering the influence of a network on behavior; it is inadequate simply to specify a link without considering the content of that link. For example, the tie of kinship which connects me to my sister has a greater capacity to influence my behavior than the economic tie which connects me to my newsagent; yet both are first order network contacts.

An important initial observation about content is that a person may be connected to ego in a single capacity only; we may refer to such a relationship as *uniplex*, or having a single content. If however more than one strand or content can be observed in the link, the relationship is, as was indicated briefly in Chapter 1, *multiplex*; the same man may be connected to ego as co-employee, neighbor, kin and many other capacities. (MILROY, 1980, p. 51).

Ao relacionar a tessitura das redes às comunidades de fala, Milroy (1980, p. 52) afirma:

The significance of a high multiplexity score is considerable; multiplexity and density are conditions which often co-occur, and both increase the effectiveness of the network as a norm enforcement mechanism. Relationships in tribal societies, villages and traditional working-class communities are typically multiplex and dense, whereas those in geographically and socially mobile industrial societies tend to uniplexity and sparseness.

De acordo com a teoria das redes sociais, os espaços rurais e as pequenas cidades, ou cidades de interior, tendem a ser caracterizados pelas redes densas e multiplexas. As pessoas que se socializam nesses espaços são quase sempre as mesmas. Elas se encontram corriqueiramente nas igrejas, nos bares, nas ruas, etc. – o que mantém o vernáculo ali utilizado mais resistente à implementação das mudanças linguísticas.

Sendo as pequenas comunidades de fala caracterizadas pelas redes densas e multiplexas, são as grandes cidades, as metrópoles e os grandes pólos industriais e universitários que constituem as comunidades de fala em que a mudança implementa-se mais

facilmente. Nesses locais, os círculos sociais não são tão bem definidos e os diferentes e numerosos espaços de convívio social são frequentados por diferentes pessoas – rede social mais frouxa.

É interessante ainda mencionar o fato de que a caracterização das redes sociais parece estar diretamente relacionada ao caráter mais conservador ou mais inovador das comunidades de fala. Bortoni-Ricardo (2011) chama à atenção o fato de que, nos espaços caracterizados pelas redes densas e multiplexas, o conservadorismo linguístico tende a ser mais evidente; diferentemente do que comumente acontece nas comunidades de redes mais frouxas e uniplexas, em que a inovação linguística se implementa mais facilmente.

Diversos sociolinguistas investigam a conexão entre o isolamento das redes e manutenção de línguas, tanto em pequenas aldeias que estejam sendo expostas a correntes de inovação quanto em grupos territorialmente definidos em ambientes metropolitanos, que exibem alto nível de coesão interna em virtude da polarização de valores sociais, étnicos ou religiosos. Em ambos os casos, as redes de tessitura miúda associam-se a preservação de linguagem minoritária e não padrão, enquanto as redes abertas são marcadas por preferência pela linguagem culturalmente dominante ou suprarregional. (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 100).

Por fim, é preciso ressaltar que, apesar de haver uma correspondência entre o tipo de rede que configura uma comunidade de fala e os usos linguísticos feitos pelos falantes dessa comunidade, essa relação não é absoluta, fato verificado por Milroy (1980, p. 160):

(...) a dense, multiplex personal network structure predicts relative closeness to vernacular norms. However, the *constraints* on the capacity of network structure to influence language use are equally important, for relationship between language and network is not absolute.

CAPÍTULO II

2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

2.1 Os falares de Minas Gerais

Silvio Elia (1962 apud MARTINS, 2006) explica que a dialetologia brasileira optou pelo termo “falar”, em vez de dialeto, de modo a dar conta da forma que se fala em comunidades linguísticas menores.

Os falares resultam de uma expansão da língua comum, que vai tomando colorações locais de acordo com as condições geo-humanas de cada região. Não apresentam uma superposição de línguas, como se deu com os dialetos românicos na Europa, mas o alargamento da mesma língua comum, que vai ocupando os espaços vazios ou rarefeitos de um território progressivamente colonizado [...]. Por isso é comum e legítimo aludir a dialetos franceses, italianos ou espanhóis, mas a essa denominação é preferível, entre nós, o termo falar. (ELIA, 1962 apud MARTINS, 2006, p. 3).

Zágari (1998), ao descrever os falares de Minas Gerais, também defende a ideia de que é melhor usar o termo “falar”, uma vez que “dialeto” refere-se à variedade linguística de determinada área geográfica, e a língua portuguesa

se apresenta viva na sua variedade européia e na brasileira, cada uma delas, divisível em variedades linguísticas menores, numericamente inferiores, ocupando zonas geograficamente mais ou menos definidas, mas partilhando um conjunto de traços e regras que não se diferem substancialmente. (ZÁGARI, 1998, p. 32).

Em sua obra *O linguajar carioca*, Nascentes (1953, p. 23) retoma a divisão do Português do Brasil proposta anteriormente por ele:

(...) Nortista (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Baía); Fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sul de Minas, Distrito Federal); Sertaneja (Mato Grosso, Goiás, Norte de Minas, sertão dos Estados litoraneos desde o Maranhão à Baía); Sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro).

Nascentes (1953) elabora uma nova proposta para a divisão dialetal brasileira. Agora há, segundo o autor, no território brasileiro, seis subfalares nomeadamente definidos – o amazônico, o baiano, o fluminense, o mineiro, o nordestino e o sulista; e um indefinido, conforme o mapa a seguir.

Figura 1– Mapa dos subfalares brasileiros, segundo Nascentes (1953)



Fonte: CENTRO DE INFORMÁTICA – UFPE.³

As limitações entre os subfalares não correspondem, como sabemos, às divisões políticas das regiões. O falar baiano, por exemplo, não é usado somente na Bahia, mas também no norte de Minas, centro-oeste de Goiás, em Tocantins e no Sergipe, segundo Nascentes (1953).

Ao analisarmos essas duas propostas de Nascentes, observamos que Minas Gerais é, em ambas as divisões, o estado com maior número de falares definidos. Na primeira divisão, Minas tem em seu território três dos quatro subfalares brasileiros identificados – o fluminense, o sertanejo e o sulista; na outra divisão, em Minas estão presentes quatro dos seis subfalares apresentados – o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista. Assim, conforme Viegas (2013, p. 36):

(...) podemos dizer que encontramos em Minas variações que estão presentes em grande parte do Brasil. Como consequência, se estudarmos a fala das diversas regiões de Minas, estaremos estudando a fala de grande parte do Brasil – esse é, portanto, um Estado-chave para os estudos da variação linguística do Português do Brasil.

Se considerarmos a população que utiliza o falar baiano, o falar fluminense, o falar mineiro e o falar sulista, observamos que corresponde à maior parte da população brasileira.

Zágari (1998), por sua vez, ao esboçar um atlas linguístico para o estado de Minas Gerais, postula que há, nesse território, apenas três falares: o baiano, o mineiro e o paulista ou sulista. A área que, segundo Nascentes (1953), é área de falar fluminense, para Zágari (1998), estaria inserida à área de falar mineiro. O que é mais bem explicitado no mapa a seguir.

³ Disponível em: < <http://goo.gl/qJZmMr> >. Acesso em: 15 Dez. 2015.

Figura 2 – Mapa dos falares mineiros, segundo Zágari (1998)



Fonte: Revista Fapemig.⁴

2.1.1 O falar baiano

O falar baiano, em Minas Gerais, é majoritariamente utilizado no norte do estado. Segundo Zágari (1998, p. 34):

Caracteriza-se esse falar pela predominância das vogais pretônicas baixas, como [or'valu], [se'renu], a presença da africada [tʃ] antecedendo a vogal alta [i], como em ['mutʃu], [otʃu], além do [t] e [d] como coronais [i'dadi], ['dêti] e a nasalidade ocorrente fora da sílaba tônica: [bã'nãna] ou [kãmĩ'nãw].

Segundo esse autor, área de falar baiano em Minas Gerais também se caracteriza pelo aspecto rítmico – nessa área, os falantes tendem a uma fala mais “arrastada”, pouco veloz, se comparada às outras regiões do estado – e pela presença de formas lexicais comuns dessa região. Exemplos disso são: “chuva-de-flor”, utilizada para se referir a “granizo”, e “china”, que significa “bola-de-gude”.

2.1.2 O falar fluminense

Em Minas, o falar fluminense é utilizado majoritariamente pelos falantes da zona da mata mineira, de acordo com Nascentes (1953).⁵

De acordo com informações trazidas pelo Dicionário SENSAGENT (SENSAGENT, 2016), o falante do falar fluminense tende a palatalizar as consoantes [l] [d] e [t] quando elas se encontram diante de [i]. Desse modo, é bastante comum ocorrências como [ʎi'miti]

⁴ Disponível em: <<http://revista.fapemig.br>>. Acesso em: 15 Dez. 2015.

⁵ Nascentes (1953) menciona que sua divisão é baseada principalmente na realização das vogais pré-tônicas, mas não esclarece bem quais são as características do falar fluminense em relação a essas vogais.

[dʒiˈarju] e [artʃi]. Outra característica bastante marcante desse falar é a palatalização de /s/ no final de sílaba; com isso, nessa região, ouve-se constantemente vocábulos como [iʃˈkada] ou /pajʃta/. Esse último exemplo representa também outro aspecto caracterizador do falar fluminense: a criação de ditongo pela inserção de uma semivogal entre a vogal e o /s/ palatalizado.

2.1.3 O falar mineiro

Ao discorrer sobre o falar mineiro, Zágari (1998) diz que ele se caracteriza mais pela ausência das características linguísticas observadas nos outros falares utilizados em Minas Gerais do que por um traço que lhe seja específico. Esse autor salienta, contudo, que o indivíduo de falar mineiro “desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros, quando finais e antecidos de sibilante: [aˈxoys], [ˈfajs], [nɔjs]”. (ZÁGARI, 1998, p. 35).

2.1.4 O falar paulista ou sulista

Utilizado principalmente no sul do estado e na região do triângulo mineiro, o falar paulista ou sulista, de acordo com Zágari (1998), tem como seu aspecto mais caracterizador o [r] retroflexo. Sobre esse fenômeno, o autor explica:

Marcado por filmes, programas de rádio e televisão, como um “R” caipira, pessoas há, de nível superior, nessas localidades, que afirmam e reafirmam não falarem assim. E, de fato, por vezes, tal ocorre, num diálogo tenso ou formal. Perdida a formalidade, o retroflexo retorna. (Zágari, 1998, p. 34)

Essa atitude por parte do falante pode estar associada à avaliação de estigma que a variante erre retroflexo muitas vezes recebe, principalmente pelos que não se utilizam dessa forma.

Zágari (1998) destaca ainda o ritmo mais veloz da fala dos informantes dessas regiões, quando se compara com o “ritmo mais arrastado”, característico do norte de Minas de Gerais. O autor finaliza sua descrição mencionando alguns aspectos vocabulares típicos do falar paulista ou sulista. Nesse ponto, o autor menciona, por exemplo, os vocábulos “chuva-de-rosa” e “rabicó”, o mesmo que “granizo” e “animal sem rabo” respectivamente.

Ainda segundo Zágari (1998, p. 35), que diz:

Ao se estabelecerem essas fronteiras, diga-se ser impossível demarcá-las como definitivas, quer por não se poder balizá-las sem intercruzamentos, quer porque aqui e ali elas se tocam desordenadamente, quer porque o tempo mostrará que elas se movem, quer porque o que existe são fenômenos fonéticos e lexicais cuja difusão, muitas vezes ou sempre, operam de forma independente.

2.2 As comunidades pesquisadas

2.2.1 O município de Itaúna

Com uma área total de 495,769 Km², Itaúna é um município localizado na macrorregião do Centro-Oeste de Minas Gerais e na microrregião de Divinópolis e dista 82 Km de Belo Horizonte. No ano de 2010, segundo os dados do censo demográfico do IBGE, Itaúna possuía 85.463 habitantes, 42.099 homens e 43.364 mulheres, sendo a população urbana correspondente a 94,13% do total populacional.

Observemos a seguir a localização do município em Minas Gerais e, em seguida, o mapa da cidade.

Figura 3 – Localização de Itaúna em Minas Gerais



Fonte: WIKIPEDIA.⁶

⁶Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Itaúna>>. Acesso em: 10 Nov. 2015.

Figura 4 – Mapa de Itaúna/MG.



Fonte: GOOGLE MAPS.⁷

Segundo as informações trazidas pelo documento Itaúna em Dados⁸, o município em questão teve seu povoamento iniciado no século XVIII, com a chegada de três jovens portugueses: Tomás Teixeira, Manoel Neto de Melo e o sargento-mor Gabriel da Silva Pereira. Este, possuidor de escravos e sesmeiro, é considerado o verdadeiro fundador da cidade, pois “abriu a primeira ‘picada’, a partir de Bonfim até Pitanguí, ao longo do rio São João, no princípio pela margem direita. Ao passar para a margem esquerda, na ‘passagem do Rio São João’, aí iniciou uma povoação”. (MATOS, 2012. p. 02).

Inicialmente, os moradores de Itaúna estavam distribuídos entre portugueses, seus descendentes e escravos. Com a permissão do primeiro bispo de Minas Gerais, Frei Manoel da Cruz, e através da iniciativa de Manoel Pinto de Madureira, o povoado teve sua primeira capela concluída em 1765, a qual teve como padroeira a Senhora de Santana, de onde se originou o primeiro nome da comunidade, Santana do São João Acima.

O surgimento das primeiras grandes famílias nos é apresentado por Matos (2012, p. 03), que destaca também a participação portuguesa na formação do município de Itaúna:

Custódio Coelho Duarte, português, casou-se com sua prima Angélica Nogueira Duarte. O pai desta, João Nogueira Duarte, casou-se com Clara Maria Assunção. Uma filha de Custódio e de Angélica, Umbelina Nogueira Duarte, casou-se com Manoel Ribeiro de Camargos, dando origem aos Nogueira, Nogueira Machado e Soares Nogueira. Manoel Nogueira Penido, casado com Luíza Rodrigues de Sousa, da "Vila dos Penidos", em Portugal, é o responsável pelos Nogueira Penido de Itaúna.

Segundo o mesmo autor, e ainda sobre as tradicionais famílias de Itaúna, temos a seguinte informação:

⁷ Disponível em: <<https://goo.gl/AkuFAO>>. Acesso em: 10 Abr. 2016.

⁸ É um documento elaborado por Ângelo Braz de Matos (MATOS, 2012). Disponível em <<http://www.itauna.mg.gov.br/site/municipio/itauna-em-dados>>. Acesso em 10 de Nov. 2015.

Outra enorme família dos primeiros tempos é a Faria, descendente do primeiro Juiz Ordinário de Pitangui, Miguel de Faria Sodré, que se casou com Verônica Dias Leite Ferraz. Misturaram-se com os Marinho e os Santos, descendentes do luso Antônio Francisco dos Santos Maia. De Bonfim vieram, em meados do século XIX, os cinco Sousa Moreira, de uma família de treze irmãos, que se casaram com as cinco moças filhas de Manoel Gonçalves Cançado. Deste, dois irmãos, Felizardo Gonçalves Cançado e Manoel Gonçalves Bonfim, foram os primeiros Gonçalves a pisar o solo itaunense. Dos Sousa Moreira e dos Gonçalves Cançado nasceram os Gonçalves de Sousa, responsáveis pela implantação da indústria têxtil em Santanense. (MATOS, 2012, p. 03).

O município só viu o primeiro movimento para a sua emancipação como cidade, sob o nome de Itaúna⁹, em Fevereiro de 1877, o que não foi, porém, reconhecido pela Assembleia Provincial. Somente em 14 de junho de 1901, devido a uma alteração na Lei nº 319, foi possível que se emancipasse o município de Itaúna, separando-o de Pará de Minas. Nesse momento, contudo, Itaúna foi emancipada como vila. Em 24 de janeiro de 1925 a vila foi elevada à categoria de cidade.

De acordo com Matos (2012), a demorada emancipação da cidade fez com que o município, até que conseguisse a sua autonomia, pertencesse à administração de outras cidades, a saber: Sabará, em 1711; Pitangui, em 1715, em 1850 e em 1872; Pará de Minas, em 1848, em 1858 e em 1874.

Hoje, segundo o IBGE, estima-se que a população itaunense seja de 91.453 habitantes, o que revela um constante crescimento populacional do município, se considerarmos os números de 2010, anteriormente citados. Fato explicável pela representatividade industrial, comercial e educacional da cidade.

Itaúna foi, em 2010, a décima segunda cidade considerando-se a classificação de IDH de Minas Gerais. Hoje, a produção agrícola e a extração vegetal e silvicultura são bases para a economia da cidade. Devido ao comércio e à indústria, a economia da cidade é bastante forte, como explica o site da prefeitura municipal (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAÚNA, 2016):

O setor econômico local também é bastante fortalecido. O CDE (Centro de Desenvolvimento Empresarial) congrega as principais entidades ligadas ao comércio e à siderurgia do município. Dentre as principais empresas estão a Belgo Mineira Bekaert, Santanense (Grupo Coteminas), Ergom/Magneti Marelli, Água Mineral Viva, Saint-Gobain, dentre outros setores.

Itaúna nos dias atuais, ainda de acordo com esse site, é referência em educação, cultura e lazer. A universidade local, Universidade de Itaúna (UIT), conta com três *campi* – em Itaúna, Almenara e Lagoa da Prata; dezessete cursos bacharelados, três cursos de licenciatura, um curso tecnólogo e pós-graduação *stricto e lacto senso* em Direito e Odontologia,

⁹ De acordo com o Dicionário Tupi-Guarani (2016): “pedra preta (ita = pedra; una = preta, negra).”

respectivamente. A instituição está entre as melhores escolas privadas de ensino superior do país, tendo os cursos de Medicina e Educação Física como referência, uma vez que são muito bem avaliados pelo Ministério da Educação (MEC). Em 1975, por exemplo, foi concedido ao município o nome de “Cidade Educativa do Mundo”, título conferido pela UNESCO, de acordo com o site do município.

Na cidade acontecem festas populares tradicionais, como a de Nossa Senhora de Santana e o tradicional carnaval itaunense. Os pontos turísticos mais famosos do local são a Gruta de Nossa Senhora de Itaúna, o Museu Municipal, a Barragem do Benfica, a Igreja do Bonfim e a Igreja do Rosário e a Usina do Caixão. É bastante comum também os turistas se interessarem pelas cachoeiras e pelas estâncias minerais que cercam a cidade.

Com isso, nota-se que Itaúna caracteriza-se hoje, principalmente, como uma zona urbana, de grande fluxo comercial e industrial. É uma cidade capaz de oferecer aos seus habitantes melhores condições de estudo e de emprego e, conseqüentemente, de ascensão socioeconômica.

2.2.2 O município de Piranga

Com uma área total de 657 km² e com uma população de 17.232 habitantes, 8.648 homens e 8.584 mulheres, segundo os dados do IBGE do ano de 2010, a cidade de Piranga inclui em seu território dois distritos: Santo Antônio do Pirapetinga e Pinheiros Altos. Piranga pertence à macrorregião da Zona da Mata mineira e à microrregião de Viçosa. O município se localiza há 166,9 Km de Belo Horizonte.

A seguir, a localização de Piranga em Minas Gerais e o mapa da cidade.

Figura 5 – Localização de Piranga em Minas Gerais



Fonte: WIKIPEDIA.¹⁰

Figura 6 – Mapa de Piranga



Fonte: GOOGLE MAPS.¹¹

Atualmente, na economia do município destacam-se principalmente a agropecuária e a agricultura. O IDH da cidade, em 2010, foi de 0,6, numa escala de 0 a 1, ocupando a 779ª

¹⁰ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Piranga>>. Acesso em: 10 Nov. 2015.

¹¹ Disponível em: <<https://goo.gl/5eO2X8>>. Acesso em: 10 Abr. 2016.

posição do estado. Os números obtidos em 1991 e em 2000, respectivamente, foram 0,315 e 0,463.¹²

O primeiro nome dado ao município foi Guarapiranga¹³. Acredita-se que essa nomeação tenha se dado devido à presença, na região, de uma ave de plumagem vermelha, a guará-piranga.

Piranga tornou-se cidade, segundo Barbosa (1995 apud Dias, 2008, p. 65), em 1870:

Em 1841, foi criada a vila do Piranga, com instalação do município desmembrado do de Mariana. [...] Foi suprimido o município em 1865, com lei Nº1249, de 17 de novembro; mas foi restaurado pouco depois, com lei Nº1537, de 20 de julho de 1868. Em 1870, a lei Nº 1729, de 5 de outubro, elevou Piranga à categoria de cidade. Nas divisões administrativas do Estado, o distrito sede do município figurava com denominação de Nossa Senhora da Conceição do Piranga; assim, a lei Nº843, de 7 de setembro de 1923, mudou o nome do distrito para Piranga.

De acordo com esse mesmo autor, a historiografia apresenta João de Siqueira Afonso, de Taubaté, como o primeiro explorador da região, em 1704. Entretanto, Barbosa (1995) esclarece-nos que essa é uma informação a respeito da qual não há consenso. Ele explica que, segundo o Códice Costa Matoso, Francisco Rodrigues de Siqueira e Manoel Pires Rodovalho exploraram, em 1691, a região de Guarapiranga e que, em 1694, foi construído, nessa região, um oratório em homenagem a Nossa Senhora da Conceição.

Segundo Lima Júnior (1969 apud DIAS, 2008), a ocupação da região que hoje corresponde a Piranga iniciou-se em 1691, com a passagem de bandeirantes pelo local e com a chegada do paulista Antônio Rodrigues Arzão, que, em 1690, chegou ao lugar que posteriormente viria a ser denominado Casa da Casca, na região de Viçosa.

Segundo Dias (2008, p. 66), Lima Júnior (1965) afirma que em 1694 a ocupação em Guarapiranga já havia se consolidado:

É certo porém, que desde 1694, na Bandeira do Capitão Rodovalho, que descobriu o Guarapiranga, já estava como capelão o Frade Franciscano da Província da Ordem Terceira Missionária, Frei José de Jesus por alcunha o Catarro. Esse frade levantou capela no Guarapiranga celebrando nela a missa. Com o abandono que se operou por algum tempo, da região do Guarapiranga, quando os selvagens destruíram o primeiro povoado, formado pelo Capitão João Pires Rodovalho, seu irmão aparece, em seguida, como um dos primeiros moradores do Ribeirão do Carmo.

De acordo com Vasconcelos (1948 apud DIAS, 2008), a região onde hoje temos Piranga já era conhecida por bandeirantes e que, em 1692, Braz Rodrigues Arzão e sua

¹² Todas as informações de acordo com os dados do IBGE (2010).

¹³De acordo com o Dicionário Tupi-Guarani (2016): “Do Tupi-Guarani, guará: garça ou canídeo; piranga: vermelho. Barreiro, lamaçal, atoleiro de barro vermelho.”

bandeira chegaram ao local a fim de explorá-la. Vasconcelos (1948 apud DIAS, 2008, p. 66) afirma ainda que esses bandeirantes buscavam no local índios e ouro:

[...] decidiu o chefe prosseguir na forma combinada, e foi ter à serra do Guara-Piranga, de onde pela manhã avistou os píncaros agudos de Arripiados, por efeito da luz oriental, parecendo mais próximos. Descendo nessa direção, encontrou Arzão o Rio Piranga, em seu melhor braço, descendente das serras auríferas e com indícios esperançosos; quando também deparou com alguns índios da nação puri [...].

Segundo Oliveira, L. H. (2006, p. 31), a busca pelo ouro resultou no descobrimento de três minas em distritos piranguenses:

Nos anos de 1702 a 1704, o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, procurando ampliar os descobrimentos das minas, envia seus filhos e escravos na direção sul do Ribeirão do Carmo, no até então pouco conhecido sertão do Guarapiranga. Nesta diligência, seus filhos acabam descobrindo no ano de 1704, as minas do Pinheiro, Bacalhau e Pirapitinga, que como já informamos, pertenciam à freguesia de Guarapiranga e que atualmente são distritos da cidade de Piranga.

Foi, segundo o site da Prefeitura Municipal de Piranga, no ano de 1704 que a cidade foi oficialmente fundada, sob o nome de Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Guarapiranga. A nomenclatura novamente fazia menção ao pássaro guará que ocupava a região e, também, à devoção, já mencionada, a Nossa Senhora da Conceição. Vale ressaltar que a primeira emancipação da cidade se deu em 1º de Abril de 1841, contudo, houve uma revogação imediata do ato e a emancipação oficial do município só ocorreu em 20 de julho de 1868. A redução do nome da cidade para Piranga, tal como é ainda hoje, aconteceu em 7 de Setembro de 1923.

Conforme Oliveira, L. H. (2006, p. 32):

A freguesia de Guarapiranga, segundo mostra Diogo de Vasconcelos e Eduardo Canabrava Barreiros, foi palco de uma das batalhas da Guerra dos Emboabas, mais precisamente do terceiro conflito entre paulistas e emboabas. Depois de vencer os paulistas em Sabará e Cachoeira do Campo, Manuel Nunes Viana seguiu com sua tropa para Ouro Preto, da qual parte dela dirigiu-se para Ribeirão do Carmo a fim de submeter o governador. Outra se dirigiu contra o arraial do Guarapiranga. Ambas as expedições falharam.

Segundo o site da prefeitura de Piranga (PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANGA/MG, 2016), hoje, a produção agrícola e a agropecuária são fortes bases para a economia da cidade. A agricultura é uma atividade exercida desde o início da ocupação populacional da região.

Segundo Venâncio (1997 apud DIAS, 2008), as mesmas terras que cercavam os rios utilizados para a extração do ouro serviram de espaço para a atividade agrícola. Desse modo, a mineração e a agricultura desempenharam, juntas, importante papel no processo de desenvolvimento do povoado.

Oliveira, L. H. (2006) afirma que a atividade mineradora muito contribuiu para o desenvolvimento da região, uma vez que foi por ela que se iniciou a ocupação local, embora, ao longo do tempo, tenha a atividade agropecuária, em produção de subsistência, se tornado predominante no local. O autor mostra-nos, a partir da análise de inventários, que 85,7% das famílias sobreviviam, parcial ou totalmente, das atividades agropecuárias, no momento mais intenso de povoamento da região, período que, segundo Barbosa (1995), se deu entre 1753 e 1756.

A história de Minas Gerais, de acordo com Oliveira, L. H. (2006), está bastante relacionada à presença indígena, o que é confirmado em Vasconcelos (1974 apud DIAS, 2008, p. 69):

[...] o território mineiro ficou em demasia povoado de refugiários do litoral e do recinto de São Paulo. A guerra dos tamoios no Rio, acabando pela dispersão destes, impeliu das regiões do Paraíba, que os derrotados ocuparam, as tribos humildes oriundas do tupi, os puri, os croatos, e outros, que se instalaram no Vale do Pomba e, atacados às vezes pelos goitacá de Muriaé, vinham-se ocultar sobre a serra nos vales do Guará-Piranga (Pássaro Vermelho) e do Sipotaua (Cipó Amarelo).

Em se tratando da história da região de Guarapiranga, pode-se dizer que a presença dos índios foi de extrema importância, uma vez que eles controlavam a penetração de pessoas do interior no local, como explica Venâncio (1997 apud DIAS, 2008, p. 69):

Contribuía para isso a existência de uma barreira – bem mais poderosa do que os acidentes geográficos ou as florestas virgens – representada pelos índios bravios da Zona da Mata. Os camancâns, os pataxós, os maxacalis, os botocudos e os puri-coroados, durante muitos anos impediram o avanço das hostes mineradoras, estabelecendo uma fronteira militar sobre a fronteira econômica. Para os grupos indígenas não domesticados, o arraial de Guarapiranga encerrava o limite aceitável da expansão colonial [...].

Dias (2008, p. 69), baseada em Vasconcelos (1974), nos esclarece que entre os principais grupos indígenas que ocupavam a região estavam os puri, encontrados por Braz Rodrigues Arzão em 1692:

Os puri, que por ali andavam espavoridos, de um lado pelos conquistadores, de outro pelos botocudos do Rio Doce, apenas experimentaram a boa amizade de Arzão, tornaram-se afetuosos no interesse mesmo de serem defendidos por ele, que, trazendo armas de fogo, espantou com a notícia os canibais.

Dias (2008, p. 69) explica ainda como foi a relação entre indígenas e conquistadores na região de Guarapiranga: “Oliveira, L. (2006) ressalta que as relações entre os conquistadores e os índios passaram por fases extremas: a convivência pacífica, através da domesticação indígena, a escravização e os violentos conflitos, que provocaram várias mortes.”

Com o tempo, os índios foram deixando, por morte ou fuga, o local, e a configuração do trabalho escravo foi se alterando.

Em sete anos, a quantidade de índios carijós diminuiu significativamente em Guarapiranga. Segundo Venâncio (1997 apud DIAS, 2008), em 1718, eles correspondiam a 24,6% (102 índios) dos quatrocentos e catorze negros “arrolados pela capitação referente ao conjunto dos núcleos auríferos da Capitania de Minas Gerais”. (DIAS, 2008, p. 70). Sete anos depois, em 1725, contavam-se apenas oito desses índios, de acordo com pesquisa de Dias (2008).

Venâncio (1997 apud DIAS, 2008) ressalta ainda que essa diminuição significativa da população indígena na região de Guarapiranga não é resultado apenas do alto índice de mortalidade dos índios. A libertação daqueles que eram cativos, a migração e a pena de desterro dos mesmos também contribuíram para a queda desse grupo no local:

Nos anos trinta, o gentio da terra praticamente desapareceu das listagens de escravos, passando então a ser arrolado sistematicamente junto aos demais facinorosos das Minas. A eles cabia agora tomar cuidado para não caírem nas malhas do sistema jurídico criado para tornar os desclassificados sociais produtivos. Ano após ano, o carijó escravo vai dando lugar ao carijó livre; homem fora da lei ou imerso no universo da pobreza. Em meados do século XVIII, pouca lembrança restará do ameríndio utilizado como instrumentos de colonização. A partir de então, o escravismo indígena tende a deslocar-se para as áreas periféricas à mineração. Nos núcleos que vão se abrindo, nas novas regiões agrícolas, assistiremos lentamente o renascimento de formas de exploração do trabalho compulsório do gentio, só que agora com base nos grupos humanos submetidos aos aldeamentos régios existentes na Zona da Mata Mineira. (VENÂNCIO, 1997 apud DIAS, 2008, p. 70-71).

Piranga tem hoje bases econômicas centradas na agricultura e na agropecuária. Não há no município universidades ou grandes centros comerciais e industriais, como se observa em Itaúna. O município é hoje uma cidade interiorana, e grande parte do seu território é considerada área rural.

2.3 As redes sociais e as comunidades de fala em estudo

Considerando-se a definição de redes sociais, proposta por Milroy (1980), podemos afirmar que as comunidades de fala com as quais estamos trabalhando representam redes com características diferentes.

Maior município dentre os dois trabalhados nesta pesquisa, Itaúna, comparadamente a Piranga, possui um tecido social mais frouxo e mais uniplexo. A cidade tem mais de 90% de sua área territorial ocupada pelo espaço urbano e possui mais de 80.000 habitantes. No município, há universidades e estabelecimentos industriais, o que colabora para a intensificação do contato social e linguístico entre indivíduos de diferentes grupos sociais e

até mesmo de diferentes comunidades de fala. Desse modo, um comerciante da cidade de Itaúna diariamente se socializa com diferentes pessoas, provenientes de diferentes espaços. Observamos, assim, que as relações sociais dos habitantes dessa cidade não estão restritas apenas aos contextos de grande familiaridade ou intimidade, como é o caso de Piranga.

Zonas predominantemente urbanas, como Itaúna, recebem com frequência migrantes de outros locais, em sua maioria provenientes de zonas rurais. Isso acontece devido às oportunidades oferecidas pelo meio urbano – o morador da zona rural vê na cidade uma oportunidade de melhorar a sua condição socioeconômica. Isso nos é explicado por Bortoni-Ricardo (2011, p. 116): “De fato, a principal motivação para a migração é a busca de melhores condições de vida: trabalho estável, tratamento de saúde e escolarização para as crianças, que não estão disponíveis na maior parte das áreas rurais.”

Piranga, por sua vez, é um município em que os laços sociais são mais fortes, o que nos permite caracterizar essa comunidade como uma rede mais densa e multiplexa. A vizinha de determinada pessoa pode ser também sua professora e sua prima. No ano de 2010, segundo senso demográfico do IBGE, a cidade tinha 34,6% da sua população em meio urbano e 65,4% em meio rural. Por se tratar de uma cidade em que não há indústrias ou universidades e devido ao baixo e estável número de habitantes, Piranga pode ser considerada um espaço de rede mais isolada do que integrada. Esse município é exemplo daquilo que, em Bortoni-Ricardo (2011) nos é apresentado como meio tipicamente rural. Trata-se de uma comunidade linguística em que as pessoas frequentam praticamente a mesma igreja ou o mesmo local de lazer, tendo relações sociais bastante restritas e bem definidas, configurando, assim, uma rede social mais densa e multiplexa.

2.4 A seleção dos informantes

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados pelo grupo de pesquisa Varfon/Minas, da Universidade Federal de Minas Gerais, e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). O *corpus* é constituído por dados da fala de informantes que foram selecionados considerando-se os fatores sociais: origem, grupo social, gênero, escolaridade e faixa etária, tal como sugere a Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Ao entrar em uma comunidade de fala para se realizar um estudo, o pesquisador precisa certificar-se de que todas as pessoas escolhidas como informantes sejam nascidas naquele espaço ou vivam lá desde, no máximo, os cinco anos de idade, pois, segundo Tarallo (2000, p. 28): “Com isso, você evitará que a escolaridade do informante em uma outra

comunidade, ou a sua interação com falantes de outro centro até a fase crítica da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado.”

Nesta pesquisa, os fatores grupo social e escolaridade do informante foram controlados, uma vez que não foram variáveis independentes analisadas. Desse modo, só analisamos as falas de informantes com o ensino médio completo e pertencentes ao mesmo grupo social. A seguir, uma tabela com a distribuição dos informantes de cada cidade, de acordo com as variáveis gênero e faixa etária.

Tabela 1 – Os informantes selecionados nas duas comunidades de fala

ITAÚNA		PIRANGA	
18 a 24 anos	4 informantes masculinos	18 a 24 anos	2 informantes masculinos
	4 informantes femininos		2 informantes femininos
40 a 60 anos	4 informantes masculinos	40 a 60 anos	2 informantes masculinos
	4 informantes femininos		2 informantes femininos
Total	16 informantes	Total	8 informantes

Foi feita uma análise acústica dos dados com o objetivo de se obter maior precisão no estudo das formas.

2.5 A análise acústica

Afim de uma melhor caracterização dos dados do *corpus*, as formas variantes em estudo neste trabalho foram submetidas a um procedimento de análise acústica, realizado por Izabella Rosa Malta¹⁴. Na codificação desses dados, foi considerada principalmente a sílaba tônica das formas. Desse modo, em alguns casos, é possível encontrarmos, por exemplo, UAI realizado como [ua]. Malta (2016) nos descreve os principais passos do processo de análise:

Inicialmente, devido ao fato de os arquivos de áudio serem bastante pesados, foi utilizado o programa *Wave Editor* para dividir cada arquivo em formato *.wav* em momentos menores, devidamente codificados (ex.: AH18-1, AH18-2, e assim sucessivamente para cada novo arquivo). Cada um destes arquivos foi aberto no programa *Praat*, versão de 32 bits, e a partir deles foi criado um novo arquivo, em formato *.textgrid*, do próprio programa a fim de se segmentar as ocorrências identificadas com o auxílio do programa *Windows Media Player*, simultaneamente

¹⁴ Analista acústica graduada em Letras pela UFMG.

aberto (o arquivo *.wav* completo, ou, quando mais de um, cada uma das partes enviadas pela pesquisadora), sendo possível registrar o momento exato, em minutos e segundos, de cada ocorrência.

No programa *Praat*, após a devida audição de cada um dos arquivos de áudio, para cada ocorrência foi feita uma segmentação fonética das variedades de “uai” no arquivo *.textgrid*. Para tal, foi necessário calibrar o programa: na aba “Spectrum”, a configuração “Dynamic Range (dB)”, naturalmente 70.0 dB, foi alterada para 40.0 dB a fim de que se visualizasse melhor os formantes. As configurações padrão para a intensidade foram mantidas (na aba “Intensity”, em “View range (dB)”, prevaleceu entre 50.0 e 100.0 dB), assim como para a frequência fundamental, ou *pitch* (na aba “Pitch”, em “Pitch range (Hz)”, prevaleceu entre 75.0 e 500.0 Hz). No arquivo *.textgrid*, é possível, através da aba “Tier” > “Addintervaltier”, adicionar ou remover as etiquetas nas quais as segmentações fonéticas foram feitas. Na primeira etiqueta, foi identificada a ocorrência numerada (ex.: “Ocorrência 1”) e o momento, em minutos e segundos, de sua realização; na segunda etiqueta, foi feita a segmentação fonética. Outras etiquetas foram eventualmente adicionadas quando necessário (em caso de coarticulação de “uai” e suas variedades com as palavras anterior e/ou posterior). Foram também consideradas as palavras anterior e posterior, quando presentes, também devidamente segmentadas foneticamente.

Para cada informante, identificado por seu respectivo código feito pela própria pesquisadora, foi feito em formato *.doc* um relatório com os momentos de cada ocorrência, assim como das palavras anterior e posterior, quando presentes, assim como outras observações (ex.: realizações diversas descritas) relativas à transcrição fonética realizada. Em casos de dúvidas, estas foram também devidamente registradas nos relatórios. Em casos em que não foram observadas ocorrências de “uai” e suas variedades, os relatórios para tais informantes não foram criados.

Por fim, os arquivos (de áudio em *.wav* e *.textgrid* e relatórios em *.doc*) foram salvos em pastas nomeadas com o código de cada informante, sendo zipadas e salvas em uma nova pasta com o nome da respectiva cidade onde a entrevista foi realizada.

(Descrição feita pela analista Izabella Rosa Malta, em comunicação pessoal, 02 de fevereiro de 2016)

As formas estão arroladas nos anexos (I-IV), assim como as transcrições acústicas.

2.6 A análise estatística dos dados: o teste de qui-quadrado

Na análise dos nossos dados, utilizaremos o teste de qui-quadrado que, segundo Vitral; Viegas e Oliveira, A. J. (2010, p. 214), é um procedimento que “testa se há diferença estatisticamente significativa na distribuição dos dados em relação a duas variáveis normais”. No caso de nossa pesquisa, analisaremos a ocorrência da forma UAI, em posição inicial (UAI1) ou em posição final (UAI2) de sentença, em duas comunidades de fala, nomeadamente Itaúna/MG e Piranga/MG, como já mencionado anteriormente. Separamos os contextos específicos de cada variável considerando as definições de variável e variantes apresentadas anteriormente. Retomando, variável é o conjunto das formas variantes e variantes são as formas que se alternam **no mesmo contexto**, com o mesmo valor de verdade. Assim teremos:

UAI1: em início de sentença;

UAI2: em final de sentença.

Uma vez que cada uma dessas variáveis apresenta como variantes as formas UAI, UÉ e UÊ, sempre que possível, para cada uma das duas variáveis independentes analisadas - gênero e faixa etária do falante – faremos três testes de qui-quadrado: UAI ~ UÉ, UAI ~ UÊ e UÉ ~ UÊ, para que a comparação seja feita entre as três formas. No caso da nossa pesquisa, o teste nos permitirá verificar se há diferenças significativas, sob o ponto de vista estatístico, entre o uso que homens e mulheres têm feito das formas aqui em estudo em cada cidade. Compararemos também jovens e adultos em cada cidade. Observaremos ainda se há diferenças significativas entre os municípios. Interessa-nos também investigar se há diferenças significativas entre UAI1 e UAI2.

A hipótese nula (H_0) do teste é a de que o comportamento linguístico dos falantes de Itaúna e Piranga é semelhante; a hipótese alternativa (H_1), por sua vez, é a de que os falantes das duas cidades, que estão em áreas de falares diferentes, se comportam de forma divergente.

Com relação à significância obtida nesse teste, Vitral; Viegas e Oliveira, A. (2010, p. 215) afirmam:

A partir do teste, obteremos como resultado um valor de probabilidade (chamado p-valor) de cometermos um erro ao rejeitarmos a hipótese nula, sendo ela verdadeira. Em ciências sociais convencionou-se o p-valor de 0,05 (chamado nível de significância) como o limite para probabilidade de cometer tal erro. Valores abaixo de 0,05 são considerados estatisticamente significativos; valores acima de 0,05 não são estatisticamente significativos.

CAPÍTULO III

3 UAI E SUAS VARIANTES

Há diversas hipóteses acerca da origem da forma UAI, desde aquelas embasadas em pesquisas linguísticas até aquelas provenientes da sabedoria popular. A forma é hoje considerada uma marca identitária do povo de Minas Gerais. O uso de UAI é vulgarmente considerado uma marca dos mineiros.

3.1 A origem popular de UAI

Há quem diga que UAI foi, a princípio, uma sigla utilizada pelos inconfidentes do século XVIII. De acordo com essa postulação, e segundo o site Obreiros de Irajá, UAI significava Amor, União e Independência e era a senha utilizada para que os inconfidentes pudessem receber em seus porões (lugar em que se protegiam da polícia lusitana) os seus companheiros. Esses eram maçons em sua maioria e, ao chegarem, batiam três vezes à porta, à moda das três batidas maçônicas, e, ao escutarem o questionamento “Quem é?”, respondiam “UAI”.

Apesar de se tratar de uma suposição popular, é interessante notar que ela se insere em um contexto sócio-histórico bem definido quando pensamos na história de Minas Gerais e do Brasil, a Inconfidência Mineira.

3.2 UAI de acordo com os estudos linguísticos

Por meio de levantamento bibliográfico, constataram-se os principais estudos a seguir que tratam da forma UAI: AMARAL (1976); BATISTA, H. R. (2009); BATISTA e CAMARGOS (2013); ALBUQUERQUE (2013); BATISTA, H. R. (2013a); e BATISTA H. R. (2013b).

Ao tratar da possível origem de UAI, Amaral (1976) nos revela que registrou no estado de São Paulo, mais precisamente na região noroeste do estado, o uso de UAI na fala de indivíduos caipiras. O autor explica que, nos contextos de uso em que a forma se mostrou evidente, ela foi utilizada para expressar “espanto ou surpresa”. Amaral (1976, p. 190) nos sugere ainda que a forma pode ser proveniente de OLHAI. ““UAI! UIAI!”, intj. de surpresa ou espanto: ‘Houve, porém, aparição menos esperada. – Uai, gente! Passei a mão, nesta horinha, maginem lá no que?’ (V. S.) || Deve ser alter. De **olhai**.”

É curioso notar que, ao trazer-nos as formas UÉ e UÊ, Amaral (1976) nos descreve o possível processo pelo qual elas se desenvolveram, partindo de OLHAI, passando por UAI até chegar a UÉ e UÊ. Além disso, o autor menciona a possibilidade de essas duas últimas formas serem de origem africana.

Para UÉ e UÊ, temos em Amaral (1976, p. 190): “Ué! Uê! Intj. de espanto. Talvez provenha de **olhai** por *oiai* → *uiai* → *uai* → *uéi* → *uêi*, formas essas existentes todas no falar caipira. De troca de *ai* em *éi* há exemplos: téipa, réiva – Contudo há quem dê a essa intj. origem africana.”

As observações feitas pelo autor levaram-no à hipótese de que UAI seria uma forma proveniente de OLHAI. Para Amaral (1976), a passagem de um item a outro teria se dado pela atuação de processos fonético-fonológicos. A proposta para a mudança de *olhai* > *uai*, postulada por Amaral (1976) é *olhai* > *oiai* > *uiai* > *uai*. Esse autor nos sugere também que a partir de UAI, e com a continuidade da atuação de processos fonético-fonológicos, essa evolução linguística havia chegado, até o momento de seu estudo, até a forma UÉ, uma vez que temos: *uai* > *uéi* > *ué*.

Em sua monografia, *Uai: história e uso*, Batista, H. R. (2009) tem como principal objetivo traçar o percurso histórico da forma UAI e discutir algumas questões sobre o seu uso.

Já em texto intitulado *Origem de UAI: uma hipótese caipira*, Batista, H. R. e Camargos (2013) têm por objetivo encontrar indícios que possam comprovar a hipótese, levantada por Amaral (1976), de que a forma UAI se originou de um falar paulista caipira. Também para esses autores, UAI se origina provavelmente de um processo de mudança fonético-fonológica da forma OLHAI.

De acordo com Batista, H. R. e Camargos (2013), a primeira mudança ocorrida teria sido a passagem do fonema /k/ para /j/, resultando, desse modo, na forma OIAI. O segundo passo dessa evolução estaria relacionado ao alçamento da vogal /o/ para /u/, processo bastante comum no português brasileiro, segundo eles. Desse modo, a esse ponto da mudança, estaríamos diante da forma UIAI. Temos, a partir daí, o apagamento do glide /j/ entre o /u/ e o /a/, resultando, então na forma UAI.

Para a passagem de UAI a UÉ e/ou UÊ, os autores apoiam-se em exemplos citados por Amaral (1976) que mostram que é comum a alternância de /a/ para /ε/.

Albuquerque (2013), por sua vez, objetiva principalmente discutir algumas das muitas hipóteses que existem para a origem da forma UAI. Em seu texto, a autora começa por discutir o estatuto gramatical de UAI. Albuquerque (2013) explicita-nos que, embora a

tradição gramatical tenha tratado a forma em estudo como uma interjeição, muitas vezes o seu comportamento linguístico tem ido além dos aspectos que configuram uma interjeição. Desse modo, a autora acredita que UAI, mais do que uma simples interjeição, se mostra também como um marcador discursivo.

Albuquerque (2013) apresenta as seguintes hipóteses para a origem de UAI: a) a de que a forma seja resultante de um processo de empréstimo linguístico do inglês; b) a de que seja um brasileirismo; c) a de que seja uma forma proveniente dos Açores; d) a de que se seja proveniente de um falar caipira paulista, hipótese essa também estudada por Batista, H. R. e Camargos (2013).

Albuquerque (2013), tal como Batista, H. R. e Camargos (2013), após apresentar o ponto fraco de cada uma das hipóteses, chega à conclusão de que a que parece mais provável é aquela proposta por Amaral (1976) e sugere que a forma tenha resultado de um processo de mudança linguística de aspectos, principalmente, fonético-fonológicos. Segundo Amaral (1976), UAI seria proveniente da forma OLHAI, usada como uma interjeição em um falar caipira paulista.

Enquanto Albuquerque (2013) preocupa-se principalmente em discutir algumas das possíveis origens de UAI, Batista, H. R. (2013a, p. 21) em *Os itens uai, ué e uê nos dialetos mineiro e paulista: um caso de variação?*, tem por objetivo principal analisar o estatuto de marcador discursivo do UAI e verificar se as formas UÉ e UÊ são, de fato, variantes da forma UAI, como explicita o autor:

No presente capítulo, vamos apresentar novas evidências do uso de *uai* como marcador discursivo. Compararemos o uso dos itens *uai*, *uê* e *ué* em três corpora distintos de português brasileiro, sendo o primeiro textos escritos ficcionais e os dois últimos de língua falada. Nosso propósito é responder à seguinte questão: com base em análise de *corpora*, podemos afirmar que as partículas *uê* e *ué* são variantes de *uai*?

Para isso, o autor apoia-se nas postulações labovianas e faz uma análise de três *corpora* do Português Brasileiro – um de textos ficcionais escritos e dois de língua falada.

Para Batista, H. R. (2013a), é preciso assumir a ideia, proposta por Albuquerque (2013), de que a natureza gramatical da forma em estudo é híbrida e, desse modo, considerar UAI como uma interjeição de valor discursivo.

Batista, H. R. (2013a) nos mostra em seu texto que UAI e suas variantes não ocorrem somente nas Minas Gerais, as formas estão presentes também na fala de algumas regiões de Goiás e de São Paulo. Nesse capítulo, o autor analisa ocorrências de Minas Gerais e do interior de São Paulo, a fim de comparar o uso de UAI em espaços geográficos diferentes.

Ao final de seu trabalho, Batista, H. R. (2013a) conclui que foi possível se confirmar o estatuto discursivo do item UAI, tal como foi verificado e que UÉ e UÊ têm se mostrado formas variantes de UAI. Sobre o que foi possível constatar acerca do item UAI, Batista, H. R. (2013a, p. 33) afirma:

Nossos resultados corroboram seu estatuto de marcador discursivo e ainda permitiram verificar que as formas *uai*, *ué* e *uê* se comportam como variantes, sendo condicionadas pelos fatores posição na sentença e região geográfica. Embora de caráter preliminar, pelo fato de os resultados não terem sido apresentados em termos de peso relativo, nem terem como fonte amostras simétricas, nossa investigação traz contribuições importantes para o estudo do item *uai* e para o estudo das interjeições em geral.

Batista, H. R. (2013b, p. 10), por sua vez, procura discutir dois pontos principais: a) o estatuto gramatical e discursivo de UAI; b) as principais hipóteses acerca da origem dessa forma, como é explicitado a seguir:

A presente pesquisa tem como objetivo principal descrever o estatuto gramatical e discursivo desse item com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1968). Além disso, busca-se investigar e discutir algumas hipóteses relacionadas a sua origem.

Para desenvolvimento de sua pesquisa, Batista, H. R. (2013b) trata a forma UAI e as suas variantes como interjeições de valor discursivo, embora, como o próprio autor explicita, esse não seja um ponto sobre o qual haja consenso. Para sustentar a sua afirmação, Batista, H. R. (2013b) começa por apresentar algumas definições de interjeição. Posteriormente, o autor compara os conceitos trazidos pelas gramáticas com aqueles trazidos por dicionários da língua portuguesa e por dicionários de linguística. É de interesse do autor ainda descrever as interjeições nos níveis fonológico, sintático e lexical. Batista, H. R. (2013b) faz também uma discussão sobre as características que melhor configuram os marcadores discursivos.

A intenção do autor, ao fazer a análise acima mencionada, é a de argumentar a favor da ideia de que a classe gramatical das interjeições e os marcadores discursivos estão estritamente relacionados. O autor caracteriza, através de diagramas, cada um das categorias mencionadas (as interjeições e os marcadores) em seu plano formal e em seu plano funcional.

O autor verifica ainda que, embora as interjeições e os marcadores discursivos apresentem diferenças no plano funcional, isso não invalida a postulação de que esses dois grupos estão intimamente relacionados.

Verifica-se que, no plano formal, as duas categorias em análise não apresentam traços distintivos. Já no plano funcional, tem-se que as funções discursivas das interjeições (conativa, fática, cognitiva e interacional) parecem divergir em relação às funções dos marcadores discursivos. Porém, Castilho (1989) reconhece que as funções dos marcadores perpassam pelas funções da linguagem. Desse modo, essas funções estariam subentendidas na função textual-interativa da categoria dos marcadores discursivos. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 36).

O autor conclui, então, através de sua análise:

A partir da longa discussão empreendida aqui, parece adequado concluir que não há razões suficientes para excluir as interjeições do rol dos marcadores discursivos. Isso significa reconhecer que interjeições desempenham funções que dizem respeito à sinalização do texto e à própria interação entre os interlocutores. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 37).

Apesar de apresentarem consideráveis diferenças ao conceituarem as interjeições, todas as definições apresentadas pelo autor em seu trabalho reafirmam a ideia de que essas formas são utilizadas quando sentimos a necessidade de exprimir algum tipo de emoção, sendo a surpresa e o espanto apontadas como as principais dessas emoções. É a forma UAI, de modo geral, considerada uma dessas interjeições: “Tradicionalmente, ‘uai’ é definido como uma interjeição que indica ‘surpresa’ ou ‘espanto’. Porém, alguns estudos acadêmicos têm mostrado que sua função na conversação espontânea é de natureza complexa.” (BATISTA, H. R., 2013b, p. 09).

Ao se dedicar ao estudo da forma UAI, Batista, H. R. (2013b) traz-nos também as formas UÉ e UÊ, as quais ele considera formas variantes de UAI. Baseando-se na Teoria Variacionista de Labov, o autor define uma variável: (UAI); e as suas variantes: UAI, UÉ, UÊ. A partir de então, ele se dedica à origem de UAI, que considera ser a forma da qual advieram as supostas variantes UÉ e UÊ.

Sobre a amostra utilizada em sua pesquisa, Batista, H. R. (2013b, p. 45) esclarece: “O conjunto de dados utilizados nesta pesquisa foi extraído do Projeto C-ORAL BRASIL. A fala de 48 informantes¹⁵, em situações de diálogo, foi analisada.” As variáveis independentes analisadas pelo pesquisador foram a posição no turno¹⁶ e a posição na sentença¹⁷, como fatores internos; e gênero, faixa etária, escolaridade e domínio discursivo e domínio de interação, como fatores externos. No fator gênero foram considerados o masculino e o feminino. Em se tratando da idade dos informantes, o pesquisador analisou quatro faixas etárias diferentes: “de 18 a 25 anos, de 26 a 40 anos, de 41 a 60 anos, e mais de 60 anos” (BATISTA, H. R., 2013b, p. 49). Quanto ao fator escolaridade, temos “primário (até 7 anos de escolaridade), 3º grau PSET (exercendo profissão sem exigência de título) e 3º grau PCET (exercendo profissão com exigência de título)” (BATISTA, H. R., 2013b, p. 49). Sobre o domínio discursivo e o domínio de interação, o autor esclarece:

Quanto ao domínio discursivo, os dados distribuem-se em dois: domínio privado/familiar (interação entre amigos ou relações familiares) e domínio público (situações profissionais/institucionais: vendedor/cliente, aluno/professor, etc.).

¹⁵ Não há informação sobre o local de origem dos informantes.

¹⁶ Se no começo, no meio ou no fim da fala.

¹⁷ Se a esquerda, no interior, ou à direita, dentro da sentença.

Domínio da interação: conversação, diálogo e monólogo. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 51).

Na pesquisa de Batista (2013b), os grupos de fatores posição na sentença e faixa etária não foram significativos. O gênero foi considerado significativo, sendo que os homens utilizaram mais UAI e as mulheres mais UÉ/UÊ.¹⁸

Batista, H. R. (2013b) apresenta os seus resultados em tabelas. Primeiramente, são expostas as análises individuais de cada variável independente e depois são explicitadas as análises com o cruzamento dessas variáveis.

Após considerar o estatuto gramatical e o estatuto discursivo de UAI, Batista, H. R. (2013b) inicia a sua investigação acerca da origem da forma em estudo verificando a hipótese levantada por Amaral (1976) segundo a qual UAI se originou de uma evolução diacrônica da forma OLHAI, em um falar caipira paulista.

Em Batista, H. R. e Camargos (2013), os autores analisavam essencialmente a proposta de Amaral (1976), em Batista, H. R. (2013b) temos a descrição e a análise de várias outras hipóteses para o surgimento de UAI. Vejamos cada uma dessas possibilidades de origem apresentadas pelo pesquisador. Segundo ele há: “evidências de que “uai” teria se implementado no dialeto mineiro no século XIX, possivelmente a partir das trocas linguageiras no interior da mina de Morro Velho.” (BATISTA, H. R., 2013b, p. 98).

a) Dos ingleses

Ao analisar essa hipótese, Batista, H. R. (2013b) observa principalmente a participação histórica do povo britânico na região de Nova Lima/MG, mais precisamente, na mina do Morro Velho, no século XIX. Batista, H. R. (2013b, p. 83) explica ainda que uma investigação a partir desse local se justifica uma vez que:

de acordo com historiadores, esse era o ambiente mais propício para as trocas linguageiras entre falantes nativos e ingleses durante a primeira metade do século XIX. Britânicos e brasileiros viviam, geograficamente, isolados e os contatos limitavam-se ao cotidiano da mina.

O autor explica-nos que a sustentação dessa hipótese centra-se no forte contato linguístico entre ingleses e mineiros neste período, uma vez que esses dois grupos viviam isolados geograficamente, nas minas em que trabalhavam, e praticamente só se comunicavam entre si. No entanto, o autor chama à atenção o fato de, apesar da população estrangeira presente em Nova Lima nesse período ser na sua maioria de ingleses, haver nesse espaço

¹⁸ Em seu trabalho, Batista (2013b) agrupou as formas UÉ e UÊ como uma única variante.

também pessoas da Irlanda, de Gales e da Escócia, além de sul-africanos, norte-americanos e alemães, fato que motivou Batista a analisar as outras hipóteses sobre a origem de UAI.

A investigação feita por Batista, H. R. (2013b) compara UAI às interjeições da língua inglesa que lhe são semelhantes fonética e/ou semanticamente. O autor explicita que estudos anteriores ao seu sugeriram que UAI seria proveniente da forma *why*, advérbio interrogativo de língua inglesa.

De acordo com Albuquerque (2013), essa origem poderia ter se dado de duas possíveis formas: da passagem do advérbio interrogativo *why* ou da transposição direta da interjeição *why*. A primeira hipótese é descartada por Batista, H. R. (2013b). O autor explica:

A hipótese (a) seria, linguisticamente, menos provável devido à complexidade da evolução diacrônica de um item interrogativo para interjeição. Além disso, os ingleses se comunicavam, ainda que com algumas imperfeições, em língua portuguesa. Espera-se que as interjeições sejam manifestadas em língua materna, mas o mesmo pode não se aplicar a outras unidades léxicas recorrentes, como partículas interrogativas. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 87-88).

Para o autor, é mais provável a segunda possível via de origem de UAI por *why*. Batista, H. R. (2013b) explica que era comum no dia a dia dos trabalhadores de mina manifestações relacionadas à emoção – surpresa, aflição, quebra de expectativa. Tal fato fortalece a hipótese de entrada por via direta, da interjeição inglesa *why* para a forma UAI. O pesquisador exemplifica esse uso no inglês através de uma citação retirada de *The Life and Death of King John*, de William Shakespeare:

Bastard:

[...]What news abroad?

Hubert:

Why, here walk I in the black brow of night

To find you out. [...]

Bastard:

Who didst thou leave to tend his majesty?

Hubert:

Why, know you not? The lords are all come back [...]

(SHAKESPEARE, 1988 apud BATISTA, H. R., 2013b, p. 90).

Batista, H. R. (2013b), então, explica que a entrada dessa interjeição no português pode ter sido fruto de um processo de code-switching. Esse processo, de acordo com Gumperz (1982, p. 59), é “the juxtaposition within the same speech exchange of passages of speech belonging to two different grammatical systems or subsystems”. Desse modo, Batista,

H. R. (2013b) assume ser possível que os trabalhadores britânicos das minas, ao se comunicaram em português, proferiam interjeições de sua língua materna. E justifica isso afirmando que “Em geral, os ingleses, dado o próprio isolamento social em relação aos nativos, poderiam não ter conhecimento tão extenso do português a ponto de fazer uso de interjeições dessa língua com proficiência” (BATISTA, H. R., 2013b, p. 89).

O autor discute ainda a possibilidade de UAI ter se originado de outras formas do inglês – *what*, *well* e *wow*. No entanto, acaba descartando essa hipótese pelo fato de, após verificação no BNC – British National Corpus –, os itens *what* e *well* parecerem desempenhar função diferente das interjeições, embora, do ponto de vista fonético-fonológico, seja uma evolução possível. *Wow*, por sua vez, não demonstrou nenhuma semelhança semântica com UAI.

b) Dos italianos

Ao discutir essa hipótese, Batista, H. R. (2013b) menciona a imigração italiana ocorrida em 1875. De acordo com informações históricas trazidas por esse autor, os imigrantes desembarcavam no Rio de Janeiro e seguiam principalmente para o sul do país, embora alguns tivessem como destino o Espírito Santo ou as Minas Gerais, para trabalharem no setor de café.

No final do século XIX, no entanto, a urbanização de São Paulo fez com que o povo italiano migrasse em grande quantidade para esse estado, chegando a representar 50% da população paulista. Segundo Trento (2000 apud BATISTA, H. R., 2013b), a influência linguística dos dialetos italianos era tão forte a ponto de fazer que esses falares ecoassem mais que o próprio português naquela região. Houve até textos, de diferentes gêneros, publicados em italiano. Com isso, de acordo com a pesquisa do autor, os brasileiros chegaram a adotar palavras e expressões italianas. Algumas, como *ciao* (tchau), de fato, incorporadas à língua portuguesa.

Para a hipótese de UAI ser uma herança italiana, o pesquisador verifica a possibilidade de essa forma ter se originado do vocábulo *guai*, italiano. Essa forma é uma interjeição utilizada para expressar ameaça. Sendo UAI hoje uma forma utilizada também para exprimir estados emocionais e sendo foneticamente possível a redução *guai* > *uai*, essa hipótese poderia ser considerada uma possibilidade bastante bem fundamentada. Entretanto, Batista, H. R. (2013b) nos esclarece que o fato de a imigração italiana ter sido representativa em Minas, somente no final do século XIX, quando da inauguração de Belo Horizonte como capital e

“estes [os italianos] teriam chegado, em massa, em Minas Gerais bem depois do início da exploração da mina Morro Velho.” (BATISTA, H. R. 2013b. p. 94).

De acordo com Batista, H. R. (2013b), do ponto de vista linguístico, essa hipótese também é fraca. O autor explica:

Note que todas as ocorrências de ‘guai’, exemplificadas no dicionário, revela que esse item constitui um colocado, ou seja, parece manter relação de dependência com outros constituintes da frase. Essa obrigatoriedade o distanciaria do uso que se faz de ‘uai’, cuja independência sintática em relação ao conteúdo proposicional já foi atestada em trabalhos. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 97).

Apesar do dito, o autor explica que a ideia de redução sintática não pode ser de todo dispensada, uma vez que os empréstimos linguísticos, ao serem incorporados por uma língua, podem sofrer alterações.

Mesmo assim, a redução sintática não pode ser descartada, considerando-se que, enraivecido pelas ameaças de seu superior ou indignado com as condições de trabalho, o trabalhador poderia exprimir seu sentimento de indignação pela repetição parcial da expressão ouvida. Se assim foi, a evolução fônica ‘guai’>‘uai’ não impõe barreiras intransponíveis, dado que, comumente, empréstimos linguísticos externos tendem a sofrer adaptações fônicas da língua que os adota. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 98).

O impasse que parece nortear a hipótese de UAI ser uma forma linguística de origem italiana é resolvido quando Batista H. R. (2013b) chega à conclusão de que os fatores que refutam essa hipótese são mais evidentes comparadamente com aqueles que a sustentam.

O fato de não ter ocorrido empréstimos em outras regiões fortemente povoadas pelos italianos, bem como a falta de identidade fônica e funcional entre as interjeições ‘guai’ e ‘uai’ e a emigração em massa para Minas Gerais ter ocorrido no final do século XIX, não há como sustentar o pilar que se espera sobre a implementação desse item no dialeto mineiro. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 98).

c) *Dos espanhóis*

Essa hipótese sugere que a influência espanhola no surgimento de UAI poderia ter acontecido através dos vocábulos castelhanos *guau* e *guay*. Sobre o primeiro vocábulo, temos em Brandão (2001 apud BATISTA, H. R., 2013b) que se trata de uma onomatopeia representativa do latido dos cães¹⁹. Salamanca (1996 apud BATISTA, H. R., 2013b), por sua vez, traz *guau* como uma interjeição que expressa admiração²⁰. Para a forma *guay*, Batista, H. R. (2013b) apresenta três possíveis acepções: i) interjeição que expressa dor ou sofrimento; ii) adjetivo que significa “muito bom”; iii) advérbio significando “muito bem”.

¹⁹ Guau – m. onomatopeya de la voz del perro: ~, El perro ladraba sin cesar. (BRANDÃO apud BATISTA, 2013b, p. 97).

²⁰ Guau – interj. Se usa para imitar el ladrido del perro. Se usa para expresar admiración y alegría: *Guau, qué maravilla de casa!* (BRANDÃO apud BATISTA 2013b, p. 98).

Essa hipótese é descartada pelo pesquisador primeiramente pelo fato de os imigrantes espanhóis terem sido poucos na região do Morro Velho, em Nova Lima, e é pouco provável que uma quantidade tão pequena de imigrantes possa ter influenciado algum processo linguístico no Português. A imigração mais importante dos espanhóis ocorreu no final do século XIX, de acordo com Klein (1994 apud Batista, H. R., 2013b).

Além disso, do ponto de vista linguístico, Batista, H. R. (2013b) aponta a falta de correspondência semântica entre as formas castelhanas, quando interjetivas, e o vocábulo UAI, embora pertençam à mesma classe gramatical.

d) Dos Japoneses

A hipótese de origem japonesa para UAI, embora existente, é já inicialmente descartada na análise feita por Batista, H. R. (2013b), pois a chegada dos imigrantes japoneses só se deu no início do século XX.

e) Dos alemães

Ao analisar a hipótese de que UAI entrou na língua portuguesa através do povo alemão, Batista, H. R. (2013b) verifica o vocábulo *wau*, forma que forneceria a possível contribuição para a origem de UAI. No entanto, de acordo com o dicionário Drosdowski (1989 apud BATISTA, H. R., 2013b), *wau* corresponde a uma onomatopeia para o latido dos cães, o que mostra falta de correspondência semântica entre essa onomatopeia e UAI – fato já observado na análise de outras hipóteses. Embora o estatuto de onomatopeia possa ser relacionado à classe gramatical interjetiva, a falta de correspondência de significado enfraquece a procedência dessa hipótese.

Os fatos históricos também refutam a hipótese de origem alemã para a forma em estudo. Embora desde o início do século XIX seja registrada a presença de imigrantes alemães no país, a ocupação desse povo na região da mina do Morro Velho só se deu na virada do século XIX. A essa altura, UAI já era uma forma presente na região de Nova Lima.

f) Dos portugueses

Para analisar esta hipótese, Batista, H. R. (2013b) começa por falar um pouco da imigração portuguesa em terras brasileiras, processo que se iniciou em 1532, quando os lusitanos aqui chegaram. Entre o período da mineração e o século XIX (período em que são

registradas as primeiras ocorrências de UAI), a maioria dos imigrantes lusitanos que aqui chegavam era da região do Minho, norte de Portugal.

Ao final no século XIX, de acordo com Lobo (1994 apud BATISTA, H. R., 2013b), o Brasil recebeu também imigrantes portugueses de outras regiões, como Porto, Aveiro e Braga, por exemplo. O principal destino desses portugueses era São Paulo e Rio de Janeiro, embora ocupassem também regiões de Minas, Bahia, Pernambuco, Pará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Embora o contato linguístico entre portugueses e brasileiros tenha sido, desde sempre, muito intenso, o autor descarta essa possibilidade, uma vez que “a grande massa de imigrantes concentraram-se em São Paulo e Rio de Janeiro, lugares em que não há informações sobre o uso de ‘uai’, exceto no noroeste de São Paulo, que não representa uma região notória no recebimento desses imigrantes (BATISTA, H. R., 2013b, p. 101)”.

Vale salientar aqui, mais uma vez, que as primeiras ocorrências de UAI foram registradas na região de Nova Lima/MG, em meados do século XIX.

Do ponto de vista linguístico, Batista, H. R. (2013b) verifica a possibilidade da forma em estudo ser proveniente das interjeições portuguesas *ah* e *oh*. Essas expressões chamam a atenção do pesquisador porque, de acordo com a definição de UAI trazida pelo dicionário eletrônico Aulete (2012 apud Batista, H. R., 2013b, p. 101), trata-se de um “item do português brasileiro ou termo açoriano equivalente a *ah* ou *oh*”. Ao final de sua análise, o autor conclui que, apesar da correspondência semântica entre essas duas formas e o UAI, as possíveis formas de origem são expressões do português brasileiro e não concorrem, na maioria dos casos, com UAI e suas variantes.

De fato, são interjeições que podem exprimir várias acepções. A de surpresa ou espanto compartilha usos típicos do item ‘uai’. Porém, duas observações merecem atenção: 1) as interjeições ‘Ah!’ e ‘Oh!’ fazem parte da categoria de itens que exprimem emoções do português brasileiro e não parecem competir com ‘uai’ e b) a imigração açoriana foi mais acentuada no sul do país – onde não se faz uso de ‘uai’ como é atestado no Estado de Minas Gerais - devido aos objetivos da Coroa em expandir suas conquistas territoriais naquela região, além do que foi estipulado no Tratado de Tordesilhas. Essas informações mostram que a origem de ‘uai’ encontra pouca motivação nessa hipótese. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 102).

g) Dos índios

Como é sabido, os primeiros habitantes do território a que hoje chamamos Brasil foram os índios, que, segundo o site da FUNAI (2012 apud Batista, 2013b, p. 102), chegaram à América há mais ou menos 12,5 mil anos. Após a chegada dos portugueses, o contato cultural entre nativos e colonos foi, obviamente, intenso. Com o tempo, as línguas indígenas

se tornaram substrato da língua portuguesa. Somente alguns desses povos – como os Maxacalis, em Minas Gerais; os Xoklengs, em Santa Catarina; os Fulniôs, em Pernambuco; e os Guaranis, no Mato Grosso do Sul – conseguiram preservar as suas línguas. Os demais povos indígenas, segundo pesquisa feita por Batista, H. R. (2013b), tiveram suas línguas substituídas pelo português, utilizando, hoje, apenas umas palavras esparsas de língua indígena.

Batista, H. R. (2013b) explica que não há informações sobre o sistema linguísticos dessas línguas que relacione alguma de suas expressões à forma UAI.

h) Provincial

A hipótese apresentada por Batista como *Origem Provincial* é aquela que corresponde aos relatos populares, já apresentada neste trabalho, na seção 3.1 A origem popular de UAI. Tal como explicitado nesta pesquisa, também para Batista, H. R. (2013b), embora seja uma hipótese curiosa, ela carece de informações históricas precisas, capazes de confirmar essa possibilidade.

i) Do Português rústico

Batista investiga por fim a hipótese de que UAI é uma forma proveniente do Português rústico. O autor analisa a possível origem da forma em estudo através dos itens *guai* e *gué* que, de acordo com Bueno (1974 apud BATISTA, H. R., 2013b), possuem o mesmo significado que temos hoje para UAI. No entanto, não há em Bueno exemplos que comprovem essa correspondência semântica.

Batista, H. R. (2013b, p. 107) nos esclarece, contudo, que de acordo com Said Ali (1971):

O significado das formas latinas ‘ei’, ‘heu’, ‘vae’ passaram em português a ‘ai’ e ‘guai’. Embora o autor afirme que a forma ‘guai’ não pudesse ter originado diretamente do vocábulo latino ‘vae’ (uma vez que a lábio-dental latina ‘v’ não teria sofrido tal mudança em românico), o sentido era o mesmo. A forma que teria dado origem a ‘guai’, de acordo com esse autor, é a exclamação gótica ‘wai’, à semelhança de ‘guisa’, ‘guerra’, resultantes do gótico ‘wisa’, ‘werra’.

Batista, H. R. (2013b) explica-nos ainda que Said Ali (1971) encontrou indícios de que *ai* era a forma de prestígio utilizada e *guai* “é banida do falar de gente fina” (BATISTA, H. R., 2013b, p. 107).

Depois de sua análise, o autor conclui que esta também é uma hipótese fraca, pouco provável:

Portanto, fica difícil sustentar a hipótese da herança do português rústico por dois motivos. Um deles é que a aceção de ‘guai’ não tem equivalência – seja fônica seja semântica - com o item ‘uai’. Segundo, teria sido a exclamação gótica ‘wai’ a responsável por dar origem à ‘guai’ e não o contrário. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 108).

j) Conclusão de Batista, H. R. (2013b)

Ao final da discussão, Batista, H. R. (2013b) conclui que a hipótese apresentada por Amaral (1976) é a que apresenta mais evidências plausíveis para a origem da forma UAI, embora considere bastante coerente também a possibilidade de UAI ter se originado do povo britânico, por via direta, proveniente da interjeição *why*. O autor esclarece que a hipótese de Amaral (1976) consegue apresentar explicações fonológicas e semânticas capazes de se sustentarem. O percurso fonológico pelo qual a forma provavelmente passou, segundo essa proposta evolutiva, é algo bastante comum nos dialetos estudados pelo autor.

Batista (2013b), contudo, reconhece a complexidade do assunto e finaliza o seu trabalho deixando-o em aberto para que novas pesquisas sejam feitas a fim de se buscar com maior precisão a possível origem de UAI. Nas palavras do autor:

Dentre as hipóteses discutidas, descartamos algumas e outras ficam em aberto. Dentre estas últimas, a hipótese do empréstimo britânico parece plausível. Entretanto, quando comparadas à de Amaral, discutida no capítulo III, aquela parece ter consequências gramaticais mais interessantes. Por isso, optamos por inseri-la em nossa origem. Mesmo assim, a questão sobre a origem de ‘uai’ continua em aberto. Novas pesquisas poderão mostrar se nossa opção foi a mais adequada. (BATISTA, H. R., 2013b, p. 108).

Outra conclusão interessante é o fato de que, embora, na maioria das vezes, se refiram à forma em estudo por interjeição, tanto Albuquerque (2013) quanto Batista, H. R. e Camargos (2013) e Batista, H. R. (2013a; 2013b) chegam à conclusão de que o estatuto gramatical é de natureza híbrida, uma vez que se realiza tanto como uma forma interjetiva quanto como um marcador discursivo.

3.3 UAI nos dicionários de português

Observemos, inicialmente, o significado de UAI trazido por alguns dicionários de língua portuguesa.

Em seu dicionário etimológico do português, Aulete (1948, p. 1376) define a forma em estudo como: “Uai !, *interj.* (Ilha das Flôres) o mesmo que *ah !* ou *oh !*”.

Aulete (1948) nos remete a Ilha das Flores, uma ilha dos Açores, Portugal. O foco principal nesse caso parece ter sido salientar que UAI é uma interjeição que, na língua, é o mesmo que as formas *ah* e *oh*.

Bueno, F. S. (1974, p. 4125), por sua vez, nos diz: “Uai – Interjeição de espanto, de surpresa. Corresponde ao itali. *guai*, ao latim *vae*. No português do Brasil existe *guai* e também *güie*, com o mesmo valor de *uai*”.

A definição de Bueno, F. S. (1974) nos mostra que *guai* (do italiano) e *vae* têm o mesmo valor de *uai* no português. No entanto, não devemos associar *guai* à origem de UAI devido à incorrespondência entre o período de imigração italiana no Brasil e o período em que são registradas as primeiras ocorrências de UAI.

No Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (1976), produzido pela Enciclopédia Mirador Internacional, temos: “uai, interj. 1. Exprime confirmação, espanto, admiração, surpresa, consentimento. 2. Pode equivaler a *ai!*, para exprimir dor”.

Nessa definição são apresentados dois principais significados para o UAI: o de interjeição que exprime surpresa e o de interjeição que exprime dor. É interessante notar aqui que, embora UAI se comporte de forma bem diferente quando significa espanto/surpresa/admiração e quando significa reforço e consentimento, a Enciclopédia Mirador Internacional agrupa esses contextos. A diferença aqui apresentada faz com que a forma chegue a pertencer a classes gramaticais diferentes, fato já mencionado neste trabalho. É curioso notar ainda que, nos dados desta pesquisa, não obtivemos nenhuma ocorrência de UAI como forma que expressa dor, nem nas entrevistas espontâneas nem nos dados do Corpus do Português. Essa definição não traz a origem da forma.

A definição de UAI trazida por Ferreira (1986, p. 1731), no Dicionário Aurélio, é:

uai. Interj. Bras e prov. lus.. Exprime surpresa espanto ou terror: “De repente, peguei a ouvir o galo cantar. Uai! Era em o canto do galo.” (Afonso Arinos, *Histórias e Paisagens*, p. 18); “ – Vamos matar o bicho conhecido?/ Não, senhor, eu não tenho costume – respondeu o outro/ – Uai! Costume a gente pega.” (Amadeu de Queirós, *Os Casos do Carimbamba*, p. 119).

A definição do Dicionário Aurélio foca apenas em UAI quando interjeição que exprime surpresa/espanto. O autor traz nesta definição duas origens para a forma: trata-a como um brasileirismo e como proveniente de Portugal. No entanto, essas duas hipóteses são fracas, como já visto em Batista, H. R. (2013b).

A definição trazida por Houaiss (2001, p. 2794) diz:

Uai *intej.* 1B exprime espanto, pasmo, surpresa, admiração, susto ou impaciência 2 empre. Para reforçar o que antes foi dito, como se se estranhasse a dúvida do interlocutor <claro que vou, u.> 3 AÇR equivale a *ah!* ou *oh!* ETM VOC. Expressivo, segundo Nascentes.

Houaiss (2001) mostra em seu verbete os seguintes significados para a forma UAI: o de interjeição utilizada para exprimir espanto, admiração, etc. e o de forma que confirma algo dito pelo locutor.

No dicionário online Priberam da Língua Portuguesa (PRIBERAM, 2016) temos que:

“u·ai. (origem expressiva). *Interjeição*. 1. Exprime admiração, surpresa ou espanto. 2. Exprime um reforço do que foi dito anteriormente, para contrariar a dúvida ou afirmação do interlocutor.”

Assim, podemos dizer que, de modo geral, os dicionários pesquisados apresentam o UAI como interjeição com significado de surpresa/espanto, admiração ou confirmação. Indicam essa forma como sendo dos Açores ou um brasileirismo.

3.4 UAI no Corpus do Português

Em pesquisa feita no Corpus do Português²¹, para o século XIX, encontramos, primeiramente, quinze ocorrências de UAI, vinte ocorrências de UÉ e vinte e uma ocorrências de UÊ. No entanto, ao conferir a data das obras de onde as formas foram extraídas, percebemos que, no caso de UAI e de UÉ a maioria delas é, na verdade, do século XX. Em se tratando de UÊ, todas as ocorrências encontradas foram confirmadas. Assim, após retirados esses dados do século XX e alguns dados que se encontravam em textos repetidos, obtivemos três ocorrências de UAI, oito ocorrências de UÉ e vinte e uma ocorrências de UÊ no século XIX. Todas essas formas se mostraram como interjetivas e são correspondentes, na maioria das vezes, à variável UAI – em início de sentença. Nesses casos, o significado mais frequente é o de forma utilizada para exprimir dúvida, indignação, surpresa/espanto, etc. Algumas formas apareceram constituindo sentenças independentes. Vejamos um exemplo de cada uma das ocorrências de UAI, UÉ e UÊ encontradas no Corpus do Português. O restante dos dados encontra-se arrolado nos anexos (V-VII).

a) [...] *era uma lesma, mas queria antes de comprometer-se por uma promessa formal, expor-lhe com franqueza o modo por que entendia as funções dum acólito pontual e zeloso. Chovia ainda. Tinha tempo. Padre Antônio, provavelmente, surpreendido pela chuva, entrara em alguma casa, e esperava a estiagem para voltar ao presbitério. O pobre pretendente já esperava muito tempo. Macário atravessou o corredor, abriu a porta da sala, e recuou espantado, vendo sentado numa cadeira, com o chapéu entre os joelhos, um moço de dezoito anos, pálido e franzino. - Uai! é o senhor que quer substituir-me! exclamou o sacristão, cheio*

²¹ Disponível em <<http://www.corpusdportugues.org/>>. Acesso em 30 de Abr. 2016.

de surpresa. E logo fino e atilado, não querendo ser vítima duma mistificação evidente, acrescentou com um sorriso: - Já sei, é uma pilhéria do Chico Fidêncio! Aquele tratante não descansa! Mas desta vez teve graça! O Sr. Totônio Bernardino feito sacristão da Matriz! O moço ergueu-se, acanhado e sério. Macário notou que tinha emagrecido e estava muito triste. Nos olhos brilhava-lhe um relâmpago. - Não sei de (...) [Fonte: O Missionário, de Inglês de Souza (1891)]

b) nada é.. Abel (Descobrimdo-se) - Vejo que me enganei.. Supus que sua palavra não voltava atrás.. Adeus! Oh! mas ainda me resta um meio.. Helena.. Qual é? Abel - Veremos.. (Cobre-se e sai resolutamente) Helena (Depois de pequena reflexão, como que caindo em si) - Marcolina! Marcolina! vai ter com ele! Marcolina - Com ele quem? Helena - Com esse moço que acaba de sair daqui; chama-o! Marcolina - Iaiá! Helena - Dize-lhe que já tenho a trouxa pronta.. Marcolina - Ué! Helena - Vai depressa! Marcolina - Nada! Não me meto em fundura! Não quero cumo-chama comigo. (Música) Olhe: aí vem os brancos.. Vêm pro víspora. Helena - Malditos amoladores! Não podem jogar em outro lugar! Vai abrir a porta. (Marcolina abre a porta da esquerda, vai colocar-se ao fundo da cena. Helena senta-se no canapé) Cena VII Helena, Marcolina, Pantaleão, Alferes Andrade, Góis & Companhia, Cascais, Pedrinho, Benjamim, Juca Sá [Fonte: Abel e Helena, de Artur de Azevedo (1877)]

Era uma burrice! Gouveia - Custa-me crer que ela.. Eusébio - Pois creia! Beijando um mocinho, um pelintreca, seu Gouveia.. Veja o sinhô de que serviu gasta tanto dinheiro com ela.. Gouveia - Sim, o senhor educou-a bem.. ensinou-lhe muita coisa.. Eusébio (Vivamente) - Não, sinhô! Não ensinei nada.. Ela já sabia tudo! O sinhô, sim! Se arrugam ensinou foi o sinhô e não eu! Beijando um pelintreca, seu Gouveia.. Gouveia - Dona Fortunata não viu nada? Eusébio - Dona Fortunata.. Uê. Como é que haverá de vê.. Olhe, eu lá não vorto! Gouveia - Não volta! Ora esta! Eusébio - Não quero mais sabê dela. Gouveia - Deve lembrar-se que é pai! Eusébio - Por isso mesmo! Ah! Seu Gouveia, se arrependimento sarasse.. Bem; o sinhô vai me apadrinha, como noutra tempo se fazia cm preto fugido.. Não me atrevo a entrá In casa sozinho depois de tantos dias de ofensa! Gouveia - Em casa? Pois o senhor não [Fonte: A Capital Federal, de Artur Azevedo (1897)]

A primeira ocorrência dessas variantes foi a forma UÉ que data do ano de 1845:

capaz disso! John, Deus te livre de uma mulher como a minha. BOLINGBROK, correndo para John - John, John! Vem ela, vem ela! JEREMIAS, assustando-se - Minha mulher?

*BOLINGBROK - Olha, John, olha! God! Mim contente! CENA IV Entram pela direita Virgínia e Clarisse. JOHN - São elas! JEREMIAS - Que susto tive eu! Pensei que era minha mulher. JOHN - Virgínia! BOLINGBROK - My Clarisse! VIRGÍNIA - John! CLARISSE - Bolimbroque! BOLINGBROK - By God! JEREMIAS, à parte - Uê! As filhas do Narciso.. Bravo! VIRGÍNIA - O senhor Jeremias! CLARISSE - Ah! JEREMIAS - Minhas senhoras, bravíssimo! JOHN, para Jeremias - Conheces estas senhoras? JEREMIAS - Se as conheço! São minhas vizinhas. JOHN - Jeremias, espero que tu não nos trairás. Estas meninas devem ser nossas esposas.. E como o pai não consente em nosso casamento, aqui estamos para roubá-las, e as roubaremos. JEREMIAS - Olá! Isto vai à inglesa.. Dito e feito.. JOHN [Fonte: **As casadas solteiras, de Martins Pena (1845)**].*

De acordo com o Corpus do Português, as primeiras ocorrências de UÊ são de 1872. Vejamos um exemplo:

*. Como vai esta Sé Velha? (Cumprimenta a Rosinha e a Perpétua) Chico Bento - O rapaz já veio? Perpétua - Estou ansiosa por vê-lo. (Para Rosinha) Endireita este corpo, sinhá. Nunca vi coisa assim! Não tem jeito para nada! Rosinha - Mamãe já principia? Se eu soubesse não tinha vindo, está sempre em cima da gente, fucte, fucte, só cutucando. Perpétua - Vejam só como está este chapéu! (Admirada) O que é que tu tens nesta barriga? Rosinha - (Com arrebatamento) Uê! Eu sei lá! Foi aquela coisa, que meu padrinho trouxe da cidade. Perpétua - (Admirada) As anquinhas! Ora vocês estão vendo? Senhor major, dê-me licença que entre, para arranjar esta menina. Limoeiro - Essa é boa! Sem cerimônia (1), Dona Perpétua! Entre por aí afora. (Perpétua, Rosinha, a criada e a pajem entram para casa) Cena IV Limoeiro e Chico Bento Chico Bento - Finalmente o pequeno tomou juízo! Agora o que é preciso [Fonte: **Como Se Fazia um Deputado, de Joaquim José da França Júnior (1882)**].*

Em se tratando de UAI, as primeiras ocorrências encontradas no Corpus do Português datam de 1891. A seguir, um exemplo.

(...) selvagens. E, por sinal, que Macário também ia, sim, senhores, Macário de Miranda Vale ia missionar na Mundurucânia, e o seu nome viria nos jornais, S. Rev.ma lho prometera. Padre Antônio até já queria entregar a Matriz ao José do Lago, para poder sair mais depressa, mas o diabo é que não havia remeiros que se prestassem a conduzir S. Rev.ma ao porto dos Mundurucus. Coisa notável, mal O sacristão chegava-se a um tapuio: - Patrício, você quer levar o senhor vigário ao porto dos Mundurucus? - Uai! onde é isso? - O porto dos

Mundurucus é lá no fim do mundo, nem eu mesmo sei, explicava Macário. É lá uma coisa que se meteu na cabeça do senhor vigário. Quer ir por força à terra dos gentios que comem gente, para servir a Nosso Senhor Jesus Cristo! O tapuio que isso ouvia, dava de andar para longe, silenciosa e apressadamente, receando que o obrigassem a pegar no remo. E Macário, mostrando muito desânimo, ia dizer ao vigário (...) [Fonte: O Missionário, de Inglês de Souza (1891)].

As formas mais frequentes no século XIX, no Corpus do Português, são UÊ e UÉ. O maior incremento do UAI só ocorre no século XX, embora ocorram algumas formas no século XIX. Os dados do século XIX nos remetem à variável UAI1, na maioria das vezes em início de sentença e com valor interjetivo com significado de espanto, etc.

CAPÍTULO IV

4 A ANÁLISE DOS DADOS

A nossa análise de dados é feita de modo a responder aos questionamentos, explicitados na introdução deste trabalho, que orientam esta pesquisa. Assim, buscaremos verificar se há indícios de diferenças entre o falar mineiro e o falar fluminense; se alguma das variantes utilizadas se mostra em progresso em alguma das comunidades de fala; se é possível identificar a forma inovadora em alguma dessas comunidades; se é possível confirmar a hipótese de Amaral (1976) – que sugere a atuação de processos fonético-fonológicos relacionados às variantes estudadas; se as diferenças entre variantes estão associadas às diferenças das redes sociais das comunidades de fala em questão; se há indícios de estigma em relação a alguma das variantes utilizadas pelos falantes; se as variantes em contextos diferentes são realizadas da mesma forma nas comunidades de fala; se podemos estabelecer uma rota para as variáveis de UAI1 e UAI2; se há indícios da origem de UAI.

4.1 A organização dos dados

Para este trabalho foram consideradas as variáveis: UAI1 – em posição inicial de sentença – e UAI2 – em posição final de sentença²². Por hipótese, essas variáveis têm o seu uso favorecido pela influência de grupos de fatores independentes linguísticos e sociais. Nesta pesquisa, interessa-nos principalmente analisar a atuação das variáveis independentes sociais gênero e faixa etária do falante. Como falado anteriormente, as outras variáveis, grupo social e escolaridade do falante, que possivelmente poderiam influenciar o processo, não serão aqui analisadas, pois foram controladas.

Inicialmente, as variantes foram separadas e analisadas a partir dos diferentes contextos em que elas ocorreram; UAI, UÉ e UÊ aparecem em início ou em final de sentença. As variantes²³ ocorrem indicando dúvida, indignação, surpresa/espanto, etc.; reforçando ou confirmando algo que foi dito; ou indicando introdução de turno conversacional. Há casos em que o significado das formas é ambíguo – talvez pela gradualidade presente nos processos envolvidos.

Assim temos:

²² UAI foi a forma escolhida para representar as variáveis em estudo por ter sido a mais frequente na maioria dos contextos analisados.

²³ A classificação das variantes como iniciais ou finais se dá considerando-se a análise acústica e a entonação ascendente ou descendente.

Em Itaúna

i) Em posição inicial – UAI1

a)- *E o que você está achando do governo aí, do prefeito?*

/Uai... eu acho que no começo é assim mesmo. O pessoal está falando que não está sendo grandes coisas, mas eu acho que no começo não tem como, parece que ele está indo bem. (R. M. A. I.)²⁴

*27:55²⁵ – [u'ar] Realização como hiato. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: não tem.

b)- *Você acha que falta alguma coisa, assim, nos governantes? De um modo geral, não pro Lula ou pra outro.*

/De um modo geral. Pior que... Ô, gente, falta muita coisa, com certeza, mas é igual eu tô te falando acho que assim...

- O que que você acha que tá faltando?

/Ué, tinha que... Igual eu tô te falando, assim por exemplo, o que que acontece...(D. F. A. I.)

*33:05 – [u'ɛ] – “ué”. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “tinha”, sendo pronunciada [tʃɨ̃], cuja nasal que canonicamente seria alveolar torna velar por influência do ponto de articulação da consoante em posição de onset da palavra seguinte, “igual” (pronunciada ['goau]).

c) - *O que é que tem aqui para as pessoas se divertirem? Assim, fazer coisa diferente, além de trabalhar...*

/Uê, quando saio mais é barzinhos, praças de esportes, essas coisas assim de clubes, né?!(W. M. A. I.)

*00:39 – [mœ] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “quando”, pronunciada ['kõ].

ii) Em posição final – UAI2

a) */O Luiz escrevia duas páginas pra ele, eu num sei por que que ele não queria, o Luís tinha duas página, a minha era uma. Porque ela visa mais é o dinheiro, ela gosta muito do dinheiro, eu vou te falar a verdade, então tudo é dinheiro sabe? E ele precisa de dinheiro sô, ele precisa de dinheiro... uai. Ele tá estudando ainda, num é não? (E.F.A.I.)*

*42:13 – [u'ar] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “ele” pronunciada [e], pois perde a última sílaba.

b) - *Eu também acho que o Zé Dirceu num é muito confiável não.*

²⁴ Identificação do informante de modo a indicar: **nome** (Primeira letra), **gênero** (M: masculino ou F: feminino); **faixa etária** (J: jovem ou A: adulto); e **comunidade de fala** (I: Itaúna ou P: Piranga), respectivamente.

²⁵ Minuto da gravação em que ocorre a forma analisada seguido da análise acústica.

/Agora, o Lula, ele é uma pessoa, que todo mundo sabe que ele tem a quarta série de grupo, ele tem, é o que ele tem, pra ele tá onde que ele tá, ele também num tá lá à toa, né? Tem os problema dele? Ô, gente, todo mundo tem problema, num é só porque ele é presidente quer dizer que ele tem que resolver tudo também não, ué. É difícil, todo jeito é difícil. (A. M. A. I.)
*29:53 – [ˈnãõ . ê] - Palavra anterior: “não”. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ué”, que é nasalizado. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

c) - Ele, assim, reagiu?

/Ele reagiu ué. Então eu falei com ele “você é louco só, num reage não. Dinheiro você recupera outro”. O cara vem te assaltar aqui, eu falei com ele “não, de forma alguma.”

(A. M. A. I.)

*10:17 –[hɛv.ˈziu.e] – Palavra anterior: “reagiu”. A semivogal do ditongo da sílaba tônica de “reagiu” sofreu crase com a semivogal do ditongo “ue”, e logo ocorreu uma mudança na estrutura tônica: “ue”, que se esperava que fosse pronunciado [ue], transformou-se em um hiato. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

Em Piranga:

i) Em posição inicial – UAI1

a) - E assim, o que que você acredita da vida após a morte?

/Uai, eu acredito que existe a vida após a morte, que existe... Que existe... Que tem um lugar melhor, que isso aqui é só uma passagem mesmo, que o que a gente fizer aqui corresponde ao que você vai ter do outro lado. (B. M. J. P.)

*27:50 (parte2) [ua] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “acredito” [a.kɾi.ˈdʒit] – sendo que a vogal [a] inicial está coarticulada com “ua”.

ii) Em posição final – UAI2

a) /Olha... Eu acho assim quanto mais puder ajudar o cara que está querendo entrar na faculdade, é fundamental, eu acho assim, se pudesse fazer a ma... Mensalidade, um brinquedo por dia, ia ser beleza, mas não é assim que funciona, que vale muito da pessoa também que vai ingressar na faculdade, uai. Buscar meios de comunicação de... se a faculdade não está oferecendo aquilo que ele tá buscando, tem a internet... (B. M. J. P.)

*05:27 – [fɛ.ku.ˈda.dʒɪɐ] – Palavra anterior: “faculdade”. A qualidade do áudio não está muito boa, e como ele fala “uai” no fim da sentença, a realização é bastante fraca, o que dificulta ainda mais uma boa visualização de sua realização e ocasionalmente uma boa transcrição. Com base apenas na audição, é provável que ele tenha pronunciado “ai” com valor de “uai”. Palavra posterior: não tem, apenas uma pausa.

b) /[...] *Aí eu falei assim “O estado tá negando uma escola (?) pra sua filha, mas não tem uma escola especial aqui”. A gente não tem isso não, ué. A lei da inclusão tá aí, uê.*

- *Hoje num é inclusão?*

/Num é inclusão? Então, agora, então não nega [...] (G. M. A. P.)

*00:58 – [õε] – “ué”. Palavra anterior: “não” [ˈnãõ]. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ué” – pronúncia coarticulada: [ˈnãõε]. A palavra posterior não foi identificada, pois é apenas um retracting.

c) - *É... Ah! Eu ia te perguntar do celular aqui em Piranga.*

/Bom demais, ué.

- *Demorou demais, não é?*

/Demorou, mas nossa senhora... (L. F. J. P.)

*43:03 – [œe] – “ué”. Palavra anterior: “demais”, pronunciada [dʒi.'maiz]. Palavra posterior: não tem, a entrevistada apenas ri.

Em UAI1 – em posição inicial de sentença – temos as formas como interjeições que, em geral, se apresentam como introdutoras de turno conversacional e/ou com o significado de dúvida; indignação; surpresa/espanto; etc.

As formas interjetivas são definidas, de modo geral, como a classe gramatical utilizada para exprimir emoções/sentimentos. Vejamos as seguintes definições.

Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções [...]. A mesma reação pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entonação. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 577).

“Interjeição — É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações.” (BECHARA, 2001. p.330).

“Interjeição é a palavra que exprime emoção. As interjeições são *elementos afetivos* da linguagem, e valem por frases inteiras, cujo sentido, às vezes, pode variar segundo a entonação que as acompanhe.” (ROCHA LIMA, 2012, p. 240).

É interessante notar que embora todas as definições apresentadas assumam a interjeição como uma forma de se exprimirem sentimentos e admitam o seu aspecto oracional, Bechara (2001), diferentemente de Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (2012), não menciona claramente o caráter discursivo das formas interjetivas, que neste trabalho é assumido como um aspecto relevante dessas formas.

UAI2 – em posição final de sentença –, por sua vez, parece assumir, na maioria das vezes, a função da classe gramatical que Castilho (2010) define como “advérbio asseverativo” e que funciona também como um modalizador discursivo. Para o autor, “Esses advérbios funcionam como operadores argumentativos. Para acrescentar relevo a informações irrelevantes, o locutor esforça-se por conferir um tom de autoridade à sua fala, recheando-a de modalizadores asseverativos” (CASTILHO, 2010, p. 580).

Nesses casos, nossas variantes adverbiais asseverativas aparecem com o significado: de reforço de algo dito anteriormente (na maioria das vezes) e trazem o significado de ‘obviamente’.

Batista, M. B. A. e Kanthack (2012, p. 04), baseadas em Castilho (1993), dividem os advérbios asseverativos em:

asseverativo afirmativo, que não deixa margem para dúvidas, indica que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição e o apresenta como uma afirmação (realmente, com certeza etc); *asseverativo negativo*, em que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição e o apresenta como uma negação (de jeito nenhum, de forma alguma etc); *quase-asseverativo*, em que o falante considera o conteúdo da proposição como quase certo” (talvez, possivelmente etc); e o *delimitador*, que estabelece os limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo da proposição (geograficamente, biologicamente etc).

Em nossa pesquisa, em se tratando de UAI2, foram identificadas formas que parecem configurar o tipo asseverativo afirmativo e o quase asseverativo. Vejamos alguns deles.

a) Asseverativo afirmativo:

- *É cômico, não é?*

/É questão até de rir mesmo, porque não tem jeito, não, aí fica difícil. Ô, e é história para caramba, é muita coisa, é muito... Bacalhau, por exemplo, está aos cupins lá. E tem uma plaquinha lá toda cheia de mato: patrimônio mundial, lá e não sei o que lá. Só colocar plaquinha lá não vai resolver o problema. É ajudar o pessoal que tem uma estrutura boa lá, o pessoal ajudar a divulgar, fazer a divulgação mesmo, trabalhar em cima do que traz gente para cá que gen,.. turista é dinheiro também, uê [com certeza]. E é a cada ano buscando mais gente que vem, espalha o pessoal, vem mesmo, gasta mesmo, aí que que eles falam, a própria igreja católica também é meio, é meio ... Conivente nessa área também porque ela só pega o dela e deixa os outros para trás. (B. M.J.P.)

*15:47 –Palavra anterior: “também” pronunciada [tɐ.'mẽĩ]. O “uai” está bastante coarticulado com a última sílaba de “também”, sendo difícil segmentar. Com base na audição (o mais confiável a se fazer no momento, pois o sinal está ruim), ele provavelmente diz “ue” [ẽ], sem as semivogais e nasalizado por influência das vogais nasais de “também”, com as quais está coarticulado. Não há palavra posterior.

b) Quase asseverativo

/Ô, Gê, são quantos bairros aqui em Itaúna mais ou menos?

(Gê responde)

/Tem mais, uai [possivelmente]! Eu perdi, eu sabia, eu esqueci. (D. F. A. I.)

*31:23 – [uai] Palavra anterior: mais. ['mai.zuai] Ocorre vozeamento da consoante [s] em posição de coda do monossílabo ['mais], transformando-se em [z]. Este [z] deixa de ocupar esta posição de coda para ocupar a posição de onset da sílaba seguinte, que é [uai]. Não há palavra posterior.

Ao descrever o trabalho sociolinguístico, Labov (2008) relata sobre a dificuldade de se encontrarem os dados buscados. Nem sempre é possível encontrar um número razoável de ocorrência das formas com as quais estamos trabalhando. Os entrevistados, por mais à vontade que pudessem estar, preocupavam-se, de certa forma, em policiar a fala, uma vez que, desde o início, tinham o conhecimento de que as entrevistas estavam sendo gravadas com a finalidade de serem utilizadas em um trabalho acadêmico. Foram poucas as ocorrências das variáveis. É esperado que a fala em situação de entrevista não seja exatamente como a fala cotidiana. Temos o “Paradoxo do Observador”, conforme Labov (2008). Mas, segundo esse autor, é possível se fazer o melhor uso possível de “dados ruins”.

4.2 Comparação das formas entre as cidades

Ao compararmos o uso que os falantes têm feito das variáveis UAI, em Itaúna e em Piranga, pudemos observar que há contextos em que as comunidades de fala em questão têm se comportado de modo diferente. É o que evidenciam as tabelas a seguir, que mostram o p-valor das variações UAI ~ UÉ, UAI ~ UÊ e UÉ ~ UÊ separadamente, comparando-se as duas comunidades de fala.

4.2.1 Em posição inicial de sentença – UAI1

Ao se analisar UAI1, em posição inicial de sentença, foi observado que os falantes de Itaúna e de Piranga mostram diferenças, pois em Piranga não houve variação. Houve apenas a forma UAI neste contexto. Em Itaúna, houve variação e a forma UAI foi a mais usada.

Tabela 2– Total das ocorrências, em início de sentença, nas cidades pesquisadas

FORMAS	CIDADES	
	Itaúna	Piranga
UAI	29	5
UÉ	5	0
UÊ	2	0
TOTAL	36	5

Nas duas comunidades, não há diferenças significativas na posição inicial em relação aos dados que puderam ser testados. Observa-se que, nas duas comunidades de fala, foi UAI a forma preferida dos entrevistados que se utilizam da variável UAI1 – inicial na sentença.

Vejamos os p-valores das variações para as quais houve possibilidade de comparação.

Tabela 2.1 – Variação UAI ~ UÉ nas duas cidades

Formas	Itaúna	Piranga	TOTAL
UAI	29 (85%)	5 (100 %)	34
UÉ	5 (15 %)	0 (0%)	5
TOTAL	34	5	39
p-valor fator 1 e 2		0,3584188841	

Tabela 2.2 – Variação UAI ~ UÊ nas duas cidades

Formas	Itaúna	Piranga	TOTAL
UAI	29 (93.5%)	5 (100 %)	34
UÊ	2 (6.5 %)	0 (0 %)	2
TOTAL	31	5	36
p-valor fator 1 e 2		0,5589324565	

Não foi possível calcular a significância da variação UÉ ~ UÊ nesse contexto, visto que essas formas não foram utilizadas pelos falantes piranguenses.

4.2.2 Em posição final de sentença – UAI2

Ao se utilizarem de UAI2, em final de sentença, os entrevistados itaunenses desta pesquisa optaram preferencialmente pela forma UAI, enquanto os entrevistados piranguenses utilizaram preferencialmente a forma UÊ. Nas duas cidades, UÉ foi a forma menos utilizada pelos falantes. Em suma, temos que em Itaúna $UAI > UÊ > UÉ$, enquanto em Piranga temos $UÊ > UAI > UÉ$.

Tabela 3 – Total das ocorrências, em final de sentença, nas cidades pesquisadas

FORMAS	CIDADES	
	Itaúna	Piranga
UAI	23	13
UÉ	4	5
UÊ	8	16
TOTAL	35	34

As tabelas a seguir mostram os p-valores, conforme o teste de qui-quadrado para se observar a significância dos dados.

Tabela 3.1 – Variação UAI ~ UÉ nas duas cidades

Formas	Itaúna	Piranga	TOTAL
UAI	23 (85%)	13 (72 %)	36
UÉ	4 (15 %)	5 (28 %)	9
TOTAL	27	18	45
p-valor fator 1 e 2		0,2868689045	

Ao se analisar a variação UAI ~ UÉ, em final de sentença, em Itaúna e em Piranga, tem-se um p-valor maior do que 0,05, 0,28 aproximadamente, ou seja, a diferença de uso entre as formas não é significativa. Observa-se que tanto os falantes itaunenses quanto os falantes piranguenses têm preferido, nessa variação, a forma UAI.

Tabela 3.2 – Variação UAI ~ UÊ nas duas cidades

Formas	Itaúna	Piranga	TOTAL
UAI	23 (74%)	13 (45 %)	36
UÊ	8 (26 %)	16 (55 %)	24
TOTAL	31	29	60
p-valor fator 1 e 2		0,0203250330	

Em se tratando da variação UAI ~ UÊ, a análise evidencia uma diferença significativa no uso das variantes. Quando se comparam as duas comunidades de fala, obtém-se um p-valor menor do que 0,05: aproximadamente 0,02. Os dados sugerem que os falantes de Piranga têm utilizado mais a forma UÊ, ao passo que os falantes de Itaúna têm utilizado mais a forma UAI.

Tabela 3.3 – Variação UÉ ~ UÊ nas duas cidades

Formas	Itaúna	Piranga	TOTAL
UÉ	4 (33 %)	5 (24 %)	9
UÊ	8 (66 %)	16 (76 %)	24
TOTAL	12	21	33
p-valor fator 1 e 2	0,5545627408		

Voltando-se a atenção à variação UÉ ~ UÊ, nota-se que não há diferença significativa no uso dessas formas. Nesta análise, o resultado do p-valor não foi significativo, foi maior que 0,05: valor próximo a 0,55. É interessante ainda notar que UÊ > UÉ nas duas cidades pesquisadas.

Desse modo, a diferença mais importante, relativa a UAI2, entre as duas comunidades de fala é o fato de, nas entrevistas realizadas, UÊ ter sido forma mais usada em Piranga enquanto que em Itaúna UAI foi a forma preponderante.

4.3 Análise em Itaúna

4.3.1 Inicial – UAI1

4.3.1.1 Gênero do informante

A análise feita mostra que a variante UAI foi a forma preferida, tanto dos homens quanto das mulheres, quando se utilizaram da variável UAI1, em posição inicial de sentença. UAI vem seguida de UÉ e UÊ respectivamente, variantes menos utilizadas nesse contexto.

Tabela 4 – Distribuição dos dados pelo gênero do falante – UAI1/Itaúna

FORMA	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	23	79 %	6	86 %	29	80.5 %
UÉ	4	14 %	1	14 %	5	14 %
UÊ	2	7 %	0	0 %	2	5.5 %
UAI/UÉ/UÊ	29	100 %	7	100 %	36	100 %

Analisando-se a variável gênero do falante – no uso das formas variantes UAI, UÉ e UÊ, em início de sentença – não obtivemos nenhum p-valor menor do que 0,05, o que nos sugere que o uso das formas tem sido feito de modo mais ou menos semelhante por homens e mulheres na cidade de Itaúna e neste contexto. É interessante notar nesta análise que a forma UÊ não foi utilizada pelas mulheres.

Observemos os p-valores obtidos.

Tabela 4.1 – Variação UAI ~ UÉ por gênero do falante

Itaúna	MASC	FEM	TOTAL
UAI	23 (85%)	6 (86 %)	29
UÉ	4 (15 %)	1 (14 %)	5
TOTAL	27	7	34
p-valor fator 1 e 2		0,9719020379	

Tabela 4.2 – Variação UAI ~ UÊ por gênero do falante

Itaúna	MASC	FEM	TOTAL
UAI	23 (92%)	6 (100 %)	29
UÊ	2 (8%)	0 (0%)	2
TOTAL	25	6	31
p-valor fator 1 e 2		0,4737984766	

Tabela 4.3 – Variação UÉ ~ UÊ por gênero do falante

Itaúna	MASC	FEM	TOTAL
UÉ	4 (67 %)	1 (100 %)	5
UÊ	2 (23 %)	0 (0%)	2
TOTAL	6	1	7
p-valor fator 1 e 2		0,4945246690	

4.3.1.2 Faixa etária do falante

Ao se analisarem as falas dos entrevistados itaunenses considerando a faixa etária a que eles pertencem, observamos que o comportamento linguístico dos falantes mais novos e dos falantes mais velhos é semelhante. UAI foi a variante preferida tanto dos informantes jovens quanto dos informantes adultos.

Vejamos os dados distribuídos na tabela a seguir.

Tabela 5 – Distribuição dos dados pela faixa etária do falante – UAI/Itaúna

FORMA	JOVEM		ADULTA		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	13	87 %	16	76 %	29	80.5
UÉ	2	13 %	3	14 %	5	14 %
UÊ	0	0 %	2	10 %	2	5.5 %
UAI/UÉ/UÊ	15	100 %	21	100 %	36	100 %

Não se obteve nenhum p-valor menor do que 0,05 ao se analisar o uso das variantes em estudo. Assim, pode-se dizer que a variação UAI ~ UÉ ~ UÊ em Itaúna, em posição inicial de sentença, apresenta-se em situação de variação estável, não sendo possível falar em mudança em curso. Observamos, ainda, que não ocorreu UÊ entre os jovens.

A seguir, as significâncias obtidas.

Tabela 5.1 – Variação UAI ~ UÉ por faixa etária do falante

Itaúna	JOVEM	ADULTO	TOTAL
UAI	13 (87%)	16 (84 %)	29
UÉ	2 (13%)	3 (16 %)	5
TOTAL	15	19	34
p-valor fator 1 e 2		0,8408667638	

Tabela 5.2 – Variação UAI ~ UÊ por faixa etária do falante

Itaúna	JOVEM	ADULTA	TOTAL
UAI	13 (100%)	16 (89%)	29
UÊ	0 (0%)	2 (11%)	2
TOTAL	13	18	31
p-valor fator 1 e 2		0,2140144017	

Tabela 5.3 – Variação UÉ ~ UÊ por faixa etária do falante

Itaúna	JOVEM	ADULTA	TOTAL
UÉ	2 (100%)	3 (60%)	5
UÊ	0 (0%)	2 (40%)	2
TOTAL	2	5	7
p-valor fator 1 e 2		0,2899186652	

4.3.1.3 Principais conclusões acerca de UAI2 em Itaúna

- UAI foi a forma preferida.
- Não houve diferenças significativas entre homens e mulheres.
- UÊ não ocorreu nas falas femininas.
- Não houve diferenças significativas entre jovens e adultos.
- Não ocorreu UÊ entre os jovens.
- Há indícios de que se trata de um fenômeno de variação estável.

4.3.2 Final – UAI2

4.3.2.1 Gênero do informante

A forma variante preferida dos falantes entrevistados – homens e mulheres – de Itaúna foi UAI; nessa comunidade de fala, a forma UÊ não ocorreu entre as mulheres. Os dados são descritos na tabela a seguir.

Tabela 6 – Distribuição dos dados pelo gênero do falante – UAI2/Itaúna

FORMA	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	15	58%	8	89 %	23	66 %
UÉ	3	11%	1	11 %	4	11 %
UÊ	8	31 %	0	0 %	8	23 %
UAI/UÉ/UÊ	26	100 %	9	100 %	35	100 %

Após a análise dos dados obtidos em Itaúna, em posição final de sentença, pôde-se perceber que a diferença de uso entre mulheres e homens não se mostra significativa, pois, comparando-se as formas, não se obtém nenhum p-valor menor do que 0,05. Tal resultado permite-nos afirmar que homens e mulheres, em Itaúna, ao utilizarem UAI2, têm se comportado de forma mais ou menos semelhante.

Vejam os cálculos de qui-quadrado a seguir.

Tabela 6.1 – Variação UAI ~ UÉ por gênero do falante

Itaúna	MASC	FEM	TOTAL
UAI	15 (83%)	8 (89%)	23
UÉ	3 (17%)	1 (11%)	4
TOTAL	18	9	27
p-valor fator 1 e 2		0,7016712445	

Tabela 6.2 – Variação UAI ~ UÊ por gênero do falante

Itaúna	MASC	FEM	TOTAL
UAI	15 (65%)	8 (100 %)	23
UÊ	8 (35 %)	0 (0%)	8
TOTAL	23	8	31
p-valor fator 1 e 2		0,0527925954	

Tabela 6.3 – Variação UÉ ~ UÊ por gênero do falante

Itaúna	MASC	FEM	TOTAL
UÉ	3 (27 %)	1 (100%)	4
UÊ	8 (73 %)	0 (0%)	8
TOTAL	11	1	12
p-valor fator 1 e 2		0,1396494419	

4.3.2.2 Faixa etária do informante

Como descrito na tabela a seguir, foi UAI a forma preferida pelos falantes, tanto os jovens quanto os adultos. É interessante notar que UÉ, nas entrevistas analisadas, não ocorreu na fala dos jovens.

Tabela 7 – Distribuição dos dados pela faixa etária do falante – UAI2/Itaúna

FORMA	JOVEM		ADULTA		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	5	62.5 %	18	67 %	23	66 %
UÉ	0	0 %	4	15 %	4	11 %
UÊ	3	37.5 %	5	18 %	8	23 %
UAI/UÉ/UÊ	8	100 %	27	100 %	35	100 %

Observa-se que o uso das formas UAI, UÉ e UÊ, quando finais na sentença, não apresenta diferenças significativas quando feito por jovens e adultos em Itaúna. Não

obtivemos como resultado das análises nenhum p-valor inferior a 0,05. Esse fato não nos permite falar, no momento, em processo de mudança em curso.

Vejam as significâncias dos dados.

Tabela 7.1 – Variação UAI ~ UÉ por faixa etária do falante

Itaúna	JOVEM	ADULTO	TOTAL
UAI	5 (100 %)	18 (82 %)	23
UÉ	0 (0 %)	4 (18 %)	4
TOTAL	5	22	27
p-valor fator 1 e 2		0,3015804261	

Tabela 7.2 – Variação UAI ~ UÊ por faixa etária do falante

Itaúna	JOVEM	ADULTA	TOTAL
UAI	5 (62.5%)	18 (78 %)	23
UÊ	3 (37.5%)	5 (22 %)	8
TOTAL	8	23	31
p-valor fator 1 e 2		0,3801998763	

Tabela 7.3 – Variação UÉ ~ UÊ por faixa etária do falante

Itaúna	JOVEM	ADULTA	TOTAL
UÉ	0 (0%)	4 (44 %)	4
UÊ	3 (100%)	5 (56%)	8
TOTAL	3	9	12
p-valor fator 1 e 2		0,1572992648	

4.3.2.3 Principais conclusões acerca de UAI2 em Itaúna

- A forma preferida é UAI.
- Não há diferenças significativas entre homens e mulheres em Itaúna.
- A forma UÊ não ocorreu entre as mulheres.
- Não há diferença significativa entre jovens e adultos.
- A forma UÉ não ocorreu entre os jovens.
- Há indícios de que se trata de um fenômeno de variação estável.

4.3.3 Comparação entre UAI1 e UAI2 em Itaúna

A seguir, a distribuição das formas, de acordo com o contexto em que ocorreram.

Tabela 8 – Total das ocorrências, nos dois contextos, em Itaúna

FORMA	UAI1 – INICIAL		UAI2 – FINAL		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	29	80.5 %	23	66 %	52	73 %
UÉ	5	14 %	4	11 %	9	13 %
UÊ	2	5.5 %	8	23 %	10	14 %
UAI/UÉ/UÊ	36	100 %	35	100 %	71	100 %

Observemos os p-valores obtidos nessa comparação.

Tabela 8.1 – Variação UAI ~ UÉ, por posição na sentença, em Itaúna

Formas	Inicial	Final	TOTAL
UAI	29 (85%)	23 (85%)	52
UÉ	5 (15 %)	4 (15 %)	9
TOTAL	34	27	61
p-valor fator 1 e 2		0,9904928481	

Em se tratado da variação UAI ~ UÉ, de acordo com a posição das variantes na sentença, não foram observadas diferenças significativas. O p-valor, de aproximadamente 0,99, nos sugere que, em Itaúna, as formas UAI e UÉ têm sido utilizadas pelos falantes de modo semelhante tanto no início quanto no final de sentença.

Tabela 8.2 – Variação UAI ~ UÊ, por posição na sentença, em Itaúna

Formas	Inicial	Final	TOTAL
UAI	29 (93.5%)	23 (74 %)	52
UÊ	2 (6.5%)	8 (26 %)	10
TOTAL	31	31	62
p-valor fator 1 e 2		0,0382851750	

Ao analisarmos, por outro lado, a variação UAI ~ UÊ, em Itaúna, verificamos que o uso de UAI e UÊ tem sido feito de modo significativamente diferente pelos falantes dessa comunidade de fala. Nessa análise obtivemos um p-valor inferior a 0,05: 0,03 aproximadamente. Em posição inicial, a variante UAI tem sido significativamente mais

utilizada (93.5 %) que a variante UÊ (6.5 %), ao passo que, em posição final, o uso de UÊ é maior (26 %) do que na posição inicial (6.5 %).

Tabela 8.3 – Variação UÉ ~ UÊ, por posição na sentença, em Itaúna

Formas	Inicial	Final	TOTAL
UÉ	5 (71 %)	4 (33 %)	9
UÊ	2 (29 %)	8 (67 %)	10
TOTAL	7	12	19
p-valor fator 1 e 2	0,1086640052		

Aqui também não obtivemos diferenças significativas entre o uso das formas analisadas. O p-valor é de aproximadamente 0,10.

4.4 Análise em Piranga

4.4.1 Inicial – UAI

Em Piranga, foram poucos os casos de uso das variantes UAI, UÉ e UÊ, em posição inicial de sentença. Apesar disso, é importante voltarmos a nossa atenção para alguns fatos que podem ser sugeridos pelo resultado que aqui obtivemos. Afinal, a não ocorrência de determinada(s) variante(s) significa tanto quanto a sua ocorrência.

A seguir, as ocorrências de UAI obtidas em Piranga.

a) - *Essa história de vestibular, taxa ser de graça, ou então um quilo de alimento, você acha que isso desvaloriza a faculdade? Falo assim: isso é porcaria porque ela num...*

*/Olha, eu acho assim quanto mais puder ajudar o cara que está querendo entrar na faculdade, é fundamental. Eu acho assim, se pudesse fazer a ma... Mensalidade, um brinquedo por dia, ia ser beleza, mas não é assim que funciona, que vale muito da pessoa também que vai ingressar na faculdade, uai. buscar meios de comunicação de... Se a faculdade não está oferecendo aquilo que está buscando... **Uai**, tem internet que, nossa, são conhecimento aí que pode ser buscado toda hora, qualquer hora do dia. Então isso aí só vem ajudar o aluno, e se for para ajudar, eu acho que qualquer coisa é bem vinda. (B. M. A. P.)*

*05:33 – (parte1) - ['wai] (a semivogal em posição de onset não é precisamente pronunciada, restando apenas um arredondamento de lábios) – Palavra posterior: “tem internet” (coarticulada) pronunciada [,tẽĩ.tẽh.'netʃ].

b) - *Mas e para aquelas pessoas, tipo monstruosas, igual outro dia mesmo passou um cara queimando uma família viva, você acha que tem um lugar para essas pessoas (no céu)?*

/Uai, eu acho que... Igual eu tô te falando, direto eu acho que não tem não, ele tem que passar por uma reciclagem em algum lugar, viu! Porque não é possível, né? [...] (B. M. J. P.)

*29:01 – (parte2) - [ˈwai] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “eu” pronunciada [e: u].

c) - *E assim, o que que você acredita da vida após a morte?*

/Uai, eu acredito que existe a vida após a morte, que existe... Que existe... Que tem um lugar melhor, que isso aqui é só uma passagem mesmo, que o que a gente fizer aqui corresponde ao que você vai ter do outro lado. (B. M. J. P.)

*27:50 (parte2) [ua] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “acredito” [a.kɾi.ˈdʒit] – sendo que a vogal [a] inicial está coarticulada com “ua”.

d) *Λ[...] É... Eu trabalho no estado desde noventa e dois, estou dando aula desde noventa e dois. Então, se um professor altera a voz com um aluno, o aluno vira pra você e fal: “Oh , você não pode gritar comigo não.” “Uai, num posso por quê?” [...]* (G. M. A. P.)

*15:56 – (parte2) - [ˈwai] – “uai” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “num” pronunciada [nõ].

e) - *E em relação ao show? Você achou que foi bom? Que que você acha que...*

/Uai... Eu...

- Ou você acha o contrario? Que a prefeitura está investido demais, que devia investir em outra coisa... (B. M. J. P.)

*26:20 – (parte2) - [uɐi] Não há palavras anterior nem posterior.

4.4.1.1 Gênero do informante

Na tabela seguinte, temos a distribuição da forma utilizada pelos entrevistados, em início de sentença, distribuídas de acordo com o gênero dos entrevistados piranguenses.

Tabela 9 – Distribuição dos dados por gênero do falante – UAI1/Piranga

FORMA	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	5	100 %	0	0 %	5	100 %
UÉ	-	-	-	-	-	-
UÊ	-	-	-	-	-	-
UAI/UÉ/UÊ	5	100 %	0	100 %	5	100

MASCULINO

Temos cinco ocorrências, realizadas por homens, e que podem ser observadas na seção 4.4.1.

FEMININO

Nenhuma ocorrência.

4.4.1.2 Faixa etária do informante

Na próxima tabela, apresentamos a distribuição da forma UAI, utilizada em Piranga em início de sentença, distribuída pela faixa etária dos entrevistados.

Tabela 10 – Distribuição dos dados por faixa etária do falante – UAI/Piranga

FORMA	JOVEM		ADULTA		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	4	100 %	1	100 %	5	100 %
UÉ	-	-	-	-	-	-
UÊ	-	-	-	-	-	-
UAI/UÉ/UÊ	4	100%	1	100 %	5	100 %

A seguir, os casos de UAI encontrados em Piranga, distribuídos de acordo com a faixa etária do informante.

JOVEM

Quatro realizações, que podem ser vistas na seção 4.4.1.

ADULTA

Uma realização, também presente na seção 4.4.1.

O fenômeno, por não ser variável, não nos permite utilizar o cálculo de qui-quadrado.

4.4.1.3 Principais conclusões acerca de UAI em Piranga

- Ocorreu somente a forma UAI.
- Todas as ocorrências foram em falas masculinas.
- O fenômeno observado não é variável.
- Ocorreu apenas uma realização do UAI nos adultos.

4.4.2 Final – UAI2

4.4.2.1 Gênero do informante

A tabela seguinte traz as ocorrências de UAI, UÉ e UÊ distribuídas de acordo com o gênero dos falantes piranguenses entrevistados em nosso trabalho. Nessa análise, foi possível observar que, em alguns casos, o uso das formas tem sido feito de forma significativamente diferente entre homens e mulheres, o que será mais bem explicitado a seguir.

Tabela 11 – Distribuição dos dados por gênero do informante – UAI2/Piranga

FORMA	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	10	43 %	3	27 %	13	38 %
UÉ	5	22 %	0	0 %	5	15 %
UÊ	8	35 %	8	73 %	16	47 %
UAI/UÉ/UÊ	23	100 %	11	100 %	34	100 %

Na análise das formas distribuídas de acordo com o gênero do informante, é interessante observar que UÉ, segunda forma mais utilizada pelos homens, não se mostrou presente nas falas das mulheres. Logo, notamos que esses dados nos sugerem que homens e mulheres têm se comportado de modo diferente quanto ao uso da variável UAI2.

Vejamos as significâncias obtidas.

Tabela 11.1 – Variação UAI ~ UÉ por gênero do falante

Piranga	MASC	FEM	TOTAL
UAI	10 (67 %)	3 (100%)	13
UÉ	5 (33 %)	0 (0 %)	5
TOTAL	15	3	18
p-valor fator 1 e 2	0,2393166676		

Com relação à análise da variação UAI ~ UÉ, observamos que homens e mulheres, ao optarem por uma dessas variantes, têm se comportado de modo semelhante. O p-valor obtido, não inferior a 0,05, foi de aproximadamente 0,23. UAI foi a variante mais utilizada.

Tabela 11.2 – Variação UAI ~ UÊ por gênero do falante

Piranga	MASC	FEM	TOTAL
UAI	10 (55.5%)	3 (27 %)	13
UÊ	8 (44.5 %)	8 (73 %)	16
TOTAL	18	11	29
p-valor fator 1 e 2		0,1372755815	

Ao analisarmos a variação UAI ~ UÊ, verificamos que não há diferenças significativas entre homens e pelas mulheres, pois o p-valor não foi inferior a 0,05, foi de aproximadamente 0,13.

Tabela 11.3 – Variação UÉ ~ UÊ por gênero do falante

Piranga	MASC	FEM	TOTAL
UÉ	5 (38.5 %)	0 (0 %)	5
UÊ	8 (61.5 %)	8 (100%)	16
TOTAL	13	8	21
p-valor fator 1 e 2		0,0444743543	

Na análise da variação UÉ ~ UÊ, observamos que o uso dessas formas tem sido significativamente diferente entre homens e mulheres, obtivemos um p-valor inferior a 0,05: 0,04 aproximadamente. Foi verificado que, enquanto os homens entrevistados utilizaram também a forma UÉ, as mulheres só utilizaram a forma UÊ.

Observa-se ainda que esse é um resultado bastante diferente daquele verificado entre os falantes de Itaúna, comunidade em que não obtivemos ocorrência da forma UÊ entre as mulheres.

4.4.2.2 Faixa etária do informante

Ao verificarmos a distribuição dos dados na tabela seguinte percebemos que, entre os jovens entrevistados, UAI foi a variante preferida, enquanto entre os adultos a forma mais utilizada foi UÊ.

Tabela 12 – Distribuição dos dados pela faixa etária do falante – UAI2/Piranga

FORMA	JOVEM		ADULTA		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	8	44 %	5	31 %	13	38 %
UÉ	3	17 %	2	12.5 %	5	15 %
UÊ	7	39 %	9	56.5 %	16	47 %
UAI/UÉ/UÊ	18	100 %	16	100 %	34	100 %

Foi possível observar através da análise dos nossos dados que não há diferenças significativa em relação ao uso da variável UAI2. Não obtivemos nessa análise nenhum p-valor inferior a 0,05.

Vejam as significâncias obtidas.

Tabela 12.1 – Variação UAI ~ UÉ por faixa etária do falante

Piranga	JOVEM	ADULTA	TOTAL
UAI	8 (73 %)	5 (71 %)	13
UÉ	3 (27 %)	2 (29 %)	5
TOTAL	11	7	18
p-valor fator 1 e 2		0,9521795103	

Tabela 12.2 – Variação UAI ~ UÊ por faixa etária do falante

Piranga	JOVEM	ADULTA	TOTAL
UAI	8 (53 %)	5 (36 %)	13
UÊ	7 (47%)	9 (64 %)	16
TOTAL	15	14	29
p-valor fator 1 e 2		0,3404049483	

Tabela 12.3 – Variação UÉ ~ UÊ por faixa etária do falante

Piranga	JOVEM	ADULTA	TOTAL
UÉ	3 (30 %)	2 (18 %)	5
UÊ	7 (70 %)	9 (82 %)	16
TOTAL	10	11	21
p-valor fator 1 e 2		0,5253922361	

Não temos ainda, portanto, nenhum indício de mudança em curso nesta comunidade de fala.

4.4.2.3 Principais conclusões acerca de UAI2 em Piranga

- Há diferenças significativas entre o uso feito pelas mulheres e o uso feito pelos homens.
- Em relação a UÉ ~ UÊ, as mulheres só utilizaram a forma UÊ, enquanto os homens utilizaram também UÉ.
- Não houve ocorrência de UÉ nas falas femininas.
- Não houve diferenças significativas entre jovens e adultos.
- Há indícios de que trata-se de um fenômeno de variação estável.

4.4.3 Comparação entre UAI1 e UAI2 em Piranga

Na tabela a seguir, a distribuição das formas em Piranga, de acordo com a posição em que apareceram na sentença.

Tabela 13 – Total das ocorrências, nos dois contextos, em Piranga

FORMA	UAI1 – INICIAL		UAI2 – FINAL		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	N	%
UAI	5	100 %	13	38 %	18	46 %
UÉ	-	-	5	15 %	5	13 %
UÊ	-	-	16	47 %	16	41 %
UAI/UÉ/UÊ	5	100 %	34	100 %	39	100 %

A análise aqui feita nos sugeriu que algumas formas são utilizadas de modo semelhante no início e no final de sentença, ao passo que outras formas não o são.

Vejamos as significâncias para as quais foi possível se calcular o qui-quadrado.

Tabela 13.1 – Variação UAI ~ UÉ, por posição na sentença

Formas	Inicial	Final	TOTAL
UAI	5 (100%)	13 (72 %)	18
UÉ	0 (0 %)	5 (28 %)	5
TOTAL	5	18	23
p-valor fator 1 e 2		0,1828026187	

O resultado da análise UAI ~ UÉ nos sugere que os falantes piranguenses têm utilizado de modo semelhante as formas UAI e UÉ, em se tratando da posição que elas

ocupam na sentença. O p-valor obtido nessa comparação foi maior do que 0,05: 0,18 aproximadamente.

Tabela 13.2 – Variação UAI ~ UÊ, por posição na sentença

Formas	Inicial	Final	TOTAL
UAI	5 (100%)	13 (45 %)	18
UÊ	0 (0 %)	16 (55 %)	16
TOTAL	5	29	34
p-valor fator 1 e 2	0,0224479365		

Na variação UAI ~ UÊ, obtivemos um p-valor significativo, isto é, a análise nos sugere que em posição inicial de sentença o uso de UAI tem sido preponderante, enquanto em posição final de sentença UÊ é a forma mais utilizada.

A não ocorrência de UÉ e de UÊ em Piranga não nos permitiu calcular as significâncias da variação UÉ ~ UÊ.

CAPÍTULO V

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a descrição das análises feitas, nota-se que muitas vezes chegou-se a resultados curiosos e/ou intrigantes que – refletidos sob o olhar da Teoria da Variação e Mudança Linguística e comparados aos outros trabalhos sobre a forma UAI mencionados neste estudo – fazem surgir algumas discussões acerca do uso das formas UAI, UÉ e UÊ, nas comunidades de fala em que as variantes foram estudadas.

Analisando a variação UAI ~ UÊ, em relação à variável UAI2, em Piranga, ocorre mais UÊ e em Itaúna ocorre mais UAI. Essa foi a diferença mais importante comparando-se as duas cidades. O uso de UAI1 – em posição inicial de sentença – se mostrou bastante semelhante nas duas cidades pesquisadas, embora algumas diferenças tenham sido observadas. Vejamos os resultados obtidos nessas comparações.

5.1 Principais resultados obtidos para UAI1

A análise nos revelou que para UAI1, em Itaúna, UAI foi a variante preferida dos falantes. Em Piranga, UAI foi a única forma utilizada pelos falantes em posição inicial de sentença, não tendo sido observado, portanto, um fenômeno variável.

Não podemos falar, no momento, em processo de mudança em curso da variável UAI1, em nenhuma das comunidades de fala pesquisadas. Para isso, precisariam ter sido constatadas diferenças significativas entre o uso das formas entre jovens e adultos, fato não revelado em Itaúna e nem em Piranga, uma vez que o fenômeno não foi variável nesta última cidade. Também não houve diferenças significativas em relação ao gênero nas duas cidades.

5.2 Principais resultados obtidos para UAI2

Em se tratando de UAI2 – em posição final de sentença –, foi observado que, em Itaúna, a variante UAI foi a preferida pelos entrevistados (assim como em UAI1). Em Piranga, por outro lado, verificamos que o maior número de ocorrências, nesse caso, foi de UÊ. UÉ foi a forma menos utilizada em Itaúna e em Piranga.

UAI2 parece ser uma variável produtiva em ambas as comunidades de fala pesquisadas, diferentemente do que fora observado com relação a UAI1, que se mostrou mais produtiva apenas em Itaúna.

O uso de UAI2 feito pelos homens e pelas mulheres itaunenses, na nossa pesquisa, foi bastante semelhante. Em Piranga, homens e mulheres se comportaram de forma significativamente diferente, na realização da variação UÉ ~ UÊ. Como explicitado no capítulo anterior, os homens utilizaram ambas as formas, UÉ e UÊ, e as mulheres só UÊ (forma que não apareceu nas falas femininas de Itaúna).

Em se tratando da análise feita entre jovens e adultos, tanto em Itaúna quanto em Piranga, foi sugerido que esses grupos têm se comportado de modo semelhante. Tal fato não nos permite em falar, no momento, em processo de mudança em curso. Foi sugerido ainda que se trata de um fenômeno de variação estável nas duas comunidades pesquisadas.

Em Piranga, comunidade de fala de aspecto mais conservador, o fato de as mulheres terem utilizado mais UÊ pode ser um indício de estigma em relação a UÉ. Como já mencionado anteriormente, se uma forma não é utilizada, ou pouco utilizada, pelas mulheres, pode ser que essa forma receba avaliação negativa (estigma) pelos falantes. No entanto, essa é uma hipótese a ser verificada, pois somente um teste de avaliação aplicado aos informantes poderia nos fornecer respostas mais precisas sobre esse possível indício.

Nossa análise sugeriu ainda que o contexto em que ocorrem as variáveis UAI1 e UAI2 influencia no uso que os falantes das duas cidades pesquisadas fazem das formas UAI, UÉ e UÊ. Tanto em Itaúna quanto em Piranga, houve mais utilização de UÊ em UAI2 do que em UAI1, ou seja, quando a variável se posiciona em final de sentença, UÊ é mais utilizada, em ambas as cidades.

5.3 Discussão dos resultados

Para a discussão dos resultados, foi feito também neste trabalho um levantamento de dados em tempo real, no Corpus do Português, das formas estudadas. Esse levantamento foi combinado com a análise, em tempo aparente, dos dados extraídos das entrevistas feitas em Itaúna e em Piranga. Sobre essa combinação, citamos mais uma vez Labov (2008, p. 318), que nos esclarece que:

Pode se argumentar de imediato que não observamos, literalmente, a mudança “em andamento”. Na maioria dos estudos a serem relatados aqui, o investigador observou a distribuição no *tempo aparente* – ou seja, o comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias. Distinguimos esse comportamento (linguístico) da gradação etária regular e repetida pela obtenção de uma medida em algum ponto contrastante no tempo real.

Nossa pesquisa no Corpus do Português nos revelou fatos interessantes. O maior número de casos do século XIX é de UÊ (21 ocorrências), não de UAI, embora esse último tenha ocorrido no XIX (3 ocorrências).

Assim, parece razoável tomar UÊ como sendo a forma mais conservadora. Essa análise se confirma quando olhamos para os dados das duas cidades, pois UÊ é usado preferencialmente em Piranga, comunidade considerada de rede social mais densa e multiplexa e, conseqüentemente, mais conservadora. Além disso, a análise da variável UAI2 nos revelou, como já mencionado, que UÊ foi a forma mais utilizada pelas mulheres piranguenses, indicando um possível indício de estigma em relação a UÉ. Foram ainda observadas diferenças entre os contextos das formas. Nas duas cidades, UÊ ocorreu mais em posição final do que em posição inicial.

Se consideramos os dados de tempo real, o contexto inicial é aquele em que ocorre a maior parte dos casos do século XIX. Esse parece ser o contexto mais conservador, sendo o contexto final mais inovador – as formas em final de sentença raramente apareceram nos dados obtidos no século XIX. Uma interpretação para os dados seria: UAI1, inicial, nas duas cidades, é realizado preferencialmente pela forma mais inovadora UAI. Esse seria o primeiro contexto em que a inovação teria ocorrido e sua implementação estaria já bastante adiantada aí. Em relação a UAI2, final, nas duas cidades, UÊ é bastante produtivo - proporcionalmente mais na cidade mais conservadora, Piranga (principalmente nas mulheres). Sendo a posição final de sentença o contexto mais inovador, é esperado que nele ocorra mais a forma mais conservadora – estágio menos avançado da inovação.

As formas interjetivas e introdutoras de turno foram as mais comuns no século XIX; já nos dados obtidos em Itaúna e em Piranga, encontramos evidências de formas interjetivas, introdutoras de turno e formas funcionando como advérbios asseverativos (CASTILHO, 2010), com sentido de ‘obviamente’ - reforço, confirmação. Assim, concluímos que essa última função também é mais recente, o que sugere um processo de lexicalização envolvendo o desenvolvimento dessas formas.

A lexicalização, de acordo com Castilho (2010) é o processo de criação de palavras que leva a nossa mente à composição do nosso vocabulário. Ao definir lexicalização, o autor afirma:

Elaborando um pouco a percepção²⁶, postularei que o léxico é um inventário de categorias e subcategorias cognitivas; e de traços semânticos inerentes. Esse

²⁶ De acordo com o autor. “A percepção [...] vai dos sentidos cognitivamente delineados para as formas que os representam.” (CASTILHO, 2010, p. 110).

inventário é virtual, pré-verbal, podendo ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras, ou seja, para a *lexicalização*. A lexicalização é a criação das palavras em que expressamos essas categorias e seus traços semânticos, transformando impulsos mentais em ondas sonoras, num mecanismo ainda bastante obscuro. [...] Ao produzir ou receber uma palavra, nossa mente refaz os caminhos da lexicalização que levam à composição do vocabulário. (CASTILHO, 2010, p. 110).

Em relação ao significado, também não encontramos no século XIX o de reforço ou confirmação, que é apresentado na análise em tempo aparente quando as formas assumem a função de advérbios asseverativos.

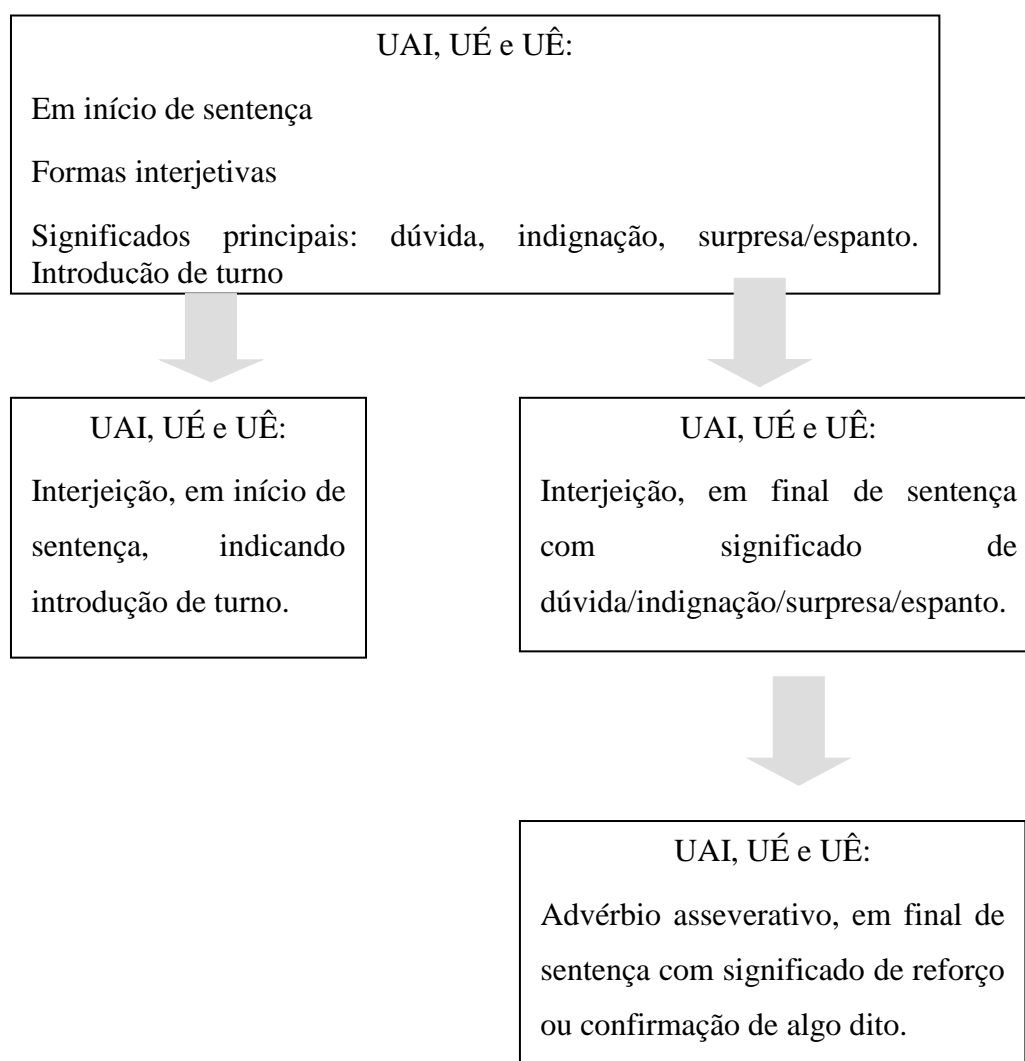
Foram observadas diferenças entre as redes sociais que configuram cada uma das cidades pesquisadas. Itaúna, município mais urbano e mais desenvolvido socioeconomicamente, quando comparado a Piranga, se caracteriza por uma rede mais esparsa e uniplexa. A diferença encontrada nos aspectos socioeconômicos reflete-se nas respectivas redes sociais. Em 2010, considerando-se o IDH, enquanto Itaúna foi a 12ª cidade do estado de Minas, Piranga ocupou a 779ª posição no *ranking*.

Foram analisados os dados de apenas duas cidades mineiras, uma de cada falar. Para uma caracterização mais precisa desses falares, é necessária uma análise envolvendo mais cidades de falar mineiro e de falar fluminense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

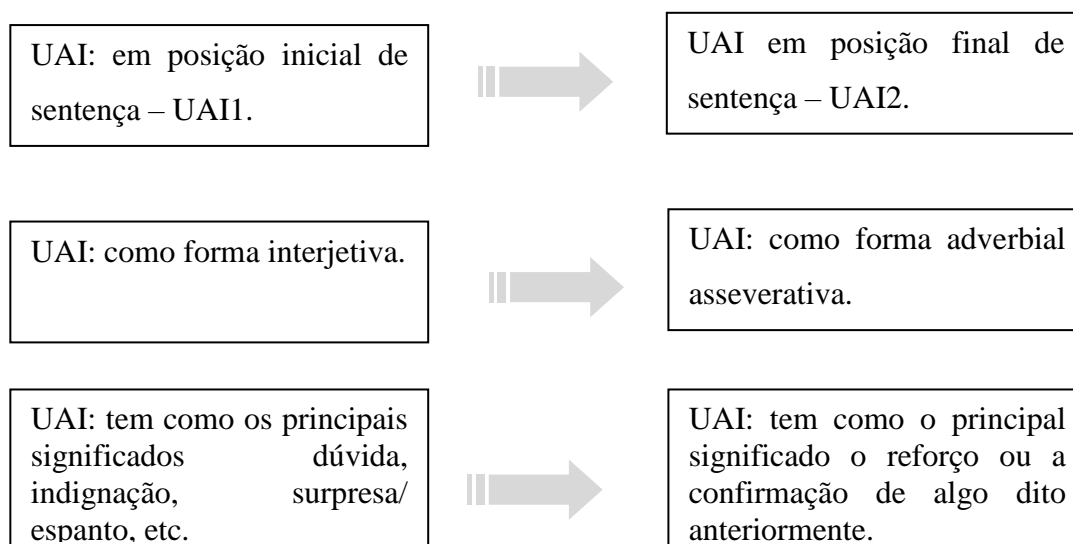
Nossa pesquisa revelou que há diferenças de uso das variáveis UAI1 e UAI2 quando se comparam as duas cidades pesquisadas. Os resultados sugerem que UAI é a forma mais inovadora e UÊ a forma mais conservadora, havendo, em Piranga, possíveis indícios de estigmatização das variantes inovadoras. Diferenças entre as redes sociais de cada comunidade de fala foram evidenciadas em nossa pesquisa e associadas ao uso das variantes. Não obtivemos indício da atuação de processos fonético-fonológicos para o desenvolvimento das formas tal como proposto por Amaral (1976), pois não evidenciamos a direção $UAI > UÉ > UÊ$. Não podemos falar em processo de mudança em curso.

A seguir, propomos possíveis rotas pelas quais, provavelmente, as formas tenham se desenvolvido, considerando os resultados obtidos tanto na análise em tempo real quanto na análise em tempo aparente.



UAI, como variável, parece ter sido, inicialmente, uma interjeição utilizada principalmente²⁷ em posição inicial de sentença para expressar sentimentos como dúvida, indignação, surpresa/espanto, etc. Das variantes dessa variável, teriam se originado duas variáveis diferentes: a) uma que, ainda em posição inicial de sentença, vai adquirindo mais um significado - marcador discursivo que indica tomada de turno conversacional (UAI1 nesta pesquisa); b) outra que mantém o traço semântico de dúvida, indignação, surpresa/espanto, etc., mas passa a se posicionar no final da sentença. Dessa última (b), teríamos o surgimento da forma aparentemente mais inovadora, UAI2 desta pesquisa: em posição final de sentença, utilizada agora principalmente com o significado de reforço de algo dito anteriormente - o advérbio asseverativo.

Desse modo, teríamos os seguintes percursos:



Não foram encontradas evidências de que o percurso evolutivo das formas seja UAI > UÉ > UÊ, conforme Amaral (1976). Não encontramos, assim, evidências de que UAI seja proveniente de OLHAI.

Também nossa pesquisa, tal como a de Albuquerque (2013) e a de Batista, H. R. (2013a e 2013b), sugere que UAI é uma forma híbrida, que possui aspectos capazes de configurá-la tanto como uma interjeição quanto como um marcador discursivo. O estudo das formas em questão como variantes se mostrou relevante, tal qual foi sugerido por Batista, H. R. (2013a).

²⁷ As etapas descritas em nossa proposta são caracterizadas considerando-se o as características que prevaleciam em cada uma dessas fases.

É possível postularmos, com os dados da nossa pesquisa, duas possibilidades para a origem de UAI.

O UAI pode ter se desenvolvido de UÊ – forma que se mostrou mais antiga que UAI e a mais frequente no século XIX – pela atuação de processos fonético-fonológicos que precisam ser mais bem explicados. Qual seria então a origem de UÊ? Seria do português UEI, forma citada como interjeição em alguns dicionários – AULETE (1948)²⁸, por exemplo? Seria do latim *vae*?

Também pode se admitir que esse UÊ forma interjetiva teve sua rota confluindo com a rota de UAI. Nesse caso, seria UAI proveniente do inglês? É possível interpretar dessa forma, uma vez que funcionalmente WHY e UAI apresentam muitas semelhanças e, além disso, a datação das primeiras ocorrências de UAI é compatível com o período de exploração da mina de Morro Velho. O que nos permite considerar razoável a hipótese, apresentada por Albuquerque (2013), de origem da forma UAI de WHY da língua inglesa. Além disso, são observáveis correspondências semânticas e fonológicas entre WHY e UAI, o que fortalece ainda mais essa última hipótese.

Outra conclusão importante é que as formas neste trabalho analisadas provavelmente passaram, e vêm passando, por um processo de lexicalização.

Assim, podemos dizer que, apesar da constatação de fatos interessantes sobre o UAI, a pesquisa sobre essa forma continua em aberto, principalmente no que diz respeito à sua possível origem. Somente a realização de outras pesquisas sobre o assunto poderá trazer-nos mais esclarecimentos a respeito da origem das formas aqui estudadas.

²⁸ “UEI! *iterj.* (Douro) exprime, admiração, espanto. Cf. *Rev. Lusitana*, XI, p. 208. (AULETE, 1948. p. 4116).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Iara. Hipóteses sobre a origem de uma interjeição. In: RAMOS, Jânia; COELHO, Sueli (Org). *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.p. 11-19.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- AULETE, Francisco Júlio de Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948.
- BATISTA, Hadinei Ribeiro. Uai: história e uso. Monografia. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- _____. Os itens uai, ué e uê nos dialetos mineiro e paulista: um caso de variação?. In: RAMOS, Jânia; COELHO, Sueli (Org). *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013a. p. 21-34.
- _____. Uai: estudo de uma interjeição do português brasileiro. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013b.
- BATISTA, Hadinei Ribeiro; CAMARGOS, Marco Aurélio Cunha. Origem de uai: uma hipótese caipira. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, Catalão, Universidade Federal de Goiás, v. 17, n. 1, Jan./Jun., 2013.
- BATISTA, Marivone Borges de Araújo; KANTHACK, Gessilene Silveira. Advérbios modalizadores: descrição e análise do comportamento sintático e semântico. IV Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras, 2012, Santa Cruz.*Anais*. Santa Cruz: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2012. p. 229-243.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa: para ensino médio e cursos preparatórios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editoria, 2011.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Santos: Editora Brasília Limitada,1974.
- BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, A Gente e o Bóia-Fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 19 Mar. 2016.

DIAS, Melina Rezende. A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco. 2008. 296 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <www.priberam.pt/DLPO/>. Acesso em: 22 Mar. 2016.

DICIONÁRIO Tupi-Guarani. *Guarapiranga*. Disponível em: <<http://goo.gl/IWkMDH>>. Acesso em: 25 Abr. 2016.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.

HYMES, Dell Hathaway. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, Janet. *Sociolinguistics*. London: Penguin Books, 1972.p. 269-293.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Santo André: Geográfica e Editora Ltda, 2001.

GUMPERZ, John Joseph. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.com>>. Acesso em: 22 Ago. 2015.

LABOV, William. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles Linguistic Change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

MARTINS, Edson Ferreira. Atlas lingüístico do Estado de Minas Gerais: o princípio da uniformidade da mudança lingüística nas características fonéticas do português mineiro. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 4, n. 7, ago. 2006. ISSN 1678-8931. Disponível em: <<http://goo.gl/Sa1psN>>. Acesso em: 22 Ago. 2015.

MATOS, Ângelo de Braz. *Itaúna em dados* (Ano: 2012 – Ano Base: 2011). Disponível em: <<http://goo.gl/hfK4pL>>. Acesso em: 22 Ago. 2015.

MILROY, Lesley. *Language and social network*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

MOLLICA, Maria Cecília; CIPRIANO, Maria Luiza Braga. *Introdução à sociolinguística: tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- OBREIROS DE IRAJÁ. *Origem da Expressão Mineira UAI*. Disponível em:<<http://goo.gl/ifgAt0>>. Acesso em: 22 Ago. 2015.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique de. *Nas malhas da incerteza: comportamento e estratégias camponesas na Freguesia de Guarapiranga (1750-1820)*. 2006. 246 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAÚNA/MG. *História de Itaúna - Séc. XVIII*. Disponível em:<<http://goo.gl/uuJnxu>>. Acesso em: 15 Mar. 2016.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANGA/MG. *História da Cidade*. Disponível em:<<http://goo.gl/2IhIEM>>. Acesso em: 15 Mar. 2016.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- SENSAGENT, Dicionário. *Dialeto Fluminense*. Disponível em: <<http://goo.gl/AJ4ToA>>. Acesso em: 03 Abr. 2016.
- SEVERO, Cristine Gorski. *A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões*. In: *Revista Voz das Letras*, n. 9, p. 1-17, 2008.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2000.
- VIEGAS, Maria do Carmo. *Por que nossa pronúncia é desse jeito?*. In: RAMOS, Jânia; COELHO, Sueli (Org.). *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.p. 34-42.
- VITRAL, Lorenzo; VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel de. *Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança*. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologia e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 201-228.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- ZÁGARI, Mário Roberto. *Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora UEL, 1998.p. 31-54.

ANEXOS

Anexo I

UAI1 – EM POSIÇÃO INICIAL DE SENTENÇA – EM ITAÚNA

UAI: 29 OCORRÊNCIAS

UÉ: 5 OCORRÊNCIAS

UÊ: 2 OCORRÊNCIAS

TOTAL: 36 OCORRÊNCIAS

A. M. J. I. – 6 UAI; 2 UÉ

a) /Coisa de criança? Já quase quebrei a cabeça do Diego já. Colega mais aqui em baixo. Uma vez a gente tava na... no meu sítio, balançando numa rede, aí eu balancei ele alto demais, a rede virou, ele bateu a cabeça na raiz num árvore, quase rebentei a cabeça dele.

- E aí?

/Uai, meu pai me xingou até, né? Xingou até. Deixou eu de castigo uns três meses ou mais.

*03:07 – [uai] – Não há palavra anterior. A posterior é “meu”: [meu].

b) - Como é que tá o campo dessa área, cê sabe?

/Uai, é igual o meu tio ele mexe muito com advocacia esses negócios, eu perguntei ele, se tava bom, ele falou assim: “Não, tá bom. Pode fazer que dá pra arrumar um serviço bom.”

*05:55 – “uai / é igual meu tio” [ʊa.ei.'gwaʊ]

A palavra que vem antes é dita pelo entrevistador. E a palavra que vem depois é “é”, com a qual se une, ocasionando a mudança de qualidade vocálica (rebaixamento) da última parte de “uai” ([ɪ] > [e]), devido à influência da palavra “é”, que, por sua vez, também sofre mudança vocálica, desta vez um alçamento ([ɛ] > [e]). Ocorre ressilabificação entre esse [e] e [i], primeira sílaba de “igual”, ambas fundindo-se em um ditongo decrescente [ei].

Este caso é confuso, pois, além de ter ruído de fundo, o entrevistador fala junto com o entrevistado, havendo sobreposição de “legal” (dita pelo entrevistador) e “uai” (dita pelo entrevistado).

c) - Teve uma pessoa, num sei se foi o *fulano* que falou, acho que foi quinze pessoas que assaltaram.

/De quê? Ah, foi ele mesmo.

- Eu falei: “Putá merda!” Imagina se os caras resolvem partir pra cima assim?

/Uai, cê tá é doido, sô? Imagina, quinze cara batendo em você... Nó!

*15:41 – “uarr” [ʋah]: Nesta ocorrência, não há palavra anterior dita pelo mesmo falante, a palavra posterior é “cê”, que é dita após uma longa pausa. O que ocorre é que o entrevistador disse “assim” antes de o entrevistado dizer “uar”, de maneira que a nasalidade da última vogal de “assim” (alongada) “contaminou” a semivogal de “uar”. Ademais, surgiu uma aspiração no lugar da semivogal [ɪ].

d) - E o que que você está achando dele?

/Uai... algumas coisas estão melhorando, mas muita coisa...

- O que você acha que melhorou

*17:08 – “uai” [u.ʔai] Sem palavras anterior e posterior (só pausas).

e) - E lugar assim de amparo pro pessoal que mora na rua, órfão, pessoal mais velho?

/Uai... tinha o orfanato, mas eu não sei se o orfanato tá tendo negócio sabe?

*23:03 – “uai” [ʋai] – A semivogal inicial desaparece, dando lugar a uma labialização. Sem palavras anterior e posterior (só pausas).

f) - Que legal isso aí, nunca ouvi falar não. É na cidade?

/É sete quilômetros de Barbacena, esse museu da loucura, oi, muito... **Uai**, muito, gostei pra caramba. Lá nos tava conversando com a moça lá, até que trabalha lá dentro. Lá ainda é manicômio só que tem o museu perto, do lado assim, eles ainda trabalha lá ainda, hoje tem cerca de trezentas e cinquenta pessoas lá dentro. Já morreu, morreu acho que cinco mil pessoas lá dentro ou mais, num sei.

*26:06 – “uêi” [u.ʔei] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “muito” [mũt].

g) - Você costuma fazer o que aqui na cidade. Antônio ou Tonhão?

/ Tanto faz. **Ué**, eu saio muito assim de domingo, igual eu vou ali na prainha, ando ali na boa, gosto muito de em festa, discoteca, adoro discoteca.

*00:15 – (parte1) - “ué”: Transcrição fonética: [u.ʔe]. A próxima palavra é “eu” [eʋ]. Não há palavra anterior.

h) - Toda religião você tem alguma coisa assim com relação à morte, tal. A religião católica tem também, né? Pra onde que vai ou o que vai acontecer... O que que você acredita dessas coisas?

/ **Ué**... Eles falam que você acredita em ressurrei... em vida após a morte. Eu num acredito não.

*31:31 – “ué”[u.ʔe]Sem palavras anterior e posterior (só pausas).

A. M. A. I. – 2 UAI

a) - Deve ser um trabalho gratificante.

/É complicado, é muito complicado, mas...

- E você vê resultado assim?

/Uai... O resultado tá aí, que todo mundo sabe. A APAC é uma coisa que funciona, né? E acredito que é por aí, e se Deus quiser, vai só melhorar, a tendência é só melhorar.

*03:33 –[‘uai] – não há palavra anterior nem posterior.

b) - Teve alguma vez assim que você passou algum aperto? E quase... Perigo de vida.

/Uai, eu passei um aperto, eu fui assaltado, é infelizmente é uma coisa do dia a dia hoje, né?

*08:07 –[‘uaieu] – não há palavra anterior; a posterior é “eu”.

C. M. A. I. – 3 UAI

a) /Eu gosto muito das cachoeiras, é a melhor coisa que Itaúna tem.

- Tem cachoeiras aqui? Eu nem sabia.

/Nossa, você não conhece meu filho? Demorou você conhecer!

- Ué, aonde?

/Uai, todo lado aqui tem cachoeira. Indo para o lado de cá, lá dos Campos.

*00:18 –[‘ua] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “todo” [‘to.do]

b) - Que jóia, a próxima vez que voltar aqui, eu vou lá visitar essas cachoeiras.

/Uai, só cê me dá um toque que eu levo você nas cachoeira quando você quiser.

- Ué, beleza.

/Pra você conhecer...

*02:06 –[‘uai] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: não identificada.

c) /Então, tem, paciente lá que precisa de muita ajuda, de muitos recursos, se continuar assim de que a dois meses fecha,

- Olha para você vê, sô, o problema é o que que vai fazer com pessoal.

/Mas,uai... As famílias não querem de volta não.

*29:10 – [ma.‘uai] Palavra anterior: mas pronunciada ma [ma]. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

D. F. J. I. – 1 UAI

a) /Tem, mas também tem alguns que finge, eu acho assim, tem alguns que finge de doido para sobreviver. Eu falo com a minha mãe que, igualzinho tem um que entra na igreja, aí, grita na igreja até, esse não é doido não, tem uns que, tadinho, eles não fazem mal a ninguém, os outros não, fica só para a atrasar mesmo as pessoas, vai atrás das pessoas, pula, ou, já vi caso, até aconteceu comigo mesma, aí entrou um moço atrás de mim na loja, mas como o som passava a mão em mim, fazia tudo comigo. puxava eu, empurrou, gente esse não é doido não, ele sabia o que ele estava fazendo, as pessoas sabem o que está fazendo. igual tem uns que passam, gente, não faz nada com você.

- tem algum lugar que abriga gente assim?

/Deixa eu ver... Uai, não sei.

- e gente mais velha?

/Tem, tem o asilo, vários asilos aqui em Itaúna tem.

*37:34 – [ʷai] Há labialização da semivogal em posição de onset, em vez de ela ser devidamente pronunciada. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “não” [nãõ].

D. F. A. I. – 1 UÉ

a) - Você acha que falta alguma coisa, assim, nos governantes? De um modo geral, não pro Lula ou pra outro.

/De um modo geral. Pior que... Ô, gente, falta muita coisa, com certeza, mas é igual eu tô te falando acho que assim...

- O que que você acha que tá faltando?

/Ué, tinha que... Igual eu tô te falando, assim por exemplo, o que que acontece...

*33:05 – [ʊ'ɛ] – “ué”. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “tinha”, sendo pronunciada [tʃ̃ɲ], cuja nasal que canonicamente seria alveolar torna velar por influência do ponto de articulação da consoante em posição de onset da palavra seguinte, “igual” (pronunciada [ˈgoaʊ]).

E. F. A. I. – 3 UAI

a) /Tem as ruas que é pra consertar, os bairro que é pra desentupir os buraco, tem uma, é uma troca recíproca, tem disso não, ué. O filiado do partido se tiver lá no poder num tem que contribuir com dez por cento do salário? Uai... Num é mensalão não? É.

*34:28 – [ˈuaj] Não há palavra posterior nem palavra anterior, apenas pausas.

b) /É um menino do coração bom e muito trabalhador, vencedor, né não? Não tô puxando saco porque eu não gosto de puxassaquismo, tô falando verdade, lá no brechó nós sempre fala d’ocê lá. O Celinho fala: “Nó! Ele é muito lutador, é mesmo. Não uai, menino. Uai, Luiz, pois você tá trabalhando na cidade, uai. fazendo um trabalho bom meu filho.

*35:55 – [ˈuaj] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “Luiz” [lu.ˈis].

c) /Faz isso mesmo. Num para não, Luís. Vai cantar o seu aniversário lá ou como é que é? Uai, Luiz, pois não cantou o seu parabéns, uai. Faz mesmo.

*37:42 – [oˈaj] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “Luiz” [lu.ˈis].

L. F. J. I. – 2 UAI

a) - O museu de ferrovia?

/Não, da historia mesmo, de Itaúna. Era aonde que era a estação, a antiga estação. Como fechou, não é, fizeram de lá um museu. Minha avó mora do lado então eu sempre fui criada lá, então todo domingo eu ia lá, até hoje eu vou lá. Até uma vez uma veia assim e me falou assim “Uai, cê não cansa de vim aqui não?” Eu falei assim “Ah, eu não canso não!”

*01:01 – [ˈuaj] Palavra anterior: “assim”, na verdade “falou assim”, mas pronunciado [ˈfʃ]. Palavra posterior: “cê”, pronunciada [ze].

b) /É, ela estava junto e falando: “não, não vamos fazer isso não.” E eu: “vamos, porque eu estou morrendo de vontade de comer o bolo da minha avó, vamos fazer e . . .” E ela falou assim: “uai, nós vão fazer, então.” E ela me ajudou , porque ela tinha mais jeito na cozinha do que eu. E nisso, nós deixamos cair farinha e foi uma bagunça, e chegou uma tia minha e não deu tempo de eu limpar a bagunça toda...

*12:22 – [ˈuaj] Palavra anterior: “assim”, na verdade “falou assim”, mas pronunciado [fəs]. Palavra posterior: “nós vão”, pronunciada [no.ˈzãõ].

R. M. J. I. – 2 UAI

a) - É, isso é mesmo. O que você costuma fazer em Itaúna no fim de semana para se divertir?

/Uai, de semana, o que eu mais gosto de fazer mesmo em Itaúna é jogar bola, a gente joga muita bola. Assim, a gente sai muito quando tem umas festas assim, mas o que eu mais faço mesmo é jogar bola, assim, dar uma saída.

*03:10 – [‘aɪ] A semivogal em posição de onset cai. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “de”, pronunciada [dʒi].

b) - Uma outra coisa que a gente está vendo muito aí em novela é homem namorando com homem, mulher namora com mulher, o que você acha disso?

/Uai... eu falo, eu falo... vamos falar a coisa do veado, vamos falar assim. Eu não quero ser, não tem nada a ver não. Eu não sou a favor não porque Deus te deu aquele sexo, você tem que aceitar, tem que procurar, eu acho que você é obrigado a aceitar.

*37:59 – [‘uɑi] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: não tem, apenas uma longa pausa.

R. M. A. I. – 2 UAI

a) *Informante*, o que você gosta de fazer aqui na cidade de Itaúna? O que te agrada aqui na cidade? O que você acha bom?

/Uai, eu gosto de Itaúna por ser uma cidade tranqüila.

- É.

/É, apesar de não ter muita coisa para lazer, por exemplo assim, teatro, agora que está tendo, por exemplo assim, não tem shopping igual tem em Belo Horizonte, mas eu gosto muito de Itaúna.

*00:07 – [u‘aɪ] Realização como hiato. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “eu”, pronunciada [eʊ].

b) - E o que você está achando do governo aí, do prefeito?

/Uai... eu acho que no começo é assim mesmo. O pessoal está falando que não está sendo grandes coisas, mas eu acho que no começo não tem como, parece que ele está indo bem.

*27:55 – [u‘aɪ] Realização como hiato. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: não tem.

T. M. J. I. – 2 UAI

- E a noite, é legal?

/Uai, a noite no meio de semana eu fico em casa mesmo. De vez em quando eu vou na casa de uns colegas meus e os colegas vêm aqui em casa.

*00:41 – [ˈuai] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “a”, pronunciada [a].

- E aí, o que aconteceu?

/Uai... Todo mundo levantou, uê, a casa inteira. Na hora que eu cheguei na cozinha, meu irmão me olhou lá da porta, cheguei lá meu pai estava lá catando azulejo.

*32:02 – [u.ˈai] Sem palavras anterior e posterior.

W. M. A. I. – 5 UAI; 2 UÉ; 2 UÊ

a) - Como é que foi a sua infância aqui?

/Uai... Muito boa .

- Foi boa?

/É.

*04:46 – [ˈuai] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: não tem, apenas uma longa pausa.

b) - Você costumava fazer o que? O que tinha na sua época de criança? Coisas de menino...

/Uai... Coisas de menino mesmo, brincadeiras que tinha antigamente e não tem hoje, né, por exemplo, aquelas brincadeiras de pique e tudo. Hoje é só pessoal ligado a computador, videogame, essas coisas, coisas que antigamente não tinha, né?

*04:53 – [ˈuai] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: não tem, apenas uma longa pausa.

c) - E teve alguma vez em que você passou um aperto na infância, machucou muito, ou fez alguma arte dessas pesadas assim?

/Uai, que eu lembro, eu tinha mania de ir no rio aqui em baixo aqui, para pescar peixinhos.

- Rio Arrudas?

/No Rio São João.

*06:21 – [ˈuai] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “que eu” pronunciada [ˈkieu].

d) /Aliás, a mudança foi por causa disso mesmo, porque o outro candidato, estava apoiando, o pessoal estava apoiando ele, então o pessoal queria mudança e por isso que ele foi eleito.

- Engraçado não é, muito interessante. É bom porque uma mudança sempre...

/Uai... Igual eu falei, cobrar dele não pode porque ainda está muito cedo, então não tem como assim, mas a gente espera que mude.

*18:00 – [ˈuai] Não há palavra anterior nem posterior.

e) - Deve ser bonito demais essa viagem de trem.

/É.

- É longa, acho que são 15 horas.

/É bem mais demorada, é uma viagem bem mais. Uai, cê tá é doido!

- Mas é bonita demais de ver, Espírito Santo, a serra do Espírito Santo.

*26:04 – [ʊˈai] Palavra anterior: não te. Palavra posterior: e pronunciada [ˈse].

f) - Você costuma ir a Belo horizonte sempre?

/Ué, quando eu tava trabalhando eu não ia muito não, mas agora que eu estou por conta... O meu primo faz serviço de leva e traz, aí eu fui com ele, ele me pediu para uma mão para ele e eu fui, nós ficamos até quase 8 horas da noite.

*02:47 – [ˈœ] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “quando eu”, pronunciada [kõ.deo].

g) /É, são clubes, né... Lá no caso o Iate é o clube, então você não entra, . . . E tem a barragem, as adjacências lá que você pode até conseguir entrar, mas não é a mesma coisa de você estar no Iate. O Iate, o clube é uma coisa de doido, com certeza, tem os condomínios em volta, né?

- Ah, é ?

/Tem. Ué, uma hora vai lá pr’ocê ver. Está cheio agora, é muito bonito.

*32:40 – [ʊˈɛ] “ué”. Palavra anterior: ño tem. Palavra posterior: “uma hora” pronunciada [õ.ˈɔ].

h) - O que é que tem aqui para as pessoas se divertirem? Assim, fazer coisa diferente, além de trabalhar...

/Uê, quando saio mais é barzinhos, praças de esportes, essas coisas assim de clubes, né?!

*00:39 – [ˈmœ] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “quando”, pronunciada [ˈkõ].

i) - Você se lembra de alguma coisa que aconteceu na sua infância que venha na sua cabeça, ou fato bom ou fato ruim?

/Uê, eu lembro essas brincadeiras que a gente tem saudade e que hoje não se vê, menino brincar de bente altas, não sei se você conhece, pau a pique...

*05:54 – (parte1) [ˈœ] - “ué”. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “eu” [eɔ].

UAI: 29 ocorrências

- **Gênero:** 23 por masculino - 6 por feminino
- **F. etária:** 13 na jovem - 16na adulta

UÉ: 5 ocorrências

- **Gênero:** 4 por masculino – 1 por feminino
- **F. etária:** 2 na jovem – 3 na adulta

UÊ: 2 ocorrências

- **Gênero:** 2 por masculino – 0 por feminino
- **F. etária:** 0 na jovem - 2 na adulta

Anexo II

UAI1: EM POSIÇÃO INICIAL DE SENTENÇA – EM PIRANGA

UAI: 5 OCORRÊNCIAS

UÉ: 0 OCORRÊNCIA

UÊ: 0 OCORRÊNCIA

TOTAL: 5 OCORRÊNCIAS

B. M. J. P. – 4 UAI

a) - Essa história de vestibular, taxa ser de graça, ou então um quilo de alimento, você acha que isso desvaloriza a faculdade? Falo assim: isso é porcaria porque ela num ...

/Olha, eu acho assim quanto mais puder ajudar o cara que está querendo entrar na faculdade, é fundamental. Eu acho assim, se pudesse fazer a ma... Mensalidade, um brinquedo por dia, ia ser beleza, mas não é assim que funciona, que vale muito da pessoa também que vai ingressar na faculdade, uai. Buscar meios de comunicação de... Se a faculdade não está oferecendo aquilo que está buscando... Uai, tem internet que, nossa, são conhecimento aí que pode ser buscado toda hora, qualquer hora do dia. Então isso aí só vem ajudar o aluno, e se for para ajudar, eu acho que qualquer coisa é bem vinda.

*05:33 – (parte1) - ['wai] (a semivogal em posição de onset não é precisamente pronunciada, restando apenas um arredondamento de lábios) – Palavra posterior: “tem internet” (coarticulada) pronunciada [, tẽĩ.tẽh. 'netʃ].

b) - E em relação ao show? Você achou que foi bom? Que que você acha que...

/Uai... Eu...

- Ou você acha o contrario? Que a prefeitura está investido demais, que devia investir em outra coisa...

*26:20 – (parte2) - [vɐɪ] Não há palavras anterior nem posterior.

c)- E assim, o que que você acredita da vida após a morte?

/Uai, eu acredito que existe a vida após a morte, que existe... Que existe... Que tem um lugar melhor, que isso aqui é só uma passagem mesmo, que o que a gente fizer aqui corresponde ao que você vai ter do outro lado.

*27:50 (parte2) [ua] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “acredito” [a.kri.'dʒit] – sendo que a vogal [a] inicial está coarticulada com “ua”.

d) - Mas e para aquelas pessoas, tipo monstruosas, igual outro dia mesmo passou um cara queimando uma família viva, você acha que tem um lugar para essas pessoas (no céu)?

/Uai, eu acho que... Igual eu tô te falando, direto eu acho que não tem não, ele tem que passar por uma reciclagem em algum lugar, viu! Porque não é possível, né? [...]

*29:01 – (parte2) - ['wai] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “eu” pronunciada [e: ɔ].

G. M. A. P. – 1 UAI

/[...] É... Eu trabalho no estado desde noventa e dois, estou dando aula desde noventa e dois. Então, se um professor altera a voz com um aluno, o aluno vira pra você e fal: “Oh , você não pode gritar comigo não.” “**Uai**, num posso por quê?” [...]

*15:56 – (parte2) - [wai] – “uai” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “num” pronunciada [nõ].

UAI: 5 ocorrências

➤ **Gênero:** 5 por masculino - 0 por feminino

➤ **F. etária:** 4na jovem – 1 na adulta

UÉ: 0 ocorrência

-

UÊ: 0 ocorrência

-

Anexo III

UAI2 – EM POSIÇÃO FINAL DE SENTENÇA – EM ITAÚNA

UAI: 23 ocorrências

UÉ: 4 ocorrências

UÊ: 8 ocorrências

TOTAL: 35 ocorrências

T. M. J. I. - 3 UAI; 2 UÊ

a) - O que você acha que melhorou?

/Ah, cara, a educação, melhorou, negócio de esporte melhorou, igual esse negócio que minha mãe faz de terceira idade. Ele tá ajudando muito. É, agora algumas coisas que eu num gostei, igual, uma ponte que ele tá fazendo ali, deve ter uns sete meses que a ponte está fazendo e até hoje num acabou. Enrolação, a ponte já caiu. Eles fizeram, aí num ficou boa, aí ela acabou, uai. Eles fizeram ela de novo.

*07:13 – “ua”: [ua] Palavra anterior: “acabou” [ka.'bo]. Palavra posterior: não tem. Aqui, a segmentação é confusa, pois os dois conversam juntos.

b) /Aí chegou aqui, “*Fulano*, a gente vai gravar cd”. Aí, foi chegando um atrás do outro, gravar cd, gravar cd né... Aí ele desconfiou, aí nós foi lá pra fora deu o primeiro corte no cabelo dele aí cabô, aí vamo...

- Mas ele num apelou, nada né?

/ Deixou numa boa

- Tem que deixar, pô. Passou no vestibular tem que cortar o cabelo

/ É, uai.

- Tem nem que discutir não.

*07:21 – “uai”: [uai] Palavra anterior: “é”: [ɛ]. Palavra posterior: não tem.

c) - Que isso? Tipo uma fazenda.

/Tipo uma fazenda, oito milhões de metros quadrados, é... Teve seis mil internos, já teve, é, uai, mostrava foto deles assim no pátio, mais esquisito sabe, eles pelado, sabe? Aí, mas assim,

mas as pessoas que tava no hospício mesmo que tirava a roupa mesmo, que era doido mesmo e tirava mesmo.

*25:17– “ua” [ua] Palavra anterior: “é” [ɛ]. Palavra posterior: não tem.

d) - Eu fui aluno lá foi da dona Selma, a mulher era o cão chupando manga.

/A dona Selma é mesmo, eu conheci ela. Nu!

- Num podia chamar ela de tia não, era na segunda série, ela... você chamava de tia a mulher virava bicho, era dona Selma.

/E essa dona Naná, meu filho? Uma vez ela pegou a orelha do menino, sô, sungou o menino pelo orelha, a orelha do menino ficou desse tamanho, é uê. Na minha frente, sô, pegou a orelha dele assim e levantou ele.

*09:45 – “ue” [ue] Palavra anterior: “é” [ɛ]. Palavra posterior: não tem.

e) - Você já perdeu alguém assim mais próximo de você?

Já, uê... Minha vó... meu vô...

*32:11 – “ue” [ue] Palavra anterior: “já” [ˈʒa:]. Palavra posterior: não tem.

A. M. A. I. - 5 UAI; 1 UÉ; 2 UÊ

a) /Falei na frente da mãe dele. Eu te dou você duas oportunidade, duas sugestão. Ou você larga a droga e a gente vai ser amigo, ou você fica com a droga e você vai me perder como amigo. Ele preferiu a droga. Acho que ele também num tá errado não, uai. Ele escolheu o que é a opção dele.

- ele escolheu o que ele achava que era o melhor.

*26:41 – [ˈnãõ .aɪ] - Palavra anterior: “não”. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ua”. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

b) - Ele escolheu o que ele achava que era o melhor

/É a opção dele uai, porque, então assim...

- A gente tem o livre arbítrio, né?

*26:43 – difícil de segmentar com base no sinal acústico, pois há muito barulho de fundo e o entrevistador fala junto. A transcrição só pode ser feita com base na audição: [ˈde.li.ɔa.pke] Palavra anterior: “dele”, sendo pronunciada [ˈde.li]. Palavra posterior: “porque”, sendo pronunciada [pke].

c) /É a opção dele, uai. (*repete a mesma fala*)

*26:45 –[ˈdel.ʷɜɪ] Palavra anterior: “dele”, sendo pronunciada [ˈdel]. Para “uai”, há arredondamento dos lábios, mas a semivogal [ʊ] não é pronunciada; a vogal é centralizada. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

d) - A gente tem o livre arbítrio né?

/É, eu perdi um amigo? Perdi. Mas ele fez a escolha dele, uai. Ele achou que a ilusão da droga era melhor que a ilusão dum amigo que ele ia ter pro resto da vida dele.

*26:53 –[ˈdel.ʷɜɪ] Palavra anterior: “dele”, sendo pronunciada [ˈdel]. Para “uai”, há arredondamento dos lábios, mas a semivogal [ʊ] não é pronunciada; a vogal é centralizada. Não há palavra posterior.

e) - Mas a gente sempre espera coisa, né?

/Uai, eu acho assim, o político, ele faz a coisa boa, infelizmente ele num é Jesus cristo não, que ele vai resolver o mundo não, uai. Nem Jesus cristo resolveu o mundo. Ele vai fazer o que dá pra fazer.

*30:42 –[ˈnãõ .ẽ] - Palavra anterior: “não”. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ua”, que é nasalizado. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

f) - Eu também acho que o Zé Dirceu num é muito confiável não.

/Agora, o Lula, ele é uma pessoa, que todo mundo sabe que ele tem a quarta série de grupo, ele tem, é o que ele tem, pra ele tá onde que ele tá, ele também num tá lá à toa, né? Tem os problema dele? Ô, gente, todo mundo tem problema, num é só porque ele é presidente quer dizer que ele tem que resolver tudo também não, ué. É difícil, todo jeito é difícil.

*29:53 – [ˈnãõ . ẽ] - Palavra anterior: “não”. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ué”, que é nasalizado. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

g)– Ele, assim, reagiu?

/Ele reagiu ué. Então eu falei com ele “você é louco sô, num reage não. Dinheiro você recupera outro”. O cara vem te assaltar aqui, eu falei com ele “não, de forma alguma.”

*10:17 –[hɛv.ˈʒiõ.e] – Palavra anterior: “reagiu”. A semivogal do ditongo da sílaba tônica de “reagiu” sofreu crase com a semivogal do ditongo “ue”, e logo ocorreu uma mudança na estrutura tônica: “ue”, que se esperava que fosse pronunciado [oe], transformou-se em um hiato. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

h) - Mas ele aprontou também né?

/É, eu acho que ele, por ele ser o professor e eu ser um aluno, no caso lá, ele me desrespeitou e eu desrespeitei ele, mas só tem que ele chegou o dedo dele na minha cara. Isso num é atitude de um professor não, ué.

*17:41 – [ˈnãõ .e] – Palavra anterior: “não”. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ue”. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

C. M. A. I. – 1 UAI; 1 UÉ

a) - Você já teve algum conhecido seu que teve acesso, assim, com drogas? Que você ficou sabendo?

/Já, uai. Trem com um amigo meu que foi até preso por causa disso.

*04:59 – [ˈoai] Palavra anterior: já [ˈza]. Palavra posterior: não tem

b) - E teve alguma vez assim que você passou aperto? Tipo assim, fez alguma coisa errada, e o trem e virou para o seu lado?

/Não, sô. Não estou me recordando agora aqui no momento.

- ou algum amigo seu, conhecido, tipo, teve algum vizinho que chamou a polícia?

/Ih, o que mais tiveram aqui era isso. Teve uma vez, né, um negócio da árvore do Júlio, ali. Ele pediu para tomar conta da árvore dele, na casinha dele, que ele estava construindo ali, plantou uma arvrinha lá. Eles quebraram árvore dele e ele achou que fui eu e veio me desafiando como se fosse eu o culpado mesmo. E eu não tinha nada a ver com isso não, mas na época foi um problemaço, que teve, por causa da árvore dele... E eu sou uma pessoa vegetariana, quem dera eu te destruir uma coisa viva, e falei: “Eu não estou de entendendo, não, a culpa foi sua, eu falei para você tomar conta, cê num ta me pagando pra isso não, ué. Você pediu para mim olhar, se eu fui dormir ou se eu fui almoçar, alguém passou e quebrou a a árvore, Tenho obrigação de ficar de plantão na porta da sua casa não, cuidando da árvore não.”

*09:37 – [ˈuɛ] Palavra anterior: não [ˈnãõ]. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ué”. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

D. F. A. I. – 1 UAI

a) /Ô, Gê, são quantos bairros aqui em Itaúna mais ou menos?

(Gê responde)

/Tem mais, uai! Eu perdi, eu sabia, eu esqueci.

*31:23 – [oai] Palavra anterior: mais. [ˈmai.zoai] Ocorre vozeamento da consoante [s] em posição de coda do monossílabo [ˈmais], transformando-se em [z]. Este [z] deixa de ocupar esta posição de coda para ocupar a posição de onset da sílaba seguinte, que é [oai]. Não há palavra posterior.

E. F. A. I. – 6 UAI; 1 UÉ

a) /Mas terça-feira lá no legislativo, na reunião dos vereador nós já denunciemos isso lá, inclusive com o da prefeitura, agora eles já estão contando uma história diferente inclusive dispensou até assessor de imprensa da prefeitura que fez o serviço mal feito e que tá criando confusão . Falta do chefe olhar, né? É o Relise que tá mandando, Relise mandou tá pronto, uai, tá escrito.

*15:51 – [ˈpʁ̃.tɐɪ.tes] Palavra anterior: “pronto” [ˈpʁ̃t] – ocorreu mudança na estrutura silábica, passando de dissílabo para monossílabo. A consoante [t], que no monossílabo [ˈpʁ̃t] ocupa a posição de coda, passa a ocupar a posição de onset da sílaba seguinte [tɐɪ] nesta fala articulada. Esta segunda sílaba contém uma forma diferente para “uai”, que é pronunciado [ɐɪ]. Palavra posterior: “tá”, seguida de “escrito”, cujas primeiras sílabas se fundem em uma única sílaba [tes].

b) - No final das contas, é só o nome que muda né, porque tem umas coisas que são mais institucionalizadas né. Por exemplo, você me apóia e ganha o ministério.

/Que isso toda vida foi assim, uai, o que apoiar ganha.

*34:43 – [oˈaɪ] Palavra anterior: “assim” [ɐ.ˈʃ̃]. Palavra posterior: “o” [o].

c) /É um menino do coração bom e muito trabalhador , vencedor, né não? Não tô puxando saco porque eu não gosto de puxassaquismo, tô falando verdade, lá no brechó nós sempre fala d’ocê lá. O Celinho fala: “Nó! Ele é muito lutador, é mesmo. Não uai, menino. Uai, Luís, pois você tá trabalhando na cidade, uai. fazendo um trabalho bom meu filho.

*35:53 – [ˈuɑɪ] Palavra anterior: “não” [ˈnãõ]; desta vez, vê-se claramente no espectrograma a diferença na intensidade dos formantes, indicando que não houve crase da semivogal nasal de “não” e da semivogal [o] de “uai”. A palavra posterior é “menino”, pronunciada [mɪ.ˈɲ̃n].

*35:58 – [ˈuɑɪ] (algo como “uâi”). Palavra anterior: “cidade” [sɪ.ˈdadʒ]. Palavra posterior: não tem.

d) /Faz isso mesmo. Num para não, Luís. Vai cantar o seu aniversário lá ou como é que é? Uai, Luís, pois não cantou o seu parabéns, uai. Faz mesmo.

*37:45 – [oˈaɪ] Palavra anterior: “parabéns” [pa.ra.ˈbĩz]. Ocorre mudança na estrutura silábica quando há fala articulada: [pa.ra.ˈbĩ.zuˈaɪ], havendo: 1) vozeamento da consoante em posição de coda da última sílaba de “parabéns”, passando de [s] para [z]; 2) [z] torna-se onset da sílaba seguinte, que é “uai”. Palavra posterior: não tem.

e) /O Luiz escrevia duas páginas pra ele, eu num sei por que que ele não queria, o Luís tinha duas página, a minha era uma. Porque ela visa mais é o dinheiro, ela gosta muito do dinheiro, eu vou te falar a verdade, então tudo é dinheiro sabe? E ele precisa de dinheiro sô, ele precisa de dinheiro... uai. Ele tá estudando ainda, num é não?

*42:13 – [u'ar] Palavra anterior: não tem. Palavra posterior: “ele” pronunciada [e], pois perde a última sílaba.

f) /Tem as ruas que é pra consertar, os bairro que é pra desentupir os buraco, tem uma, é uma troca recíproca, tem disso não, ué. O filiado do partido se tiver lá no poder num tem que contribuir com dez por cento do salário? Uai, num é mensalão não? É.

34:23 –[‘nãõ .ɛ] Palavra anterior: “não” [‘nãõ]. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ué”. Não há palavra posterior, e sim uma longa pausa.

R. M. J. I. – 1 UAI

a) - Ela é ciumenta?

/Não.

- E você é tranqüilo também?

/Tranquilo, uai. Tem que ter confiança, não é?

*22:49 –[əi] Palavra anterior: “tranquilo”, pronunciada [trã.'koi]. Esta palavra, originalmente trissílaba paroxítona, sofre mudança em sua estrutura silábica e, por conseguinte, na tônica, passando a um dissílabo oxítono. A consoante [l], em posição de coda da sílaba tônica, é posterior, o que poderia substituir a semivogal [u] de “uai”, que está ausente; “uai” é pronunciado [əi] e a transcrição da fala articulada é [trã.'koi.ləi], um trissílabo paroxítono. Palavra posterior: há uma pausa.

R. M. A. I. – 1 UAI

a) /Comprou, para poder fazer o tráfico, fizeram uma pista de pouso, e tem lá no fundão também, tem uma pessoa lá que falou que um vizinho dela tem uma pista de pouso para isso também.

- Só para droga?

/Pra droga.

- Então aqui está fervendo também?

/Tá, uai. Pra todo lado.

- Está para todo lugar, desestrutura tudo, família, escola.

*26:53 – [ˈuɑi] Palavra anterior: “tá” pronunciada [ta:]. Palavra posterior: “pra”, pronunciada [pa].

T. M. J. I. – 1 UAI; 1 UÊ

a) /E tem um lá, deu um tal de Cowboy aqui. Ele põe terno e chapéu, doidão, terno, bermuda, põe um paletó, terno, e ele só fica assim, é uai. É, sô. E ele briga com você, se você ficar olhando para ele, ele briga. Ele é chato.

26:44 – [uɑi] Palavra anterior: “é”, pronunciada [ˈɛ]. Palavra posterior: não tem. A pronúncia coarticulada é transcrita [ˈɛu.ɑi], em que a vogal da palavra “é”, que forma uma sílaba livre, ganha a semivogal [ɔ] como coda, tornando-se uma sílaba fechada. Em outras palavras: ocorre ressilabificação. Palavra posterior: não tem.

b) - E aí, o que aconteceu?

/Uai, todo mundo levantou, uê... A casa inteira. Na hora que eu cheguei na cozinha, meu irmão me olhou lá da porta, cheguei lá meu pai estava lá catando azulejo.

32:03 – [ue] Palavra anterior: “levantou” pronunciada [ˈle.vã. to]. Palavra posterior: não tem.

W. M. A. I. – 4 UAI; 1 UÊ; 3 UÊ

a) - Como é que foi a sua infância aqui?

/Uai, muito boa, uai. Não...

- Foi boa?

/É.

*04:50 – [ˈuɑi] Palavra anterior: “boa”, pronunciada [ˈboʊɑ]. Ocorre crase entre o [uɑ] de “boa” e os dois primeiros sons vocálicos de “uai”. Palavra posterior: “não”, pronunciada [nõ].

b) /Até as pessoas de Belo Horizonte vinham para cá, Divinópolis, Pará de Minas, escola de samba aqui, era, carnaval, eu até li no jornal uma vez que eles estavam tentando reviver o carnaval passado, porque era, o carnaval era bom, realmente era muito bom. Hoje não, hoje quase é um carnaval povão, põe um som lá e o pessoal vai para lá.

- Vai para lá fazer bagunça.

/Tinha, tinha desfile, uai. Escola de samba aqui era boa.

- Era?

/Era.

*24:00 – [əi] Palavra anterior: “desfile” pronunciada [dʒis.ˈfil]. Na verdade, as duas palavras estão articuladas: [dʒis.ˈfiləi]. Palavra posterior: não tem, apenas uma longa pausa.

c) - Tinha muitos grupos assim?

/Tinha.

- e era chique? Bem estruturado?

/Era bem estruturado, era boa tanto que o pessoal de fora vinha para cá, uai.

- Vinha para ver...

*24:12 – [ˈʊɹɪ] A vogal [a] centralizada. Palavra anterior: cá pronunciada [ˈka]. Palavra posterior: não te, e si a fala do entrevistador.

d) - E ainda tem criação de gado?

/Tem, tem também,

- Tem?

/Tem, uai. Com certeza. Igual estou te falando, tem lugar que eu já fui aqui que, nossa, eu não imaginava que fosse

*31:39 – [əɪ] “âi” Palavra anterior: “tem” [ˈtẽi] – A fala é tão articulada que “tem / (u)ai” teria de ser transcrita [ˈtẽi.əɪ] – há perda da semivogal em posição de onset de “uai”. Palavra posterior: não tem.

e) /Indo para Itatiaia do Sul, tem o Iate,

- Ah tá. Tem a rodoviária ali?

/É o Iate.

- É legal?

/É, ué.

- Tem que pagar para entrar?

*32:13 – [ʊˈɛ] “ué”. Palavra anterior: “é” pronunciada [ɛ].

f) - Fazer brinquedo hoje nem pensar.

/Carrinho, não vê menino brincando de carrinho hoje.

- Só criancinha de dois, três anos, mas daqui a pouco já está no videogame.

/Mas, igual, a gente brincava na rua, com cordinha e tudo. Cê num vê isso mais não, ué.

- Aqueles que você colocava umas rodinhas embaixo e pegava um gancho e saía puxando pelo meio da rua.

*05:26 – [ˈnãõ.ẽ] – “ũ”. Palavra anterior: “não” [ˈnãõ]. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ue”. Não há palavra posterior, e o entrevistador falando.

g) - Você trazia os peixes para casa?

/Trazia.

- Para comer?

/Não, peixinho para por no vidrinho, eu tinha mania dessas coisas .

- Criança gosta mesmo de ver o bicho no aquário.

/Tem aqui, uê. Até hoje eu gosto.

*07:11 – [ˈue] Devido à influência da vogal [i], que precede a semivogal em posição de onset de “uê”, desaparece o arredondamento dos lábios. Palavra anterior: “aqui” pronunciada. Palavra posterior: não tem, apenas uma longa pausa.

h) - Aqui tem uma região rural assim grande? Tem muita gente que mora, ou não? A maioria mora na cidade? Você sabe?

/Não, tem, uê. Tem lugar aqui, que eu vou ter falar a verdade, que eu nunca fui, e moro aqui a vida toda.

*31:19 – [wẽ] Em vez de a semivogal em posição de onset de “uai” ser pronunciada, ocorre labialização. Além disso, “-ai” transforma-se em [e] nasalizado por influência da palavra anterior, “tem”, que, por sua vez, é pronunciada [ˈtẽĩ].

UAI: 23 ocorrências

➤ **Gênero:** 15 por masculino - 8 por feminino

➤ **F. etária:** 5 na jovem - 18 na adulta

UÉ: 04 ocorrências

➤ **Gênero:** 03 por masculino - 01 por feminino

➤ **F. etária:** 0 na jovem - 4 na adulta

UÊ: 8 ocorrências

➤ **Gênero:** 8 por masculino - 0 por feminino

➤ **F. etária:** 3 na jovem - 5 na adulta

➤ **Posição:** 0 em início de oração - 8 em final de oração

Anexo IV

UAI2: EM POSIÇÃO FINAL DE SENTENÇA – EM PIRANGA

uai: 13 OCORRÊNCIAS

ué: 5 OCORRÊNCIAS

uê: 16 OCORRÊNCIAS

TOTAL: 34 OCORRÊNCIAS

A. F. A. P. – 3 UÊ

a) - Era isso que eu ia te falar, será que só computador e televisão que é responsável hoje por você não ver mais criança brincando?

/É.

- Porque ainda na minha época, você mora aqui você sabe, a gente brincava aqui até falar chega.

/Brincava,uê... Era uê!

*48:58 – [o, e] – “uê”. A vogal final da palavra anterior, “brincava”, sofre crase com a semivogal em posição de onset de “uê”: [bɾĩ.ˈka.võ., e]. Palavra posterior: não tem, apenas pausa.

*49:00 – [o, e] – “uê”. A vogal final da palavra anterior, “era”, sofre crase com a semivogal em posição de onset de “uê”: [ˈɛ:rõ., e]. Palavra posterior: não tem, apenas pausa.

b) - E senta ali todos os dias.

/Senta e assiste, e se tiver em algum lugar sai voando. A gente estava com um coral lá na escola, menino na faixa, assim, da idade de Júlia, quarta série. Marcava horário para cinco horas, cinco e meia, não ia de jeito nenhum, para não perder Malhação.

- Ah, Mentira!

/É, uê. Então essa Malhação eu acho que é uma coisa, novela também, e... Copiam, olha para você ver, eu acho que influencia sim.

*50:56 – [o.ɛ] – “uê”. Palavra anterior: “é”, pronunciada [‘ɛ:]. Palavra posterior: não tem, apenas pausa.

B. M. J. P. – 5 UAI; 3 UÉ; 2 UÊ

a) - Porque tem gente que fala que se vier outra operadora não comporta. Será que tem esse negócio de não comportar?

/Não, eu acho que não, uai. Se vier já tem uma, se outra vier, é porque essa outra já trouxe algum benefício para ele, né?

*03:47 – [ʊvɐ] Palavra anterior: “não” [‘nãõ]. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “uai”. Não há palavra posterior, e sim uma pausa.

b) /Olha... Eu acho assim quanto mais puder ajudar o cara que está querendo entrar na faculdade, é fundamental, eu acho assim, se pudesse fazer a ma... Mensalidade, um brinquedo por dia, ia ser beleza, mas não é assim que funciona, que vale muito da pessoa também que vai ingressar na faculdade, uai. Buscar meios de comunicação de... se a faculdade não está oferecendo aquilo que ele tá buscando, tem a internet...

*05:27 – [fɐ.ku.‘da.dʒɪɐ] – Palavra anterior: “faculdade”. A qualidade do áudio não está muito boa, e como ele fala “uai” no fim da sentença, a realização é bastante fraca, o que dificulta ainda mais uma boa visualização de sua realização e ocasionalmente uma boa transcrição. Com base apenas na audição, é provável que ele tenha pronunciado “ai” com valor de “uai”. Palavra posterior: não tem, apenas uma pausa.

c) - O que ... Assim, eu ouvi várias histórias, o que que você ouviu falando que foi cortada por quê?

/Não. Até quanto a isso eu nem fiquei sabendo porque, porque foi cortado, viu ... Eu só sabia que estava funcionando a rádio, não tive... Não fiquei sabendo nem de boato nem nada porque que foi cortada.

- É uma coisa que ajudaria muito quem ta fazendo faculdade, não é?

/Nossa senhora, uai. É ... Internet... Igual o tanto... Um exemplo, a questão do ProUni, por exemplo, é só pela internet, uai.

- É só pela internet?

*06:33 – [vɪ] – Palavra anterior: “senhora”, pronunciada, em coarticulação com “uai”, [‘sʝo.rɐɪ]. A qualidade do áudio não está muito boa, e como ele fala “uai” no fim da sentença, a realização é bastante fraca, o que dificulta

ainda mais uma boa visualização de sua realização e ocasionalmente uma boa transcrição. Com base apenas na audição, é provável que ele tenha pronunciado “ai” com valor de “uai”. Palavra posterior: não tem, apenas uma pausa.

*06:43 –[ɐi] – Palavra anterior: “pela internet”, pronunciada, em coarticulação com “uai”, [pe.lĩ.tɛfĩ.ˈnɛ.tʃɐi]. A qualidade do áudio não está muito boa, e como ele fala “uai” no fim da sentença, a realização é bastante fraca, o que dificulta ainda mais uma boa visualização de sua realização e ocasionalmente uma boa transcrição. Com base apenas na audição, é provável que ele tenha pronunciado “ai” com valor de “uai”. Palavra posterior: não tem, apenas uma pausa.

d) /[...] Ah! Um dia eu estava na festa o cara estava arrancando o banco da praça, tinha bebido todas e estava tentando arrancar o banco da praça, eu descendo, estava vindo embora e estava lá tentando arrancar o banco como se aquilo fosse a melhor coisa do mundo, uai. Só tinha aquilo para fazer, aí eles viram a gente lá e parou [...]

*25:18 –Palavra anterior: “mundo”, cuja vogal final está coarticulada com “uai”: [ˈmũ.dɐi] A qualidade do áudio não está muito boa, e como ele fala “uai” no fim da sentença, a realização é bastante fraca, o que dificulta ainda mais uma boa visualização de sua realização e ocasionalmente uma boa transcrição. Com base apenas na audição, é provável que ele tenha pronunciado “ai” com valor de “uai”. Palavra posterior: não tem, apenas uma pausa.

e) - É uma coisa que eu tenho curiosidade também, ninguém fala, quem teve a idéia de construir um disco voador.

/Exatamente. E da onde que partiu essa idéia, né? No mínimo deve ser de quem queria destruir, porque para chamar mais atenção e abafar o caso lá, porque a igreja, oh, era para ser referência aqui, se fosse na data de hoje, era para ser referência ué, porque era antiga, bonita, bem localizada, de fácil acesso .

*18:11 –[wɛ] “ué”, coarticulado com a última vogal da palavra anterior, “referência”, sendo ambas pronunciadas assim: [he.fɛ.rɛsˈwɛ]. Palavra posterior: “porque”, pronunciada [poh.ˈke:].

f) /Boa vontade. Basta um pouquinho de boa vontade e pegar o microfone e falar: “Ô, gente, tem uma casa caindo ali em baixo ali, o que que nós pode fazer? vamos reunir o *fulano*, v/amos olhar com os comerciantes aqui.” Isso é bom pra cidade, isso é bom para a infraestrutura da cidade aqui,ué, que o cara vem aqui e vê: “oh, nó! Tem isso na cidade, tem aquilo, tem aquele casarão lá, vamos visitar, vamos fazer isso, vamos fazer...” Faz um circuito turístico aqui dentro mesmo, interno aqui, o pessoal visitante aqui. Vem muita gente e é visitada, é cidade de passagem também, então, é questão de boa vontade mesmo.

*20:42 –[wɛ] “ué”. Palavra anterior: “aqui”, pronunciada [e. 'ki]. Palavra posterior: não tem.

g) - E os médicos? Eu fiquei sabendo outro dia que o médico foi ver sua avó, não tinha nem aparelho.

/É.

- Você ficou sabendo disso? Você não estava aqui ainda, né...

/Mãe me contou que... É... Nossa! O único aparelho que o médico... Eu acho que não vai faltar para ele, é aquele... no pescoço. Eu acho que ele não vai faltar, mas o resto... Você tem que se virar mesmo porque o aparelho acaba... É cinquenta por cento do médico, cinquenta por cento do aparelho, ué. Aí, o cara, o médico vai com toda boa vontade lá para salvar o paciente, falta o aparelho necessário para ajudar no serviço dele, então fica difícil...

*23:51 –[oɛ] “ué”. Palavra anterior: “aparelho”, pronunciada [ɐ.pa. 're. 'lɐ] – há coarticulação entre a vogal final e a semivogal em posição de onset de “ué”. Palavra posterior: não tem.

h) - É cômico, não é?

/É questão até de rir mesmo, porque não tem jeito, não, aí fica difícil. Ô, e é história para caramba, é muita coisa, é muito... Bacalhau, por exemplo, está aos cupins lá. E tem uma plaquinha lá toda cheia de mato: patrimônio mundial, lá e não sei o que lá. Só colocar plaquinha lá não vai resolver o problema. É ajudar o pessoal que tem uma estrutura boa lá, o pessoal ajudar a divulgar, fazer a divulgação mesmo, trabalhar em cima do que traz gente para cá que gen,.. turista é dinheiro também, ué. E é a cada ano buscando mais gente que vem, espalha o pessoal, vem mesmo, gasta mesmo, aí que que eles falam, a própria igreja católica também é meio, é meio ... Conivente nessa área também porque ela só pega o dela e deixa os outros para trás.

*15:47 –Palavra anterior: “também” pronunciada [tɐ. 'mẽi]. O “uai” está bastante coarticulado com a última sílaba de “também”, sendo difícil segmentar. Com base na audição (o mais confiável a se fazer no momento, pois o sinal está ruim), ele provavelmente diz “ue” [ẽ], sem as semivogais e nasalizado por influência das vogais nasais de “também”, com as quais está coarticulado. Não há palavra posterior.

i) /Eu já ouvi isso

- Mentira!

/Tomara que seja mentira mesmo porque se for verdade um negócio desse é até uma... Você imagina, o trem foi destruído aqui e uma porta lá em Londres? Pelo amor de Deus, uê!

- O que que você sabe sobre essa destruição dessa igreja, o que que você já ouviu falar?

*16:34 –[ue] Palavra anterior: “deus” [ˈdeuz]. O “uai” está bastante coarticulado com “deus”, sendo difícil segmentar. Ele provavelmente diz “ue”. As duas palavras coarticuladas são transcritas como: [ˈdeu.zue].

G. F. J. P. – 3 UÊ

a) - A UNIPAC chegou a ir para lá?

/Está, ela está funcionando lá agora.

- Ah, é?

/Ela chegou a ir para lá, ela está funcionando lá, só que ele quer cobrar um preço... Uns alugueis muito caro, um preço que a população não tem como pagar.E... E... você pode perceber também que como a cidade não desenvolveu, o que que acontece, o pessoal também só está adaptado ao comércio aqui em cima, se levar alguma coisa para lá... o pessoal não é adaptado a ir lá. Eu acho que é por causa disso, por causa do nível de aposentados que tem aqui, a cidade também... E também é um ponto que não deixa a cidade crescer, porque muitos netos, muitos filhos ficam em cima da... né?... Do pai e não procura mão – de – obra e outra coisa, também não tem, né, *entrevistador*?Você vê que aqui em Piranga não tem uma indústria , não tem nada,uê. Única, o... O... O...Vamos dizer assim que o emprego tem aqui é a prefeitura, por isso que eu falo que por causa da política a cidade não vai para frente.

*01:25 –[ue] Palavra anterior: “nada”, pronunciada [ˈna:d] – a vogal final desta palavra é coarticulada com “uê”: [ˈna:.dœ]. Palavra posterior: não tem, apenas pausa.

b) /Não, aí já não vai mesmo,né? Não vai ter emprego. Talvez tem áreas que... Que pode até ter, né? Assim, muita gente que faz enfermagem vai conseguir emprego, porque é uma área, é o que está no auge agora é a área da saúde, não é? Então todo mundo que está fazendo enfermagem vai sair com emprego garantido. Agora a área de educação vai começar a ficar concorrendo edital...Que nem, a gente mesmo vai saber que vai formar, mas não sabe se vai conseguir trabalhar não. Vai ter um curso superior. Hoje em dia, todo mundo tem condiçõesde ter um curso superior,uê! Todo mundo, indep... Eu tenho professores lá em Pinheiros que fez

faculdade de final de semana. É um curso superior e tá trabalhando, uê. O que vale não é o diploma?

*40:15 –[œ] Palavra anterior: “superior”, pronunciada [sø.pe.ri.'o]. Palavra posterior: não tem, apenas pausa.

40:23 –[œ] Palavra anterior: “trabalhando”, pronunciada [trɐ.ba.'lãn] - há coarticulação da última vogal desta palavra com a semivogal em posição de onset de “ue”, havendo também mudança na estrutura silábica: [trɐ.ba.'lãn.œ].

G. M. A. P. – 5 UAI; 2 UÉ; 6 UÊ

a) /[...] Lá em Lafaiete, tem promoção de tudo, todo dia que você for lá, você tem promoção, aqui em Piranga não, eles conseguem vender ovo podre para a gente a preço de mercadoria boa. Um dia eles fizeram uma promoção de ovo lá, eu fui comprar o ovo. Cheguei em casa, tava tudo choco, uai!

- Mentira!

*29:06 –[wai] – “uai” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: “choco” [ˈʃok] – há coarticulação entre a última vogal desta palavra e a semivogal em posição de onset de “uai”, que acaba sendo pronunciado [ˈʃo.k^wai]. Palavra posterior: não tem.

b) /[...] Nós perdemos uma igreja , o povo perdeu uma igreja, aquela igreja na chegada ali, ela era valiosíssima, ela perdeu, ela caiu, enquanto ela não caiu, perdeu tudo. Se você for lá e achar enterrado naquela... naquela... naquela tumba lá que ficou lá da igreja, lá na ... como que fala? Nos restos lá da... se você pegar uma... uma tabuinha daquela lá e eles descobrirem que é da igreja, ou você devolve ou você vai preso, uai! O negócio que está apodrecendo lá ninguém pode pôr a mão, é isso que eu não concordo com esse trem de patrimônio histórico, por causa disso.

*30:31 –[wai] – “uai” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: “preso” [ˈprez] – há coarticulação entre a última vogal desta palavra e a semivogal em posição de onset de “uai”, que acaba sendo pronunciado [ˈprez^wai]. Palavra posterior: não tem.

c) - O coreto ali, o que que aquela igreja tem a ver com o coreto?

/Não tem nada a ver com o coreto. Agora para... Para receber o povo, eu acho que aquela igreja seria ideal, não sei se daquele formato.

- Talvez o lugar mesmo.

/Em círculo cabe muito mais gente do que aquela igrejaquadrada lá do rosário, lá porque a população de Piranga aumentou demais e vai aumentar muito mais, *entrevistador*. Você deixa para ir à missa dia de sábado... dia de domingo à noite, você não entra na igreja, quase que você não entra na igreja. Lotado, uai! Você vai de manhã está lotado [...]

*33:01 –[ʷaɪ] – “uai” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: “lotado” [lo.'tad] – há coarticulação entre a última vogal desta palavra e a semivogal em posição de onset de “uai”, que acaba sendo pronunciado [lo.'ta.dʷe]. Palavra posterior: não tem.

d) /E vai ter muito desemprego, mas você acha que uma pessoa que ganha rios de dinheiro, eh...

- Está ligando para isso.

/Não é? Ele está ligando para a vida dos outros? Tá não, sô! Ele não tá nem aí para a vida profissional de ninguém não. Entendeu? Ele não está. Então, o cara é... (?). Eu acho que eles tinham que ter um pouquinho mais de humanidade e olhar... E mexer no momento certo uai. Não é porque está no poder que tem que mexer agora não [...].

*45:35 –[ʊə] – “ua” – Palavra anterior: “certo” pronunciada ['seht] – coarticulação entre a vogal final desta palavra e a semivogal em posição de onset de “ua”: ['seh.tʊə]. Palavra posterior: não tem.

e) /[...] Eu batalhei, fui lá e fiz um curso superior para mim ter o direito de continuar é... ganhando o sustento dos meus filhos. Foi para isso, não foi para... Não, foi para ganhar dinheiro e também para melhorar, para mim fazer melhor aquilo que eu fazia que eu já fazia há cinco anos ou mais, um tempo maior, é para isso, para mim ter o direito de continuar exercendo aquilo que eu já vinha fazendo a muito tempo, né? Então, essas pessoas também, que trabalham na escola, deviam estar batalhando e fazendo o possível e o impossível para... para estar se mantendo no emprego uai, porque ali vai chegar um dia que ninguém vai ter dó de ninguém não.

*50:29 –“ua” – Palavra anterior: “emprego” pronunciada [ĩ.'preg] – coarticulação entre a vogal final desta palavra e a semivogal em posição de onset de “ua”: [ĩ.'pre.gʊə]. Palavra posterior: não tem.

f) /[...] Aí eu falei assim “O estado tá negando uma escola (?) pra sua filha, mas não tem uma escola especial aqui”. A gente não tem isso não, ué. A lei da inclusão tá aí, uê.

- Hoje num é inclusão?

/Num é inclusão? Então, agora, então não nega [...]

*00:58 – [õɛ] – “ué”. Palavra anterior: “não” [ˈnãõ]. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “ué” – pronúncia coarticulada: [ˈnãõɛ]. A palavra posterior não foi identificada, pois é apenas um retracting.

g) /[...] A maioria da renda do povo de Piranga sai é lá da escola lá do estado, ué. E quantas pessoas a gente não tem trabalhando lá? E quantas pessoas de fora tão lá dentro pescando esse peixe que seria nosso? [...]

*02:19 – [o.ʔɛ] – “ué”. Palavra anterior: “estado” pronunciada [ˈstad] – há crase entre a vogal final desta palavra e a semivogal em posição de onset de “ué”: [ˈsta.dʊ.ɛ]. Palavra posterior: não tem.

h) /[...] Aí eu falei assim “O estado tá negando uma escola (?) pra sua filha, mas não tem uma escola especial aqui”. A gente não tem isso não, ué. A lei da inclusão tá aí, uê.

- Hoje num é inclusão?

/Num é inclusão? Então, agora, então não nega [...]

*00:59 – [ue] – “ue”. Palavra anterior: “ta aí”, pronunciada [ta.ʔi:]. Logo no momento do “ue” a entrevistadora começa a falar (sobreposição de fala). Palavra posterior: não tem.

i) /[...] O governo acha que ele está incluindo uma pessoa, ele está é excluindo porque, olha, os próprios colegas não aceitam, não entende, porque para aceitar... Aceitar, abraçar ali é uma coisa, mas entender, o porquê que ele não tem a mesma capacidade sua, de um outro aluno... não é. E um coleguinha... É difícil, uê. O colega às vezes não respeita isso, uê. Porque não entende, não sabe [...]

*01:54 – [ue] – “ue”. Palavra anterior: “difícil”, pronunciada [dʒi.ˈfi.siu] – a última vogal é coarticulada com a semivogal em posição de onset de “ue”: [dʒi.ˈfi.siuɛ].

*01:58 – [wɛ] – “ue” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: “isso”, pronunciada [ˈis]. Há coarticulação com “ue”, cuja semivogal é apenas uma labialização. Palavra posterior: “porque” pronunciada [poh.ˈke].

j) - Tirar carteira ele não pode, agora ser presidente da câmara ele pode.

/Não, ah! Prefeito. Nós tivemos prefeito aqui também que nunca estudou na vida dele, uê! Estudou sim, mas é claro que estudou, é um homem muito inteligente, muito capacitado até, mas ele não estudou. Ele... Tem quarta série de grupo, você sabe disso, uê. Por que que subiu lá? Troca de favores, gente.

*20:33 – [we] – “ue” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: “dele”, pronunciada [ˈde.li].

*20:42 – [we] – “ue” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: “disso”, pronunciada [ˈdʒis]. Há coarticulação com “ue”, cuja semivogal é apenas uma labialização. Palavra posterior: não tem.

k) - Lafaiete cresceu.

/Porque Lafaiete, aquele povo ali, ele consegue trazer o povo de Piranga para dentro de Lafaiete, consegue trazer o pessoal de Catas Altas para dentro de Lafaiete. Então... Lafaiete hoje virou o quê? Um pólo, uma cidade pólo. Todo mundo que precisa vai em Lafaiete, todo mundo que precisa de alguma coisa vai em Lafaiete. Quem sabe Piranga tinha que fazer isso também... Num tem o fórum aqui? Piranga tem um fórum, agora o que que falta? O que está faltando é incentivo da prefeitura, incentivo do governo aqui uê. Nós não temos nenhum.

24:54 – [we] – “ue” – há apenas uma labialização no lugar da semivogal em posição de onset. Palavra anterior: “governo aqui” pronunciada [gʊ.ˌvefi.nɐ.ˈki]. Palavra posterior: não tem.

L. F. J. P. – 3 UAI; 2 UÊ

a) - O que que você lembra assim, que você mais gostava antes e que hoje acabou?

/ Pereira. Nossa senhora, Zé Pereira era tudo, era a expectativa que a gente tinha para o carnaval, né? Tinha o Zé Pereira. Nós estamos... Carnaval... Já está chegando o carnaval. Hoje falei com *fulano* “Nó! Tá parecendo que tá chegando o carnaval não. Eu não tô achando que está chegando carnaval não, uai! Não tem movimento, não tem nada. Você não fica naquela expectativa mais não.

*09:43 – [õai] – “uai”. Palavra anterior: “não” [nãõ]. A semivogal do ditongo nasal da palavra “não” sofre crase com a semivogal do ditongo “uai”. Não há palavra posterior.

b) - Outra coisa que começou e terminou, a escola de samba.

/Esse ano não tem, uai. Acabou.

- Eu fiquei sabendo porque li. Não vai sair?

/Eu fiquei sabendo que os dois organizadores[...]

*09:53 – [ʊai] – “uai”. As duas falam juntas, não dá para segmentar com base no sinal acústico, então terá de ser com base na audição. Palavra anterior: “tem”. Palavra posterior: “acabou”, pronunciada [ka.'bo].

c) - E você não tem vontade de fazer o curso não?

/De farmácia? *Entrevistador*, para você abrir uma farmácia hoje não é fácil, comprar (?). Você ter a sua farmácia para comércio, para você conquistar um cliente é difícil demais. Para você trabalhar agora numa farmácia de rede, depende muito porque eles não estão pagando muito bem. Eu fiquei sabendo que a Freitas em Lafaiete está pagando quinhentos e cinquenta para uma farmacêutica. Para farmacêutica recém formada . Pouco demais, eu ganho mais do que ela, uai! Nossa, eu falei “Ah não! Nem...” [...]

*39:05 – [ʊai] – “uai”. Palavra anterior: “ela”, pronunciada [ˈɛl] – a última vogal é coarticulada com a semivogal em posição de onset de “uai”: [ˈɛ.lʊai].

d) - E a solução era essa?

/A solução era matar a menina, depois matar ela em seguida.

- Ah! Ela ia se matar...

/Ela ia se matar.

- E está presa?

/Oi?

- Está presa?

Está. Tem que está presa senão... Nossa senhora, tá doida, uê. Tá presa.

*16:15 – [ʊe] – “ue”. Palavra anterior: “doida”, pronunciada [ˈdoid] – a última vogal é coarticulada com a semivogal em posição de onset de “ue”: [ˈdoi.dœ].

Palavra posterior: não tem.

e) - É... Ah! Eu ia te perguntar do celular aqui em Piranga.

/Bom demais, uê.

- Demorou demais, não é?

/Demorou, mas nossa senhora...

*43:03 -[ue] - “ue”. Palavra anterior: “demais”, pronunciada [dʒi.'maiz]. Palavra posterior: não tem, a entrevistada apenas ri.

UAI: 13 ocorrências

- **Gênero:** 10 por masculino - 3 por feminino
- **F. etária:** 8 na jovem - 5 na adulta

UÉ: 5 ocorrências

- **Gênero:** 5 por masculino – 0 por feminino
- **F. etária:** 3na jovem - 2 na adulta

UÊ: 16 ocorrências

- **Gênero:** 8 por masculino - 8 por feminino
- **F. etária:** 7 na jovem - 9 na adulta

Anexo V²⁹

UAI - NO CORPUS DO PORTUGUÊS - SÉCULO XIX

a) (...) selvagens. E, por sinal, que Macário também ia, sim, senhores, Macário de Miranda Vale ia missionar na Mundurucânia, e o seu nome viria nos jornais, S. Rev.ma lho prometera. Padre Antônio até já queria entregar a Matriz ao José do Lago, para poder sair mais depressa, mas o diabo é que não havia remeiros que se prestassem a conduzir S. Rev.ma ao porto dos Mundurucus. Coisa notável, mal O sacristão chegava-se a um tapuio: - Patrício, você quer levar o senhor vigário ao porto dos Mundurucus? - Uai! onde é isso? - O porto dos Mundurucus é lá no fim do mundo, nem eu mesmo sei, explicava Macário. É lá uma coisa que se meteu na cabeça do senhor vigário. Quer ir por força à terra dos gentios que comem gente, para servir a Nosso Senhor Jesus Cristo! O tapuio que isso ouvia, dava de andar para longe, silenciosa e apressadamente, receando que o obrigassem a pegar no remo. E Macário, mostrando muito desânimo, ia dizer ao vigário (...)

*Fonte: O Missionário, de Inglês de Souza (1891)

b) (...) era uma lesma, mas queria antes de comprometer-se por uma promessa formal, expor-lhe com franqueza o modo por que entendia as funções dum acólito pontual e zeloso. Chovia ainda. Tinha tempo. Padre Antônio, provavelmente, surpreendido pela chuva, entrara em alguma casa, e esperava a estiagem para voltar ao presbitério. O pobre pretendente já esperava muito tempo. Macário atravessou o corredor, abriu a porta da sala, e recuou espantado, vendo sentado numa cadeira, com o chapéu entre os joelhos, um moço de dezoito anos, pálido e franzino. - Uai! é o senhor que quer substituir-me! exclamou o sacristão, cheio de surpresa. E logo fino e atilado, não querendo ser vítima duma mistificação evidente, acrescentou com um sorriso: - Já sei, é uma pilhéria do Chico Fidêncio! Aquele tratante não descansa! Mas desta vez teve graça! O Sr. Totônio Bernardino feito sacristão da Matriz! O moço ergueu-se, acanhado e sério. Macário notou que tinha emagrecido e estava muito triste. Nos olhos brilhava-lhe um relâmpago. - Não sei de (...)

*Fonte: O Missionário, de Inglês de Souza (1891)

²⁹ Como algumas obras são citadas no Corpus do Português sem a sua data de publicação, foi feita uma pesquisa online com o objetivo de confirmar o ano de publicação de todas as obras que aparecem mencionadas no Corpus.

c) (...) tempo, gente! Parece que vocês nunca viram feijão. Cuidem de seu que fazer, se não querem sair daqui a poder de tição de fogo! Os camaradas se afastaram, não querendo turrar com cozinheiro em momento assim melindroso. Pouco depois chegava o Venâncio, ainda a tempo de servir o jantar ao Manuel Alves. Os tropeiros formavam roda, agachados, com os pratos acima dos joelhos e comiam valentemente. - Então? perguntou Manuel Alves ao seu malungo. - Nada, nada, nada! Aquilo por lá, nem sinal de gente! - Uai! É estúrdio! - E vossemecê pousa lá mesmo? - Querendo Deus, sozinho, com a franqueira e a garrucha, que nunca me traiçaram. - Sua alma, sua palma, meu patrão. Mas.. é o diabo! - Ora! Pelo buraco da fechadura não entra gente, estando bem fechadas as portas. O resto, se for gente viva, antes dela me jantar eu hei de fazer por almoçá-la. Venâncio, defunto não levanta da cova. Você há de saber amanhã. (...)

*Fonte: O Assombramento, de Afonso Arinos (1898)

Anexo VI

UÉ - NO CORPUS DO PORTUGUÊS - SÉCULO XIX

a) de igreja deserta enchia os corredores; meus passos ecoavam ali, como se eu caminhasse dentro de uma catacumba e à proporção que me adiantava e subia, mais e mais avultavam as sombras e o silêncio. Era quase noite quando cheguei finalmente à porta indicada pelo misterioso confidente de Malta. Bati a primeira e a segunda vez; à terceira abriu-se a porta e vi defronte de mim um homem enorme, todo calvo e de longas barbas ruivas. " É agora " - pensei num arrepio. E levei instintivamente a mão ao peito. XII - Ué, ué, catu! - gritei ao homem das barbas loiras. Ele grogolejou imediatamente alguma coisa, que tanto podia ser a frase inglesa apontada pela carta do Malta, como podia ser um simples espirro. Em seguida virou-me as costas e pôs-se a andar para o interior da casa. Acompanhei-o. Acompanhei-o, não sem o meu bocadinho de sobressalto, porque a cara do tal sujeito não era das que mais inspiram confiança. Antes pelo contrário, na impassibilidade córnea do seu rosto havia alguma cousa de funambulesco e uma

*Fonte: Mattos, Malta Ou Matta, de Aluísio de Azevedo (1885)

b) ! Santos - O que diz ele? (Aparece Machadinho) Doutor Cábula - Que cábula! Sara (Embaraçada desde que Santos tirou a máscara, à parte) - Me voila pincée. Cena XII Doutor Cábula, Luís, Santos, Arruda, Sara e Machadinho Machadinho (Aproximando-se) - Senhor Santos, Senhor Arruda, eu explico o caso. o Senhor Arruda supõe que fez uma viagem à Lua, ao passo que a viagem que fez foi apenas de sua fazenda à corte, onde está. Arruda - Na corte! Eu tou na corte!Ué! Eu não esperava isso de Sua Senhoria, seu doutô (Puxando as orelhas de Luís) Venha cá, seu rei da Lua, então vacê mangou de seu pai.. Luís - Papai.. Machadinho - Perdão, o autor do quiproquó foi este seu criado. Eu sabia da divergência que há entre o senhor e o Senhor Santos, e da promessa que o senhor havia feito de não por os pés na corte. O Senhor Santos só consentia no casamento de Luís com Dona Zizinha com a condição

*Fonte: Nova viagem à lua, de Artur Azevedo (1877)

c) interpelando o camarada: --Juque, vá na frente.. Toque pouco no burrinho.. Nosso pouso é daqui a meia légua.. Deu Meyer então de rédeas e caminhou a passo, logo após de José Pinho, este munido de cabeçudo cacete, evidentemente hostil as costas do cargueiro entregue aos seus cuidados. --Lá vai o homem, exclamou Pereira ao ver a tropinha pelas costas. E um

alívio.. Ele, coitado, não era mau.. mas não tinha modos.. Safa, hei de me lembrar para sempre do tal Sr. Meyer! Foi uma campanha. Ué.. Olhe, Sr. Cirino.. não está ele de volta.. Teria esquecido alguma bugigangas Com efeito reaparecia a trote o alemão em carne e osso, como quem vinha procurar ou dizer coisa de importância. --Então que tem? perguntou Pereira adiantando-se e alçando a voz. Deixou algum trem? Daqui a pouco é escurão. Meyer, no entanto, ia chegando e de certa distancia entrou a explicar a razão da volta: --Não deixei coisa alguma, Sr. Pereira. Tão-somente faltei a um dever.

*Fonte: Inocência, de Visconde de Taunay (1872)

d) sozinha estar, vamos embora sem tardar. (As moças retiram-se pela esquerda. Marcolina põe-se de novo a engomar, cantarolando alguma cantiga da roça) Cena II Helena e Marcolina
Helena - Marcolina? Marcolina (Deixando o trabalho) - Iaiá? Helena - Cala-te! Marcolina - Iaiá não vai pra sala? Helena - Não. Marcolina - Iaiá. isso não é bonito! As moças vêm visitar vossem' cê e vossem' ecê pede a elas que se retire! Os brancos tudo rumado lá na sala e vossem' cê não vai pra lá! Ué! Helena - Quem está lá dentro? Marcolina - Seu Pantaleão, Seu Arfere, Seu Pedrinho, aqueles dois estudante da cidade, aqueles dois lojista da rua do Imperadô, e que andam sempre cumo unha com carne, e mais um punhado deles. Tá tudo na sala, e vossem' cê metida na sala do engomado, no lugar das pretas.. Helena - Essa gente toda, se vem aqui, não é por minha causa, mas por amor do víspora. Marcolina - Vossem' cê

*Fonte: Abel e Helena, de Artur de Azevedo (1877)

e) nada é.. Abel (Descobrimdo-se) - Vejo que me enganei.. Supus que sua palavra não voltava atrás.. Adeus! Oh! mas ainda me resta um meio.. Helena.. Qual é? Abel - Veremos.. (Cobre-se e sai resolutamente) Helena (Depois de pequena reflexão, como que caíndo em si) - Marcolina! Marcolina! vai ter com ele! Marcolina - Com ele quem? Helena - Com esse moço que acaba de sair daqui; chama-o! Marcolina - Iaiá! Helena - Dize-lhe que já tenho a trouxa pronta.. Marcolina - Ué! Helena - Vai depressa! Marcolina - Nada! Não me meto em fundura! Não quero cumo-chama comigo. (Música) Olhe: aí vem os brancos.. Vêm pro víspora. Helena - Malditos amoladores! Não podem jogar em outro lugar! Vai abrir a porta. (Marcolina abre a porta da esquerda, vai colocar-se ao fundo da cena. Helena senta-se no canapé) Cena VII
Helena, Marcolina, Pantaleão, Alferes Andrade, Góis & Companhia, Cascais, Pedrinho, Benjamim, Juca Sá

*Fonte: Abel e Helena, de Artur de Azevedo (1877)

f) lhe dizia respeito e vinha-lhe todavia roubar despoticamente o sossego. Logo que o tísico expirou, correu a acordar Sabino com um murro. O moleque levantou-se, como da primeira vez, e correu à cama do tísico. A lamparina bruxuleava sobre o velador, projetando em volta, pelas paredes, sombras que se iam dobrar no teto. Sabino abismou-se ao dar com o leito vazio, olhou em torno, muito pasmo, chegou a levantar a colcha e a espiar para baixo da cama; depois correu à janela e interrogou a solidão fria da rua. - Ué! Disse. - És uma peste! gritou-lhe Amâncio. - Por tua causa o tísico foi morrer no meu quarto! Ande! Vá chamar Dr. Coqueiro ou alguém que trate do corpo! Aqui em cima, creio que não há ninguém, nem sequer o Paula Mendes. O rabequista, com efeito, havia ficado essa noite em companhia da mulher em Niterói. A notícia levantou embaixo um rebuliço. À exceção de Campelo e do guarda-livros, ninguém mais se conservou na cama. Mme. Brizard

*Fonte: Casa de Pensão, de Aluísio Azevedo (1884)

g) gente aqui não drume tão bem como lá em casa de meu senhô. PRIMEIRO PRETO - Que senhô! Gente não tem mais senhô.. Treze de Maio botou tudo tão bom, como tão bom! Diabo é este brutina, que tá me pretando pé. A PRETA - Eu também tá que não pode! ZÉ (Entrando) - Boa noite! Desejam dormir? PRIMEIRO PRETO - Eu qué drume com minha praceira, sim senhô. ZÉ - Nesta maison meublée não há aposentos separados! Não há quartos com menos de oito camas. PRIMEIRO PRETO - Ué! Então home drume com muié tudo junto? ZÉ - E até crianças! Olha! (Entra uma turca maltrapilha, com duas crianças pela mão. Paga e sai) As crianças só pagam dois vinténs: metade do preço. A PRETA - Eh, pai João, ante no cativero.. ZÉ - Não seja mal agradecida! não diga mal da liberdade! PRIMEIRO PRETO - Liberdade é bom, mas barriga cheia é mió! ZÉ - Pois você não está contente com o Treze de Maio..

*Fonte: Fritzmac, de Aluísio de Azevedo (1888)

h) capaz disso! John, Deus te livre de uma mulher como a minha. BOLINGBROK, correndo para John - John, John! Vem ela, vem ela! JEREMIAS, assustando-se - Minha mulher? BOLINGBROK - Olha, John, olha! God! Mim contente! CENA IV Entram pela direita Virgínia e Clarisse. JOHN - São elas! JEREMIAS - Que susto tive eu! Pensei que era minha mulher. JOHN - Virgínia! BOLINGBROK - My Clarisse! VIRGÍNIA - John! CLARISSE - Bolimbroke! BOLINGBROK - By God! JEREMIAS, à parte - Ué! As filhas do Narciso..

Bravo! VIRGÍNIA - O senhor Jeremias! CLARISSE - Ah! JEREMIAS - Minhas senhoras, bravíssimo! JOHN, para Jeremias - Conheces estas senhoras? JEREMIAS - Se as conheço! São minhas vizinhas. JOHN - Jeremias, espero que tu não nos trairás. Estas meninas devem ser nossas esposas.. E como o pai não consente em nosso casamento, aqui estamos para roubá-las, e as roubaremos. JEREMIAS - Olá! Isto vai à inglesa.. Dito e feito.. JOHN

*Fonte: As casadas solteiras, de Martins Pena (1845)

Anexo VII

UÊ - NO CORPUS DO PORTUGUÊS - SÉCULO XIX

a) subdelegado em casa dela. Eu disse-lhe que não a queria em companhia de um matuto.. Palavra puxa palavra.. zangamo-nos.. ela foi para a Europa.. e o resultado foi perder eu a mina! Resolvi vingar-me deste Tipo! Vim para cá, fundei o Imparcial, tenho-lhe dado bordoadas de criar bicho, e agora obrigo-o a gastar cinco contos de réis para tapar-me a boca. Isto é o que se chama habilidade, e o mais são histórias! Babu (Correndo) - Saia! Depressa! Depressa! Aí vem toda gente! (Reparando) **UÊ!** Sinhazinha já foi? Bitu - Já. Vai ter com ela, e diz-lhe de minha parte que já achei o pretexto que procurávamos. Babu - O.. quê? Bitu - Pretexto. Não se pode falar com gente inculta! Babu (Repetindo a palavra para lembrar-se) - Pretexto.. pretexto.. pretexto.. pretexto.. (Sai. Rumor fora) Bitu - Eles aí vêm! Coragem, Bitu! Um homem é um homem.. Cena XI Bitu, Cardoso, Guilherme, Botelho, Chica

*Fonte: A Filha de Maria Angu, de Aluísio Azevedo, (1894)

b) Deus haja, não é pra aí qualquer mulher à toa de cuja palavra se possa duvidar. LUÍSA - Se não queres ir dar o recado, vou eu. EULÁLIA - Vou, sim senhora, mas.. LUÍSA - Está bom, está bom! (Empurrando-a para dentro) CENA VIII LUÍSA e GREGÓRIO GREGÓRIO (Entrando com ar meio apalermado) - Não é aqui que mora uma doutora que tem anunciado nos jornais? LUÍSA - Sim, senhor! GREGÓRIO - Ainda que mal pergunte, é Vossa Senhoria? LUÍSA - Uma sua criada. GREGÓRIO - **UÊ**, gentes! Tinham-me dito lá na roça que era uma muié véia e feia. Ora esta! (Pausa) Trata mesmo de moléstias de homens? LUÍSA - Por que não? GREGÓRIO - Descurpe, mas eu pensava.. LUÍSA - A consulta é para o senhor ou para alguém de sua família? GREGÓRIO - É para mim mesmo, sinhá dona.. LUÍSA - Conte-me lá o que sofre. (Manda-o sentar e senta-se a seu lado) GREGÓRIO - Em premero que tudo tenho muita farta de

*Fonte: As doutoras, de Joaquim José da França Júnior, (1889)

c) . Como vai esta Sé Velha? (Cumprimenta a Rosinha e a Perpétua) Chico Bento - O rapaz já veio? Perpétua - Estou ansiosa por vê-lo. (Para Rosinha) Endireita este corpo, sinhá. Nunca vi coisa assim! Não tem jeito para nada! Rosinha - Mamãe já principia? Se eu soubesse não tinha vindo, está sempre em cima da gente, fucte, fucte, só cutucando. Perpétua - Vejam só como está este chapéu! (Admirada) O que é que tu tens nesta barriga? Rosinha - (Com

arrebatamento) **Uê!** Eu sei lá! Foi aquela coisa, que meu padrinho trouxe da cidade. Perpétua - (Admirada) As anquinhas! Ora vocês estão vendo? Senhor major, dê-me licença que entre, para arranjar esta menina. Limoeiro - Essa é boa! Sem cerimônia (1), Dona Perpétua! Entre por aí afora. (Perpétua, Rosinha, a criada e a pajem entram para casa) Cena IV Limoeiro e Chico Bento Chico Bento - Finalmente o pequeno tomou juízo! Agora o que é preciso

*Fonte: Como Se Fazia um Deputado, de Joaquim José da França Júnior (1882)

d) que tu és meu filho, o filho das minhas entranhas. Chico Bento - (Levando o lenço aos olhos) Estas cenas de família chocam-me extraordinariamente. Beatus ventris qui te portavis! Limoeiro - (Reparando em Henrique) Mas que diabo é isto! Estás magro! Para que estudaste tanto, rapaz? Henrique - Não atribua a minha magreza ao estudo. Mas sim às saudades que me devoravam, longe de vosmecê e destes campos, que me são tão caros. Rosinha - (Vendo o estojo do diploma, que Henrique deve trazer a tiracolo) **Uê,** mamãe! Que canudo tamanho é aquele que ele tem? Perpétua - Que te importas tu com o canudo? Limoeiro - Quero te apresentar aos nossos amigos do Pau grande. Aposto que já te não lembras do Coronel Chico bento? Henrique - Muito, muito. Passei dias agradabilíssimos em sua fazenda. Como vai a sua senhora? A sua menina já deve estar moça! Chico Bento - Olha, aqui está uma e lá está outra. Ambos orentis etats arcados dos ambos Henrique - (A

*Fonte: Como Se Fazia um Deputado, de Joaquim José da França Júnior (1882)

e) a hora de jantar. Cena X Henrique e Rosinha Henrique - (À parte) Que diabo hei de eu dizer a esta pamonha? Rosinha - (À parte) Se tu esperar que te puxe pela língua, estás mal enganado. Henrique - (À parte) Vou perguntar-lhe que horas são. Rosinha - (À parte) Estou quase perguntando-lhe que coisa é aquela que ele tem dependurada na carta. Henrique - (À parte) Mas agora reparo que ela é bem interessante. Lindos olhos, cílios brandamente arqueados.. Rosinha - (À parte) **Uê!** Como ele olha para a gente! Henrique - (À parte) Cintura fina e delgada, cabelos castanhos.. Decididamente não é nenhuma asneira. Rosinha - (À parte) Agora lá para que digamos, ele não é muito feio. Moreninho, cabelos encaracolados.. Henrique - (À parte) Eu vou dirigir-lhe a palavra. Rosinha - (À parte.)Se ele falar, eu respondo. Henrique -(À Rosinha) Ô sinhá! (Rosinha finge que não ouve) Saiu! Ô sinhá? (Henrique

*Fonte: Como Se Fazia um Deputado, de Joaquim José da França Júnior (1882)

f) um deputado ou ministro não é o mesmo que as outras? Perpétua - É verdade; porém é uma senhora que tem o dever de ser amável, de dar reuniões em sua casa, de lisonjear uns e outros, e de se apresentar sempre bem. Rosinha - Não se incomode; eu hei de saber apresentar-me. Perpétua - Está bem. Cena II As mesmas e Limoeiro Limoeiro - Ora vivam. O doutro ainda não chegou? Rosinha - (Contrariada) Ainda não. Limoeiro - Olhem só como ela disse aquele - ainda não. Rosinha - Uê! Chentes! Limoeiro - Está se lendo mesmo naquela carinha rubicunda: - Tomara já que chegue o dia! Tomara já que chegue o dia! Perpétua - É natural. Quando se ama.. Limoeiro - E creia, Dona Perpétua, não é por ser o rapaz meu sobrinho, sua filha fica muito bem servida. Perpétua - E se assim não pensasse, não consentiria em tal união. Limoeiro - Moço, rico, talentoso, deputado provincial aos vinte e quatro anos, futuro representante da nação

*Fonte: Como Se Fazia um Deputado, de Joaquim José da França Júnior (1882)

g) vejo. Henrique - Não me crimine. Limoeiro - (A Henrique) Ainda não foste falar com Dona Perpétua. Vai cumprimentá-la, anda. Rosinha - Eu vou chamá-la. Henrique - Com licença. (Sai) Limoeiro - (Baixo a Chico Bento) Vá também, tenente-coronel; deixe-me só com sua filha. (Chico Bento sai) Cena VII Limoeiro e Rosinha Limoeiro - Fique, minha menina, preciso falar-lhe em particular. Rosinha - O que quer? Limoeiro - Promete-me que é capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir? Rosinha - Uê chentes! Se eu não seio que é como posso prometer? Limoeiro - Trata-se da felicidade da menina, de Henrique, de sua mãe, de seu pai, de mim, de todos nós, enfim. Rosinha - Sendo assim, prometo. Limoeiro - Henrique está com os miolos virados e quer, a todo o transe, abandonar a carreira que tão brilhantemente começa agora. Rosinha - Por quê? Limoeiro - Eu sei lá! Porque está com a cabeça cheia de poesia, e entende que

*Fonte: Como Se Fazia um Deputado, de Joaquim José da França Júnior (1882)

h) escapou. Vou passar-me pela porta, e tirar conversa com algum soldado bisonho que aí se ache de serviço a fim de ver se pesco notícia que nos oriente. - Não é mau o que queres fazer. Mas olha bem, não caias em alguma ratoeira. - Macaco velho não mete mão em cumbuca, respondeu Teodósio, preparando-se para montar novamente. - Faço-te companhia até o cercado da engenhoca do defunto Liberato, acudiu Cabeleira. E saltou sobre a garupa do cavalo que Teodósio pôs a passo pela vereda secreta que ia dar na via pública. - Uê! exclamou Teodósio, voltando-se para o companheiro a fim de melhor saber dele a verdade. Pois morreu

o Liberato, tão bom amigo nosso, que nunca nos faltou com jerimum, canas e criação? - Ele era camarada, é verdade. Mas meteu-se-lhe na cabeça que havia de tirar-nos o couro, e há três dias veio bulir conosco. - Que estás dizendo? - Não só ele, mas também os filhos e o bom do genro. - Foi a sua derradeira deles, hem? –

*Fonte: O Cabeleira, de Frankilin Távora (1876)

i) fez soltar surdo gemido de dor. --Juque, observou o patrão em tom pausado, quem sabe se na frente há pau caído ou pedra, que não deixe ele ir para diante? --Pedra, Mochu, e pau na cabeça até rachá-la, é que precisa este ladrão.. --Vê, Juque, insistiu o alemão. --Ora, Mochu.. - -Vê, sempre.. Saiu resmungando o camarada de detrás do borrego e deu a volta. Na frente avistou logo o ramo quebrado que Pereira deixara cair no meio da estrada para desviar os acompanhadores de Cirino. --**Uê! Uê!** exclamou com muita surpresa, aqui esteve alguém e pôs este sinal para que neo se passasse._--Eu não disse a você, replicou o cavaleiro com voz ate certo ponto triunfante. Asno tem razão: para diante há alguma coisa. --Mas na vila, contestou José, nos disseram que o caminho vai sempre direitinho sem atrapalhação nenhuma.. --Na vila disseram isso, confirmou o outro. --E então? E então? repetiu o alemão. Houve uns segundos de silêncio. Depois o cavaleiro acrescentou com a mesma imperturbável

*Fonte: Inocência, de Visconde de Taunay (1872)

j) e dizer-lhe muito simplesmente: Luciano e eu amamo-nos e casar-nos-emos em breve.. Entretanto vinham-lhe à mente os conselhos e pedidos do noivo, rogando que conservasse o seu amor em mistério! E por sua vez formulava um - por quê? A que não podia dar solução! A viúva Simões saiu sem se despedir da filha, desceu rapidamente o jardim, compondo sobre o rosto o veuzinho preto e sacudindo com as pontas dos dedos o plastron do vestido. Chegou afadigada à casa da ama. A pobre mulher recebeu-a de braços abertos, como de costume. - **Uê** gente! Como Iaiá veio vermelha! foi a sua primeira exclamação; e logo depois foi-a levando para o sofá, tirou-lhe o chapéu, disse-lhe que descansasse para ir depois fazer lunch, e apontou para o doce de coco em duas compoteiras na mesa. Ernestina deixava-a falar; estava ainda ofegante, meditando no que devia fazer. De repente: - Diga, Josefa recebeu o retrato de meu marido, não recebeu? - Pois então não haverá de recebê? Está no quarto do oratório, mas há

*Fonte: A Viúva Simões, de Júlia Lopes de Almeida (1897)

k) as outras perdiam, nem para subtrair das gavetas moedinhas e fitas.. Ria-se da cegueira de Sara.. ainda havia de ser ela quem lhe abrisse os olhos.. Os cálices de licor sucederam-se até cair do frasco a última gota. Que estupidez! Ela ainda tinha tanta goiabada no prato.. lembrou-se do cognac. Foi ao armário, mas deu-lhe uma tontura; o chão fugia-lhe embaixo dos pés, o guarda pratos inclinava-se, a mesa recuava, as cadeiras tomavam atitudes de dança e as aves mortas dos quadros das paredes agitavam-se todas, sacudindo as penas. - **Uê!** exclamou a mulatinha, esfregando os olhos; e demorou-se, percebendo a verdade, com tato bastante para esconder a garrafa e levá-la para o quarto.. Beberia à noite, na cama. Não lhe convinha embebedar-se de dia; e foi pedir à Benedita uma xícara de café. Estava com uma enxaqueca! Quando Ernestina entrou, a Simplícia correu a tirar-lhe o chapéu e guardar as luvas. Ernestina deu-lhas maquinalmente. - Então, Iaiá, me deixa ir na festa? - Não. - Por quê

*Fonte: A Viúva Simões, de Júlia Lopes de Almeida (1897)

l) espírito em proporções enormes! Uma noite, a Josefa teve um sonho que a decidiu a abandonar a doente por algum tempo. Sonhou que o seu adorado S. Sebastião, furioso por ver apagada a lamparina com que ela, cuidadosa, religiosamente, o alumia no seu oratório dia e noite, entrara a desfechar-lhe nos olhos todas as setas do seu bendito corpo. - Perdão! gemia a pobre; mas o santo não lhe perdoava. Quando Josefa acordou sentiu dor nos olhos.. aquilo tornou-a apreensiva. Foi ao espelho; os olhos estavam vermelhos! - **Uê!** Gente! Isto é aviso do Céu! Eu vou logo a S. Cristóvão! ao meio-dia vestiu o seu vestido de merino preto, pôs o seu velho toucado de vidrilhos e flores roxas e dispôs-se a sair. Estava toda a casa silenciosa. A viúva dormia e a mãe de Georgina fazia-lhe quarto. Josefa atravessou a sala de jantar em bicos de pés e entrou no corredor. ao fundo, a porta do jardim atraía-a, muito aberta, como um quadro de luz; e ela seguia

*Fonte: A Viúva Simões, de Júlia Lopes de Almeida (1897)

m) sentia, dava-lhe essa curta emersão do abismo, e uma ou duas vezes por semana ia conversar com ele. D. Antônia parou. Não contava com a moca ali, ao pé da porta da sacristia, e queria falar-me em particular, como se vai ver. Compreendi o logo pelo desagrado do gesto, como já suspeitara alguma cousa ao vê-la preocupada. No momento em que chegávamos' Lalau perguntava ao Gira: - E depois, e depois? - Depois, o rei pegou gavião, e gavião cantou. - Gavião canta? - Gavião? **Uê,** gente! Gavião cantou: Calunga, mussanga, monandenguê.. Calunga, mussanga, monandenguê.. Calunga.. E o preto dava ao corpo umas sacudidelas para

acompanhar a toada africana. Olhei para Lalau. Ela, que ria de tudo, não se ria daquilo, parecia ter no rosto uma expressão de grande piedade. Voltei-me para D. Antônia; esta, depois de hesitar um pouco, deliberou entrar na sacristia, cuja porta estava aberta. Lalau tinha nos visto, sorriu para nós e continuou o

*Fonte: Casa Velha, de Machado de Assis (1885)

n) se pensava em outra cousa senão no baile do desembargador. Bem quisera eu saber o que era um baile, e ir a ele mas uma tal ambição podia nascer na cabeça de um alfinete, que não saía do lenço de uma triste mucama? - Certamente que não. O remédio era ficar em casa. - Felicidade, diziam as moças, à noite, no quarto, dá cá o vestido. Felicidade, aperta o vestido. Felicidade, onde estão as outras meias? - Que meias, nhanhã? - As que estavam na cadeira.. - **Uê!** nhanhã! Estão aqui mesmo. E Felicidade ia de um lado para outro, solícita, obediente, meiga, sorrindo a todas, abotoando uma, puxando as saias de outra, com pondo a cauda desta, concertando o diadema daquela, tudo com um amor de mãe, tão feliz como se fossem suas filhas. E eu vendo tudo. O que me metia inveja eram os outros alfinetes. Quando os via ir da boca da mucama, que os tirava da toilette, para o corpo das

*Fonte: História comum, de Machado de Assis (1883)

o) ninguém! Quinota Não! não! a epístola Não posso abrir! Sérios escrúpulos Devo sentir! Entretanto, é verdade Que tenho tal ou qual curiosidade, Mamãe - eu tremo! Dormindo está? Benvinda Sim, e ela memo Respondeu já. (Fortunata tem risonado) Quinota É feio, Mas que importa? Abro e leio! (Abre a carta) Juntas Quinota Benvinda Eu sou curiosa! É bem curiosa! Não sei me conter! Não há que dizê! A carta amorosa A carta amorosa Depressa vou ler! Depressa vai lê.. Ambas - **Uê!** Quinota (Lendo a carta) - " Minha bela mulata " Ambas - **Uê!** Quinota (Lendo) - " Minha bela mulata. Desde que está morando neste hotel, tenho debalde procurado falar-te. Tu não passas de uma simples mucama.. " (Dá a carta a Benvinda) A carta é para ti. (À parte) Fui bem castigada. Benvinda - Leia pra eu ouvi, nhanhã. Quinota (Lendo) - " Se queres Ter uma posição independente e uma casa tua..

*Fonte: A Capital Federal, de Artur Azevedo (1897)

p) , e passa pela frente de Benvinda muito sério) Vamos, diz alguma coisa.. Benvinda - Dizê o quê? Figueiredo (À parte) - Não compreendeu! (Alto) Qualquer coisa! Adeus, meu bem! Aonde vai com tanta pressa! Olha o lenço caiu! Benvinda - Ah! Bem! Figueiredo - Vamos, outra vez. (Repete o movimento) Benvinda - Adeus, seu Figueiredo. Figueiredo - Que Figueiredo! Eu agora sou Benvinda! E a propósito: hei de arranjar-te um nome de guerra. Benvinda - De guerra? Uê.. Figueiredo - Sim, um nome de guerra. É como se diz. Benvinda é nome de preta velha. Mas não se trata agora disso. Vou passar de novo. Não te esqueças de que eu sou tu. Já compreendeste? Benvinda - Já, sim sinhô. Figueiredo - Ora muito bem! - Lá vou eu. (Repete o movimento) Benvinda (Enquanto ele passa) - Ouve uma coisa, mulata! Vem cá, meu coração.. Figueiredo (Que tem passado imperturbável)

*Fonte: A Capital Federal, de Artur Azevedo (1897)

q) Eusébio) algum homem sério.. de meia-idade.. filho do campo.. ingênuo.. sincero.. incapaz de um embuste.. (Alisando-lhe o cabelo) - Oh! Não exigirei que ele seja belo.. Quanto mais feio for, menos ciúmes terei! (Eusébio cai como desfalecido numa cadeira, e Lola senta-se no colo dele) A esse hei de amar com frenesi.. com delírio.. (Enche-o de beijos) Eusébio (Resistindo e gritando) - Eu quero i me embora! (Ergue-se) Lola - Cala-te, criança louca.. Eusébio - Criança louca! Uê.. Lola (Com veemência) - Desde que transpuseste aquela porta, senti que uma força misteriosa e magnética me impelia para os teus braços! Ora o Gouveia! Que me importa a mim o Gouveia se és meu, se está preso pela tua Lola, que não te deixará fugir? Eusébio - Isso tudo é verdade? Lola - Estes sentimentos não se fingem! Eu adoro-te! Eusébio - Eu me conheço.. já sou um home de idade.. não sei falá como os doutô da Capitá Federá

*Fonte: A Capital Federal, de Artur Azevedo (1897)

r) mais bela! Lola Vejam que graça Tem a manola! Não é chalaça! Não é parola! Como se agita! Como rebola! Isso os excita! Isso os consola! O olhar brejeiro De uma espanhola Do mais matreiro Transtorna a bola, E sem pandeiro, Nem castanhola! Coro Vejam que graça, etc.. (Dança geral) Figueiredo - Gentilíssima Lola, permite que Radamés te apresenta Aída! Lola - Folgo muito de conhecê-la. Como se chama? Benvinda - Benv.. (Emendando) Fredegonda. Eusébio (À parte) - Fredegonda? Uê! Benvinda mudou de nome.. Figueiredo - Espero que lhe emprestes um raio da tua luz fulgurante! Lola - Pode contar com a minha amizade. Figueiredo - Agradece. Benvinda - Merci. Eusébio (À parte) - Aí, mulata.. Lola

(Vendo Eusébio) - Bravo! Não imagina como lhe fica bem essa fatiota! Eusébio - Diz que é vestuário de conde. Lola - Está irresistível! Eusébio - Só a madama podia me metê nestas fundura! Blanchette (A Lola) – Onde

*Fonte: A Capital Federal, de Artur Azevedo (1897)

s) ! O Figueiredo! Mercedes - O Radamés! Dolores - Você no Belódromo! Figueiredo - Por mero acaso.. Não gosto disto.. No Rio de Janeiro não há divertimentos que prestem! Não temos nada, nada! Eusébio (Num tom magoado) - Como vai a Fredegonda, seu Figueiredo? Figueiredo - A Fredegonda já não é Fredegonda! Todos - Ah.. Figueiredo - Tornou a ser Benvinda, como antigamente. Deixou-me! Todos - Deixou-o? Figueiredo - Deixou-me, e anda à procura de alguém que saiba lançá-la melhor do que eu! Eusébio - Uê! Figueiredo - Deve estar aqui no Belódromo.. Acompanhei-a até cá para pedir-lhe que tivesse juízo, mas a sua resolução é inabalável.. Pobre rapariga.. Eusébio (Muito comovido, para o que concorre o vinho que bebeu) - Coitada da Benvinda.. Podia tá casada e agora.. anda atirada por aí como uma coisa à-toa.. sem ninguém que tome conta dela.. (Com lágrimas na voz) Coitada.. não façam caso.. Eu vi ela pequena.. nasceu e cresceu lá em casa. (Chorando

*Fonte: A Capital Federal, de Artur Azevedo (1897)

t) - Era uma burrice! Gouveia - Custa-me crer que ela.. Eusébio - Pois creia! Beijando um mocinho, um pelintreca, seu Gouveia.. Veja o sinhô de que serviu gasta tanto dinheiro com ela.. Gouveia - Sim, o senhor educou-a bem.. ensinou-lhe muita coisa.. Eusébio (Vivamente) - Não, sinhô! Não ensinei nada.. Ela já sabia tudo! O sinhô, sim! Se arrugam ensinou foi o sinhô e não eu! Beijando um pelintreca, seu Gouveia.. Gouveia - Dona Fortunata não viu nada? Eusébio - Dona Fortunata.. Uê!.. Como é que haverá de vê.. Olhe, eu lá não vorto! Gouveia - Não volta! Ora esta! Eusébio - Não quero mais sabê dela. Gouveia - Deve lembrar-se que é pai! Eusébio - Por isso mesmo! Ah! Seu Gouveia, se arrependimento sarasse.. Bem; o sinhô vai me apadrinha, como noutro tempo se fazia cm preto fugido.. Não me atrevo a entrá In casa sozinho depois de tantos dias de ofensa! Gouveia - Em casa? Pois o senhor não

*Fonte: A Capital Federal, de Artur Azevedo (1897)